

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**O ASPECTO VERBAL NAS FORMAS PERIFRÁSTICAS DO  
PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA**

**POR:**

**Maria Margarete Fernandes de Sousa**

**ORIENTADOR:**

**Prof. Dr. Paulo Mosânio T. Duarte**

**FORTALEZA  
SETEMBRO DE 1998**

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos destinam-se, inicialmente, às seguintes instituições: à Universidade Federal de Roraima-UFRR, instituição da qual faço parte como professora, por ter-me liberado para cursar o Mestrado; à Universidade Federal do Ceará-UFC, que me acolheu durante esse período e me proporcionou a realização do curso que ora encerro; ao CNPq, pela bolsa de estudos, incentivo financeiro, que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa no referido curso de Mestrado.

Agradecimentos especiais destinam-se a todos aqueles com quem tenho convivido na família, no trabalho e na UFC. Dentre essas pessoas destaco:

- meus pais, meu marido, meus irmãos e irmãs, pelo estímulo com que sempre contei;
- Prof. Dr. Paulo Mosânio Teixeira Duarte, que, mais que meu orientador, foi meu grande mestre. Com competência, dedicação e determinação não mediu esforços para que esse trabalho se realizasse;
- a Profa. Maria Elias Soares, pela confiança, apoio e amizade com que sempre me acolheu, além das sugestões tão oportunas;
- a professora Maria do Socorro Silva de Aragão, pelo estímulo e palavras de conforto tão necessários e oportunos;
- todos os professores, funcionários, bolsistas e colegas do Curso de Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa, em especial a Maira, por sua amizade e pelas “horas extras” de estudo compartilhadas;
- os meus colegas e alunos da Universidade Federal de Roraima que me incentivaram e acreditaram que essa tarefa seria possível;
- a minha amiga (e ex-colega de trabalho), Profa. Carla Maria Cunha, companheira de estudo, que mesmo distante esteve sempre presente nessa jornada;
- a minha amiga (e também ex-colega de trabalho), Profa. Jane da Costa Naujorks, pela presença nessa jornada através da “torcida” e das palavras de conforto;
- por fim, a minha irmã Joelita. Mesmo tão atarefada ainda encontrou tempo para fazer a leitura dos originais.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, João Rebouças e Elita, pela grande lição de vida. Mesmo tendo ido tão pouco à escola, acreditavam que era através dela que chegaríamos “a algum lugar melhor na vida”;

Ao meu marido, João Agostinho, pela prazerosa e paciente companhia do dia-a-dia e pela confiança com que encara as minhas empreitadas;

Aos meus irmãos, em especial às minhas irmãs Francisca (Neném), Joelita e Fátima (Fatinha), com quem divido angústias e medos, mas, sobretudo, partilho alegrias;

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO .....	07
1. A QUESTÃO DAS PERÍFRASES.....	13
1.1. A TRADIÇÃO GRAMATICAL.....	13
1.2. A TRADIÇÃO LINGÜÍSTICA.....	
1.2.1. As Propostas Estruturalistas e Funcionalistas .....	18
1.2.1.1. Benveniste.....	18
1.2.1.2. Lobato .....	21
1.2.1.3. Macambira .....	22
1.2.1.4. Ilari .....	24
1.2.1.5. Martelotta et alii e Castilho.....	27
1.2.2. Vilela e Borba .....	31
1.2.3. A Proposta Gerativista.....	33
1.2.3.1. A Versão Transformacional de Pontes .....	33
1.2.3.2. A Versão Lexicalista de Lemle .....	38
1.3. CONCLUSÃO .....	41
2. O ASPECTO VERBAL EM GERAL.....	42
2.1. AUTORES QUE NÃO SEPARAM ASPECTO E MODO DE SER DA AÇÃO .....	42
2.1.1. Pottier e Barbosa .....	42
2.1.2. Comrie .....	46
2.1.3. Castilho.....	50
2.1.4. Costa.....	54
2.1.5. Travaglia .....	57
2.2. AUTORES QUE TRATAM ESTRUTURALMENTE O ASPECTO.....	65
2.2.1. Llorach.....	65
2.2.2. Barros.....	68
2.2.3. Soares.....	74
3. AS DIMENSÕES TEMPORAIS E AS DIMENSÕES ASPECTUAIS.....	85
3.1. AS DIMENSÕES TEMPORAIS .....	85
3.2. AS DIMENSÕES ASPECTUAIS.....	103
3.3. A RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES TEMPORAIS E AS ASPECTUAIS.....	120
CONCLUSÃO .....	123
BIBLIOGRAFIA.....	128

## RESUMO

O trabalho ora apresentado versa sobre o aspecto verbal nas formas perifrásticas encontradas no português oral culto de Fortaleza. Inicialmente fazemos uma exposição sobre o que alguns autores entendem por *perífrase*, de modo a formar uma opinião a respeito das formas perifrásticas que controlamos em nosso trabalho. Em seguida, focalizamos o aspecto, em geral, a fim de examinarmos o *corpus*, extraído do PORCUFORT. Após estudarmos diversas teorias sobre o aspecto, escolhemos a teoria de Coseriu, baseada no estruturalismo funcional, porque ela parte de dois pontos básicos: a) diferencia *Aktionsart* de aspecto; b) distingue aspecto de modo. Aplicando a doutrina de Coseriu ao *corpus*, constatamos a confirmação de algumas de nossas hipóteses, como: a) a riqueza de aspectualidade nas formações perifrásticas com gerúndio, com os verbos auxiliares *andar, viver, ficar, ir, vir, estar*, sendo este último de particular destaque; b) o uso, quase exclusivo, do verbo *ter* em lugar de *haver* na formação dos tempos compostos; c) a produtividade de *ter* (imp.) + *particípio*, em substituição a *tivera*, forma simples do pretérito mais que perfeito do indicativo; d) a ausência de algumas formas, como *tereí feito, tivera feito, fora fazer*. Alguns fatos nos surpreenderam: a) o baixo índice de utilização na formação de tempos compostos com *ter* em relação ao que esperávamos, mesmo porque esse verbo substituiu, quase que completamente, o verbo *haver*, nessa posição; b) o baixo índice de entrelaçamento entre as dimensões temporais e as aspectuais.

## ABSTRACT

This dissertation is a result of a research on the verbal aspect of periphrastical forms of the spoken oral portuguese of Fortaleza. First I examine bibliographical references about these forms so as to take a decision on which parameters I have to adopt to define them. Then I focus aspect in a general way in order to examine the *corpus*, from PORCUFORT. After studying diverse theories about aspect, I chose Coseriu's theory based upon structural functionalism, because it starts from two basic points: a) it makes difference between *Aktionsart* and aspect; b) it distinguishes aspect from mood. Applying Coseriu's theory to the *corpus*, I came to these conclusions that confirm some of my hypotheses: a) the use of main verb in gerund with the auxiliary verb *andar, viver, ficar, ir* and *estar* is expressive to engender aspect; b) *estar* is particularly remarkable among these verbs; c) the number of main verbs in participle with the auxiliary verb *ter* is noticeable and the use of this verb surpassed *haver*; c) the use of *ter* (imp) + participle is employed instead of the simple form *tivera*; d) some forms, such as *terei feito, tivera feito, fora fazer* are absent. Some facts surprised me a) in spite of its significant use, if compared to *haver*, the use of *ter* did not correspond to my expectations; b) the number of exemples in which tense and aspect are linked is insignificant.

## INTRODUÇÃO

O verbo em português foi objeto de análise de trabalhos pioneiros, como o de Camara Jr. (1988, 1989), que considerou os dados do português culto escrito, preconizado pelas gramáticas normativas; Castilho (1968), Almeida (1980), Travaglia (1981) e Soares (1987), que trabalharam a questão do aspecto na língua escrita. Costa (1986) foi um dos poucos autores, que trabalhou com a língua falada, baseada nos dados do NURC. Surgiu, então, a necessidade de um estudo mais detido sobre a categoria de aspecto com base na língua falada. Mas como uma investigação constituirá um empreendimento longo, ocorreram-nos a idéia de nos voltar para as perífrases verbais.

Sobre o assunto, não há um tratamento específico e unificado, ao que nos conste, exceto o trabalho de Dietrich (1983), *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, que objetiva abordar a posição e função de determinadas perífrases verbais aspectuais do sistema verbal das línguas românicas. Por ser um estudo de grande abrangência, o enfoque dado ao português é bastante resumido. Ademais, circunscreve-se à língua escrita.

Podemos citar também o de Almeida (1980), intitulado *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Este trabalho centra-se no estudo das perífrases verbais, em que a base é a forma infinitiva, que, segundo o autor, por possuir generalidade e prospecção oferece ao sintagma do qual participa maiores recursos para a expressão, principalmente, do modo e do aspecto na língua portuguesa. O autor limita-se às formas de infinitivo, como já colocado, o que reforça, ainda mais, a necessidade de um estudo mais detido. Os dados utilizados em seu trabalho foram retirados de romances, contos, peças de teatro, compêndios de história e de artigos de jornais portugueses. Sua intenção é, conforme explicita, abranger diferentes estilos funcionais, do literário ao coloquial, de acordo com a concepção da lingüística moderna.

Justifica-se, então, nossa pesquisa por: a) focar o assunto de forma unificada, o que permitirá conclusões idôneas e mais verticais; 2) por ter como fonte ilustrativa a língua falada. Atualmente, não se pode negar a atenção que se tem dado, em vários ramos da Lingüística, a essa modalidade de língua.

Além disto, os estudiosos, em geral, afirmam que a questão do aspecto verbal é um campo propício à investigação, o que percebemos, principalmente, quanto à abordagem na língua falada. As leituras feitas sobre o assunto levaram-nos a refletir sobre algumas questões, mais especificamente sobre questões relacionadas às formas perifrásticas, objeto de investigação do trabalho proposto, pois já intuíamos serem as referidas formas ricas em aspectualidade na modalidade de língua referida.

Diante do exposto, é nosso objetivo principal estudar o aspecto verbal perifrástico no português oral culto de Fortaleza, no sentido de aferir que grupos de perífrases são mais comuns, nessa modalidade de língua, e mais significativos aspectualmente. Para isso, elencamos todas as perífrases verbais passíveis de aspectualização encontradas no *corpus*, para abordar sua posição e função aspectual no sistema verbal do português oral culto de Fortaleza, bem como para verificar quais as formas perifrásticas de maior relevo aspectual na referida modalidade de língua.

Primeiro, fizemos um estudo prévio sobre as formações perifrásticas, no sentido de aferir o posicionamento de alguns autores a respeito dessa questão. Essa exposição possibilitou reflexão em torno do referido termo, pois nossa posição quanto a essa questão é importante para o desenrolar do assunto em estudo. Por essa razão, procuramos focalizar autores que, realmente, se detiveram sobre o assunto.

Em segundo lugar, passamos ao estudo do aspecto, em geral, baseando-nos em autores brasileiros, como Castilho (1968), Travaglia (1981), Costa (1986), Soares (1987), dentre outros. Nessa parte, expomos as idéias dos autores e tecemos comentários a respeito das convergências e divergências entre eles. Além disso, explicitamos nossa opinião a respeito das questões suscitadas. A parte teórica é de suma importância para o nosso trabalho, pois nos propomos a fazer aplicação de uma teoria aos dados da língua falada, já caracterizada. A escolha do “modelo” adequado é imprescindível para essa tarefa, razão por que o detalhamento dessa parte faz-se necessário.

Após esse estudo, optamos pelo modelo adotado por Soares (op. cit.), cujos princípios básicos adotados são norteados pelo pensamento de que “a aspectualidade é um campo semântico amplo, de noções ligadas por traços comuns referentes à maneira de ser da ação, às diferentes maneiras de se apresentar o decurso da ação” (op. cit.: 18). A autora considera aspecto as noções que recebem expressão gramatical, seja flexional ou por meio de perífrases verbais estáveis, com significado aspectual constante. As noções pertencentes



ao léxico, que são expressas pelo radical do verbo são próprias do modo da ação. Com isso ela deixa claro que *aspecto* e *modo de ser da ação* são fenômenos distintos.

O *tempo* e o *aspecto* são, pois, estudados em termos de dimensões. Têm-se, assim, as *dimensões temporais*, caracterizadas pelos *planos* e pelas *perspectivas*, e as *dimensões aspectuais*, caracterizadas pela *visão*, *fase* ou *grau* e *colocação* ou *incidência*.

Escolhido o “modelo”, passamos, então, à análise dos dados, parte central do trabalho, que consiste na aplicação do referido modelo aos dados selecionados. Nesse momento, evidenciamos fenômenos comuns à linguagem e fenômenos específicos, observados no português oral culto de Fortaleza.

Utilizamos para o nosso estudo o banco de dados PORCUFORT- Português Oral Culto de Fortaleza. Este banco foi organizado nos moldes do Projeto NURC – Norma Urbana Culta. O referido material consta de 62 inquéritos, distribuídos em: a) 13 inquéritos de Diálogo entre Dois Informantes (D2); b) 30 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID); c) 19 inquéritos de Elocuções Formais (EF), com informantes fortalezenses, em sua maioria, ou cearenses que pouco ou nunca se afastaram de seu Estado. Há informantes de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, assim distribuídas: a) I faixa, de 22 a 35 anos de idade; b) II faixa, de 36 a 55 anos; c) III faixa, a partir de 56 anos, totalizando 73 informantes.

Chamamos de *corpus* mínimo, ou simplesmente *corpus*, ao conjunto de todas as ocorrências encontradas no material em estudo que possam servir para a análise em nosso trabalho. A coleta desse *corpus* mínimo foi processada nos 62 inquéritos que compõem o banco de dados do PORCUFORT. Antes, porém, procedemos ao levantamento das possíveis perífrases que seriam atualizadas pelos falantes entrevistados, com base nas hipóteses que formulamos previamente, como:

- a) as perífrases verbais com *haver* + *particípio* são de baixo rendimento, na língua falada, em relação às de *ter* + *particípio*;
- b) as perífrases com *ter*(imperf) + *particípio* são mais produtivas e bastante usadas em lugar da forma simples de pretérito mais que perfeito;
- c) são mais produtivas as perífrases com *ter* + *particípio* dos verbos principais, em lugar de *haver*;
- d) as perífrases com gerúndio, notadamente com o verbo *estar*, são bastante produtivas na atualização do aspecto;

- e) o emprego de perífrases com *ir + infinitivo* é mais produtivo que o emprego do futuro simples;
- f) o uso do verbo como auxiliar reflete usos do verbo como nocional.

Tomamos o verbo *fazer*, a exemplo do que faz Soares (op. cit.), como representante dos demais verbos da língua para tecermos algumas considerações a respeito desta última afirmação, com dados de busca prévia em parte do *corpus* selecionado para a pesquisa.

- a) *havia feito* não é comum porque não se emprega com frequência, na fala, o verbo *haver*; normalmente ele é substituído pelo verbo *ter*;
  - *essa história de ta convocando o aluno eu achei assim uma falha da V.C. e da C. umas coisas um assunto tão tolo se conversar com aluno manda pra diretoria eu fiquei... eu... **tinha** duas menina na porta que cê tem? nã:: a tia C me mandou pra cá conversar* (D2: Inq.: 16; l: 111-4);
- b) *tinha feito* é freqüente porque *tinha* o é. A forma simples correspondente *fizera* é formal e própria de língua escrita tensa;
  - *fiz ditado só de palavrinha besta duma poesia que eu **tinha** dado ela já **tinha feito** a outra vez* (D2: Inq.: 16; l: 599-601).
- c) *tinha feito*, em lugar de *teria feito*, é mais usual porque o uso do imperfeito pelo futuro do pretérito é comum (não encontramos nenhum dado preliminar);
- d) *terei feito*, tem sentido de perfeito, ação acabada. Também não é freqüente, pois não é proveitoso o uso do futuro do presente na língua falada; o que se ouve é *tenho feito* ou *vou ter feito* com valor de *terei feito* (também não encontramos nenhum exemplo na busca preliminar);
- e) *tivera feito* não nos parece usual no português, principalmente na língua falada, assim também como sua forma simples correspondente *fizera* não o é. Em geral, é substituída pela forma simples de pretérito. Não localizamos na amostra nenhuma ocorrência.

As demais hipóteses serão comentadas ao longo da análise do *corpus*.

Além dessas hipóteses, intuímos que o falante tende a aspectualizar sua fala, o que nos levou a crer que o registro D2, de maior espontaneidade no *corpus*, favoreceria a atualização do aspecto.

Elencamos todas as situações encontradas no banco de dados especificado em que se apresentavam perífrases verbais marcadas aspectualmente. Limitamo-nos a essa

condição, seguindo atentamente o objetivo do nosso trabalho: o estudo do aspecto nas formas perifrásticas. Excepcionalmente, catalogamos as ocorrências com *ir*, pois percebemos que, em certos contextos, quando não usado em sentido de movimento, pode expressar aspecto.

Feita a coleta dos dados a serem analisados, estabelecemos uma maneira para a identificação das ocorrências. A simbologia usada para essa identificação é a padrão. Os inquéritos são identificados por sua sigla convencional: D2, para os registros de Diálogos entre Dois Informantes; DID, para os registros de Diálogos entre Informante e Documentador; e EF, para os de Elocuções Formais. Em seguida, colocamos o número do inquérito e, por fim, o número das linhas onde estão inseridas as ocorrências, todos em negrito. Como o nosso banco de dados ainda não foi publicado em versão definitiva, não pudemos registrar o número das páginas que, certamente, facilitaria a consulta ao banco de dados.

A título de ilustração, observemos o exemplo abaixo que mostra a forma de identificação dos dados nos respectivos registros.

- José Menezes... um:: cearensezinho que veio lá:: do interior de Jardim mas que está brilhando intensamente viu?... no::... no cenário musical... brasileiro (**D2: Inq.: 06, l:297-9**)

Da mesma maneira identificaremos as perífrases que serão analisadas no decorrer do trabalho. Tomemos o exemplo a seguir.

- José Menezes... um:: cearensezinho que veio lá:: do interior de Jardim mas que **está brilhando** intensamente viu?... no::... no cenário musical... brasileiro (D2: Inq.: 06, l:297-9);

Decidimos manter a transcrição das situações tal qual se encontra no material em estudo, já que os destaques não causam interferência em nosso estudo.

De posse do *corpus* mínimo, aplicamos o “modelo”, cuja opção só foi possível após o estudo para a Fundamentação Teórica da pesquisa, que nos possibilitou o contato com algumas teorias e nos levou a escolher uma que consideramos mais adequada ao nosso material. Optamos pela proposta de Coseriu (1980), para as línguas românicas, adaptada por Soares (1987), para o português. Apesar de a autora não ter trabalhado com dados da língua falada, não inviabiliza a aplicação com os dados desta modalidade.

Apresentamos, por fim, nossas conclusões a respeito do assunto em estudo. Momento em que evidenciamos, também, as lacunas existentes no “modelo” seguido, bem como destacamos nossa impressão a respeito dos fatos inerentes à língua em estudo.

Em resumo, nosso trabalho está assim distribuído:

- 1- estudo sobre a questão das perífrases;
- 2- estudo sobre o aspecto, em geral;
- 3- análise das dimensões temporais, das aspectuais e da relação entre as dimensões temporais e aspectuais, presentes no *corpus* selecionado.

Conclusão – exposição sumária sobre os fenômenos básicos referentes ao estudo das perífrases no português oral culto do fortalezense.

## 1. A QUESTÃO DAS PERÍFRASES VERBAIS

### 1.1 A TRADIÇÃO GRAMATICAL

Para a referência à tradição gramatical, impõe-se aludir ao trabalho de Pontes (1973), em que a autora levanta alguns problemas quanto à situação dos chamados Tempos Compostos (TC), Conjugações Perifrástica (CP) ou Locução Verbal (LV), tendo em vista a falta de definição rigorosa destes termos e a questão relativa ao emprego dos mesmos. O que ela busca com esse trabalho é esclarecer melhor a questão, notadamente quanto à especificação e escolha de critérios subjacentes a cada denominação.

O primeiro gramático a se referir ao assunto foi João de Barros, em 1957, na *Gramática da Língua Portuguesa*, tomando como modelo, para a análise do português, a gramática latina. Esse estudo consistia em listar formas verbais latinas e buscar formas correspondentes em português. Quando não encontrava as formas sintéticas concluía que tais formas eram substituídas por seqüências verbais. A utilização desse “recurso” denominou “tempo por rodeio”, através de verbos, como *ser* (*Eu sou amado dos homens e Deus é glorificado de mi*), *ter* e *haver* (*tivera amado; teria amado; ter amado; haver de amar* – para indicar tempo vindouro). Note-se que ele não se manifesta quanto a uma denominação claramente positiva para essa seqüência, apenas reconhece sua existência como “seqüências de verbos”.

Quanto às denominações de Tempo Composto (TC) e Conjugações Perifrásticas (CP), Pontes esclarece que, de modo geral, não há uma definição do que seja uma e outra. Prova disso é a “confusão” que existe entre os gramáticos a respeito do que deva ser considerado TC. Existem, conforme pode ser vista à página 17<sup>1</sup>:

- a) gramáticos que consideram TC apenas as seqüências formadas de TER (e HAVER) mais particípio, a exemplo de Epiphanyo Dias (1959), Gladstone Chaves de Melo (1968), e Júlio Ribeiro (1885);
- b) gramáticos que incluem, entre os TC, os formados com o verbo SER mais particípio, como Evanildo Bechara (1966), Carlos Góes (1917), João Ribeiro (1926);
- c) gramático que inclui entre os TC ESTAR mais particípio e exclui SER: Eduardo Carlos Pereira (1909);

<sup>1</sup> Citamos de Pontes apenas as obras que temos em mãos, todavia com data diferente da que a autora apresenta.

- d) gramático que fala em TC, mas não explicita quais são eles: Celso Cunha (1970);
- e) gramáticos que consideram TC os formados com TER, HAVER, SER, ESTAR: Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade (1894).

Ela observou que não há entre os gramáticos, exceto Said Ali (1963), preocupação em justificar a distinção entre TC e CP, e os que tentaram fazê-lo não foram convincentes, como Gladstone Chaves de Melo (1968). Para ele, a) os TC fazem parte da conjugação; cada um possui seu nome; b) as LV ou CP se destinam a indicar aspecto.

Segundo Pontes, a primeira justificativa nada explica, já que foi entre os próprios gramáticos que se consolidou o hábito de se referir aos TC como parte das conjugações. O fato de terem nomes não significa nada, também, pois foram os gramáticos que lhes atribuíram essa alcunha. O que justificaria seria o fato de serem os TC considerados diferentes de outras seqüências pela tradição gramatical. Quanto à segunda razão, de que os TC distinguem-se das CP por estas indicarem aspecto, idéia que partilha com Kury (1960), não procede, pois *ter* + particípio, considerado TC, também indica aspecto. Logo, isto não é fato característico exclusivo do que ele denomina de Conjugações Perifrásticas.

Said Ali (op. cit) se insurge contra a distinção entre TC e CP por considerar inexpressivas as denominações atribuídas aos TC (pretérito perfeito composto, mais que perfeito composto etc.). Com isso, ele também quer dizer que não concorda com a inclusão dos TC na conjugação verbal, pois, para ele:

as diversas formas *ter feito, tenho feito, tinha feito, tive feito* etc. irmanaram-se todas por um traço semântico proveniente da origem comum, e o seu estudo – mau grado a tradição até o presente seguida – é para fazer-se em conjunto e fora do quadro das formas simples, aliviando-se assim o paradigma geral dos complicados ingredientes de tempos perfeitos compostos e tempos anteriores, passados e exatos. Trata-se de uma conjugação perifrástica (p. 19).

Afirma, inclusive, que nem diacronicamente se pode justificar tal distinção. Além deste gramático, não separam TC de CP: Barbosa (1871), Maciel (1931), Ernesto Ribeiro (1950), João Ribeiro (1926), Bueno (1968), Rocha Lima (1964).

Muitos gramáticos defendem, todavia, a distinção entre TC e CP, como Júlio Ribeiro (1885), Silva Jr. e Andrade (1894), Brandão (1963) e Pereira (1909). Consideram como TC as seqüências verbais formadas com o verbo principal no particípio e perífrases as seqüências em que aparecem o gerúndio ou infinitivo. Por esta razão, separam *ter, haver, estar* dos demais auxiliares. Pontes considera descabido tal motivo, pois se se atribui um nome diferente à seqüência com particípio, por que não proceder de forma

semelhante com relação às formadas com gerúndio e infinitivo já que são, também, diferentes?

Por considerar que a maioria dos gramáticos conserva a tradição de separar TC de CP sem, contudo, se preocupar com os fundamentos para tal decisão, e por não ter-se convencido das razões colocadas por alguns, é que Pontes abandona as denominações de TC e CP e assume a denominação de Locução Verbal (LV), como designação geral para as seqüências verbais.

Os autores citados por Pontes, quanto à análise das LV, não se preocupam com definições rigorosas, nem com o esclarecimento de suas acepções. Segundo a autora, foi Said Ali quem demonstrou maior interesse pelo assunto e quem, de certa forma, melhor caracteriza a LV, atentando para três critérios principais que se interrelacionam: o funcional, o semântico e o histórico. Posteriormente, ele inclui o da comparação com outras línguas (na obra *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 1957). Mesclando os critérios *semântico* e *funcional* classifica os verbos em nocionais e relacionais. O verbo auxiliar é, dessa forma, caracterizado como relacional, combinado com infinitivo, gerúndio e participípio. O critério histórico entra em ação quando ele diz que:

compete ao verbo expressar o predicado, termo essencial a toda proposição; e se esta prerrogativa desaparece ou diminui em *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar* etc. acompanhado de outro termo predicativo compensa-se a perda por assumir estoutro vocábulo a princípio usado como anexo, funções próprias do verbo (Said Ali; 1957:23)

Resume, dizendo que:

chamará de verbos nocionais àqueles que não sofrem a influência do anexo predicativo e vêm usados com o mesmo sentido e o mesmo ofício de predicativo como se tal anexo não existisse. Verbos relacionais são, pelo contrário, aqueles cuja acepção própria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo originariamente anexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o ofício de predicado da oração (id. ib.).

Vê-se, portanto, que o fundamento desta análise é o histórico, através do qual o autor trata os verbos *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar* ou ainda *andar*, *vir*, *ir*, usados em lugar de *estar*, que possuem a significação concreta, apenas em certas construções. Igual procedimento faz com os verbos *ter*, *haver*, *fazer*, *tornar*, lembrando como *ter* evoluiu, também em determinados contextos, do sentido original concreto e passa a auxiliar em construções com participípio, unindo-se a outro verbo chamado principal. Said Ali aconselha a utilização do critério semântico para decidir quando os verbos formam LV.

Muitos gramáticos inspiraram-se na caracterização por ele proposta. Dentre eles está Bechara (1966), que esquematiza do referido autor os auxiliares acurativos, causativos, modais, subdividindo-os, segundo o critério semântico. Também Lima (1964) e Kury (1960) nele se inspiram, adotando sua classificação para auxiliares.

Brandão (1963) e Pereira (1909) também comungam com Said Ali da sua opinião a respeito de verbos de significação esvaziada ou enfraquecida. Devido a isto, nas perífrases verbais, um dos verbos enfraquece ou esvazia o seu sentido, assumindo a função de auxiliar. Por sua vez, o outro verbo, que, a princípio, era um complemento, aos poucos vai perdendo esse caráter e é nele que se centra a idéia principal da perífrase. Isso acontece, por exemplo, com os verbos *ter* e *haver* que em conexão com o particípio de outro verbo a eles associados esvaziam-se de seu sentido e tornam-se simples auxiliares<sup>2</sup>.

Ao lado dos critérios adotados por Said Ali, há o critério sintático: para haver LV é necessário que haja relação de subordinação entre os seus membros. Se os elementos estiverem apenas coordenados, tem-se, simplesmente, seqüência. Conforme Pontes, foi Epiphânio Dias quem deu relevo especial a esse critério em *Syntaxe Histórica Portuguesa* (1959). Apresenta o assunto como a seguir:

- a) segue a tradição de estudar os tempos compostos (*tenho, terei, tinha + particípio*) junto com a conjugação;
- b) além de tratar as conjugações perifrásticas quando fala do emprego dos modos e tempos e da ligação das orações, dá-lhes tratamento à parte. Só considera conjugações perifrásticas a combinação de verbos em que entrem como auxiliares: *ir, vir, andar, estar, ter de, haver de e ser*;
- c) os demais verbos, como *julgar, prometer, jurar, sentir, querer, temer, recear, evitar* etc. são considerados à parte e analisados diferentemente.

---

<sup>2</sup> Também entre os lingüistas, Camara Jr. adota o critério da evolução semântica do verbo para caracterizá-lo como auxiliar. O autor só considera auxiliar o verbo que sofre *gramaticalização*. Segundo ele, único critério capaz de distinguir a LV da seqüência, simplesmente. Conforme Pontes, para se entender melhor a posição de Camara Jr., faz-se necessário entender conceitos como os de *significação, semantema e morfema*: “1) uma referência permanente às coisas e fenômenos do mundo exterior e às sensações, volições e idéias do nosso mundo interior; 2) um enquadramento desses significados nas categorias mentais que a língua em apreço leva em conta; 3) um índice de relação que nas frases da língua se estabelece entre as formas constituintes” (1959: 133). Em suma, o item 1 refere-se ao **semantema**, e os itens 2 e 3 aos **morfemas**, que podem ter, respectivamente, uma significação categórica ou uma significação relacional. É a partir do vocábulo que ele analisa a perífrase: “Expressão de um conceito vocabular por meio de uma expressão sintática. Tem-se, assim, a forma gramatical perifrástica, em que um vocábulo auxiliar (v.) toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal”.



De modo geral, a LV é considerada pelos autores como a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com as formas nominais de infinitivo, gerúndio e particípio. Entende-se por principal o verbo que conserva sua significação plena, e por auxiliar aquele que se combina com as formas nominais do principal. Conforme Celso Cunha (1970), aquele que perde seu sentido próprio.

Pontes acrescenta que, embora os gramáticos nem sempre explicitem os critérios adotados para a caracterização da LV, em geral fazem uso do critério da *evolução semântica*, ou seja, um critério diacrônico, a exemplo do critério da *gramaticalização* de Camara Jr. . Além desse, vem o que Said Ali chama de *comparação com outras línguas*. A autora vê problemas quanto à utilização exclusiva desses critérios, pois estes não garantem uma perfeita correspondência de significado ou comportamento dos verbos entre o uso do passado e o uso atual. Por exemplo: quanto ao verbo *querer* há conflitos no que diz respeito a sua situação de auxiliaridade. Said Ali assim o considera por influência da análise de outras línguas, como o inglês, em que *will (querer)* é auxiliar de futuro. Camara Jr., por sua vez, com base no critério de gramaticalização, considera má técnica de descrição gramatical considerá-lo dessa forma. E há, ainda, os que não se decidem a respeito, como Oiticica (1919) e Bechara (1966).

O próprio Said Ali faz confusão quanto à classificação de auxiliaridade ao se posicionar de forma contraditória, quando classifica o verbo *mandar* como auxiliar causativo, em sua obra *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1957), por influência da análise de outras línguas, e classifica-o como transitivo na obra *Gramática Histórica*, seguindo critério sintático.

Pontes sumariza assim a questão dos auxiliares, depreendendo deles:

- a) no primeiro, há um grupo de verbos em que praticamente não há discordância quanto à classificação de auxiliaridade: *ter, haver, ser, estar*. Nos dois últimos, encontram-se, entre alguns, algumas discordâncias;
- b) no segundo estão os verbos *ir, vir, andar* que, embora considerados por quase todos os gramáticos como auxiliares, recebem tratamento diferenciado por não entrarem na formação dos tempos compostos. Alguns os denominam de *acidentais*, por oposição aos *essenciais* (os quatro primeiros); outros denominam os primeiros de *mais comuns*, e outros, ainda, chamam os últimos de semi-auxiliares;

- c) no terceiro, existem verbos que Said Ali introduziu na gramática como acurativo (*começar a; estar a, para, por; tomar a; acabar de* etc.), sobre os quais são encontradas mais divergências.

Como já explicitado, a falta de uniformidade na utilização dos critérios para a identificação dos auxiliares é o ponto nodal de muitos problemas em torno da questão da auxiliaridade. Conforme expõe Cunha (1992:380), em nota de rodapé, “como não há uniformidade de critério lingüístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares”. Segundo Pontes, não só a influência da comparação com as outras línguas, mas também o critério semântico têm contribuído para aumentar as divergências que circundam a caracterização da LV. O próprio Said Ali admite que nem sempre é fácil verificar se certas seqüências verbais são, de fato, LV ou se são verbos separados, se for utilizado, apenas, o critério semântico.

Diante de tantas dificuldades, Pontes acaba por aceitar o fato de que o critério preponderante para a caracterização da LV deve ser o sintático. Assim se expressa a respeito.

Parece óbvio que é muito mais seguro analisar os verbos de acordo com seus complementos na oração do que conforme seu sentido, uma vez que nem sempre temos casos claros de sentido diverso (p. 39)

Rejeita, portanto, o critério semântico por considerá-lo pouco seguro e abandona o critério histórico por dois motivos: 1) não acha possível afirmar que todos os chamados auxiliares tiveram evolução semelhante; 2) por razões de método, não considera o método diacrônico adequado para o tipo de análise que pretende fazer: análise sincrônica do português.

## **1.2. A TRADIÇÃO LINGÜÍSTICA**

### **1.2.1. As Propostas Estruturalistas e Funcionalistas**

#### **1.2.1.1. Benveniste**

Em dois artigos, constantes de *Problemas de Lingüística Geral II* (1989), Benveniste trata de verbos auxiliares: no capítulo 9, “As Transformações das Categorias Lingüísticas”, e no capítulo 13, “Estrutura das Relações de Auxiliaridade”. Deixamos de lado o primeiro estudo, porque aí as locuções verbais são tratadas diacronicamente, já

inseridas, pelo menos em parte, no que modernamente chamamos *gramaticalização*, através da qual unidades do léxico transitam para a gramática, obedecendo à gradualidade.

Interessa-nos de perto o capítulo 13. Nele o autor remete a dois estudos. Um deles é o de Guillaume, que se exprime sobre o assunto nestes termos:

os verbos auxiliares são verbos cuja gênese material interrompida por uma conclusão mais rápida da gênese formal, fica em suspenso, não se completa e pede, conseqüentemente, um *complemento de matéria* - que estando encerrada a ontogênese da palavra - só pode vir do exterior: de uma outra palavra (apud Benveniste, 1989: 182)

Exemplificamos com *ter andado*, onde *ter* é verbo completo quanto à *forma*, já que se conjuga em todos os modos e tempos, mas incompleto quanto à *matéria*. *Andado* é a palavra que traz a matéria que falta, intervindo apenas com esta finalidade.

Em outros termos, mas com o mesmo espírito, exprime-se Tesnière:

no momento do desdobramento de um tempo simples em tempo composto, as características gramaticais são expressas no auxiliar, e a raiz verbal no auxiliado (apud Benveniste, op. cit.: 182).

Aliás, em três passagens de uma conhecida obra de Tesnière (1959), o assunto é aludido: na página 47, onde enuncia, em outras palavras, o princípio da função gramatical do *auxiliar* e da função semântica do *auxiliado*; na página 159, onde fala das frases de *cópula + adjetivo*, em que o verbo *ser* tem função estrutural e o predicativo assume função semântica; na página 398, enfim, onde retoma o princípio ora em tela, acrescentando o seguinte: os verbos auxiliares são palavras vazias, mas constituem precisamente o nó verbal da frase. São, pois, palavras vazias constitutivas,<sup>3</sup> pois assumem função estrutural e formam nós. É na referida última página que ele se explicita melhor<sup>4</sup>:

os tempos compostos são, pois, núcleos dissociados que comportam um morfema, o auxiliar, palavra constitutiva, mas vazia, que assegura a função estrutural, e semantema, o auxiliado, que assegura a função semântica.

Um mesmo auxiliar pode ter valores translativos diferentes. *Être* pode servir, ao mesmo tempo, como auxiliar do passado (*Je suis venu*) e auxiliar de passiva (*Je suis frappé*).

Benveniste desenvolve as idéias de Guillaume e de Tesnière. Reconhece o processo lingüístico de *auxiliação*, “que consiste na função sintagmática de uma *forma auxiliante* e

<sup>3</sup> Palavras *constitutivas* se opõem às *subsidiárias*, incapazes de formar nós, como os artigos (cf. Tesnière, 1959: 56).

<sup>4</sup> Les temps composé sont donc des noyaux dissociés comportant en morphème l’auxiliaire, un mot constitutif, mais vide qui en assure la fonction structurale et un semantème, l’auxilié, mot plein mais subsidiaire, qui en assure la fonction sémantique.

de uma forma auxiliada, ou mais sucintamente, de um *auxiliante* e um *auxiliado*” (op. cit.: 183). Evita o termo *auxiliar*. Em termos gerais, há três classes de auxiliação:

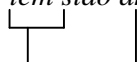
- a) auxiliação de temporalidade;
- b) auxiliação de diátese;
- c) auxiliação de modalidade

Sem entrar nos pormenores de tão intrincado assunto, alguns dos quais só dizem respeito ao francês, vamos nos deter nas linhas gerais. Tomemos a forma portuguesa de temporalidade *tínhamos chegado*. Pode-se, a partir dela, constituir um paradigma como auxiliante: *tinhas/tínhamos*, ou com o auxiliado: *chegado, partido* etc.

Em termos de *funções proposicionais*, o auxiliado representa o *argumento* e o auxiliante, a *função*.

O auxiliante *tínhamos* indica pessoa e número. E o tempo? Impossível que a noção pretérito mais que perfeito esteja na forma auxiliante. Está sim na auxiliação, na função sintagmática de *tínhamos chegado*, segundo o autor<sup>5</sup>.

Benveniste admite ainda o processo da *sobreauxiliação*, quando acontece mais de uma auxiliação em cadeia: *tem sido amado*.



No que toca à auxiliação diatética, afirma o autor:

a auxiliação de diátese está ela mesma sujeita à auxiliação temporal: uma forma passiva pode ser colocada no presente, e resulta, então, de duas auxiliações. Mas as duas auxiliações não se realizam no mesmo nível do paradigma flexional. Sua relação é assimétrica (p. 190).

Estabelece dois casos:

- a) a auxiliação de diátese começa num nível acima da auxiliação de temporalidade. Em *tinha sido lido*, por exemplo, há que se distinguir dois planos de auxiliação: temporalidade *tinha sido*; diátese *tinha sido + lido*;
- b) a auxiliação de diátese cessa num nível acima da auxiliação de temporalidade. Comparando *il a frappé* ou *il a en frappé*, o autor constata. Só a primeira construção é conversível em passiva, mas a segunda não, pela exigência de dois participios, o de *avoir*, para a temporalidade, e o de *être* para a diátese.

No referente à modalidade, Benveniste se expressa nesses termos:

entendemos por modalidade uma asserção complementar referente ao enumerado de uma relação. Como categoria lógica, a modalidade compreende: 1° - a possibilidade, 2° - a impossibilidade, 3° - a necessidade. Na perspectiva lingüística,

<sup>5</sup> Há, porém, outra interpretação: admitir que *tínhamos ... (a)do* é que expressa o conteúdo «pretérito mais que perfeito». A forma *cheg-* tem a função semântica sendo substituível por *am, - embarc -*.

esses três modos se reduzem a dois, pelo fato de que a impossibilidade não tem expressão distinta, e se exprime pela negação da possibilidade. (op. cit.: 192)

Para encerrar, não podemos deixar de registrar estas colocações de Almeida (1980: 25) ao conceito de auxiliaridade:

- a) se se reconhece à primeira vista que, no compósito *auxiliar – verbo principal*, parte do primeiro tem uma contribuição mais morfológica que parte do segundo, cuja contribuição é fundamentalmente semântica, a perífrase deve ser encarada como um conjunto. Compare-se *tenho de trabalhar / vou trabalhar* e verifique-se o valor prospectivo do infinitivo e as considerações modais diferenciais nos auxiliares;
- b) gramaticalização não implica esvaziamento de sentido, como daremos a conhecer, quando da apresentação de autores ligados ao funcionalismo;
- c) a perífrase representa um acréscimo sêmico à forma simples do verbo e, portanto, consiste na oposição que se faça entre duas construções (*amo / estou amando; trabalho / quero trabalhar*).

Especial atenção merece o item **b**, concernente ao esvaziamento semântico. Muitos autores, como Tesnière (1959) costumam opor, sem as necessárias explicações, *palavras plenas (mots pleins)* a *palavras vazias (mots vides)*. Cremos estar subentendidas as expressões *cheia* ou *vazia* (de conteúdo referencial), como deixa entrever Reis (1972). Mesmo assim, perguntamo-nos porque a plenitude tem que tomar como eixo o mundo biossocial. Ademais, não está bem colocada a diferença entre léxico e gramática, ou melhor, entre significado lexical e significado gramatical. Há, como veremos, quando expusermos a visão de funcionalistas brasileiros, casos fronteiros. A propósito desse assunto, Reis afirma:

parece que em português o esvaziamento do auxiliar não chega à sua plenitude; boa parte de sua significação primitiva ainda persiste no seu lexema. (p. 5)

#### 1.2.1.2. Lobato

Lobato (1975) passa em revista uma série de longos estudos sobre os auxiliares aos quais não faremos referência aqui. Cabe a nós destacar tão somente os aspectos conclusivos. No que tange a isto, a autora reconhece os auxiliares *lato sensu* sobre os quais se exprime nestes termos:

Z. Harris estudou uma classe de verbos denominados por ele de *operadores* que se identifica com a classe determinada pelas oposições. Trata-se do mesmo conjunto de verbos *auxiliares* de B. Pottier, já que os verbos operadores compreendem todos os verbos suscetíveis de acompanharem outro não flexionado ou uma completiva. Segundo essa análise, considera-se que toda

proposição simples é constituída de um sujeito (*argumento*) e um predicado (*função*). Acrescentando-se um ou mais operadores à proposição simples, obtém-se *transformações*. Esses operadores, que podem abranger, além dos verbos, a negação, os advérbios, etc., constituem-se especificações do predicado de base que contém um operador zero. Assim, *X trabalha* e *X começou a trabalhar* estão numa relação de “transformação”. (p. 75-6)

Comenta sobre isto a autora:

Esses verbos podem ser classificados segundo as grandes classes semânticas (ou lógicas) que constituem: operadores marcando a *intenção* (*tentar, planejar, intencionar*, etc.), o *aspecto* (*começar a, terminar de*, etc.), a *suposição* (*supor, calcular, pressentir*, etc.), o *resultado* (*chegar a, vir a, conseguir*, etc.), etc. No entanto, não são todos eles caracterizáveis pela perda semântica ou outros quaisquer critérios que não sejam os das oposições entre formas marcadas e não-marcadas ou os da sua identificação como operadores acrescentados à proposição simples.

Adotado esse critério, obtém-se a classe de auxiliares *lato sensu* ou *auxiliantes*, que abrange os verbos temporais (*ter, haver* e algumas vezes *ser*, como em *naquela época eu ainda não era nascido*), o verbo da passiva (*ser*), os verbos de desenvolvimento (*começar a, continuar a*, etc.) e os modais (*poder, dever, crer, querer*, etc.). (p. 76)

Lobato também admite os auxiliares *stricto sensu* com base nos parâmetros estabelecidos no parágrafo abaixo.

A classe de auxiliares do português moderno fica assim delimitada a quatro elementos que são realmente verbos em que se processou perda semântica e que apresentam com seu auxiliado unidade semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico), pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória e número restrito de elementos na classe, sem possibilidade de criação de outros membros por parte do falante) (p. 77).

O estudo de Lobato, contudo, carece de conclusividade, pois, como ela própria assevera:

Faz-se necessário ainda explicar que tentamos elaborar este estudo sem *parti pris*, a fim de que, só ao fim da aplicação de critérios lingüísticos, chegássemos a uma determinada conclusão. Pode ser que, aplicando ainda mais a fundo esses mesmos critérios aqui adotados, ou ainda outros, se chegue à conclusão a que chegou Ross (ou McCawley), isto é, considere-se a não existência de uma classe especial de verbos chamados auxiliares, os quais seriam tomados como *verbos principais* e *verbos auxiliares*. No estado em que apresenta este ensaio não achamos possível adotar essa posição. Tampouco seria plausível a adoção, tal qual, da análise de Chomsky, pois o comportamento dos modais ingleses é totalmente diferente do dos modais portugueses.

Finalmente, queremos deixar aqui uma pergunta em aberto. Procuramos, no correr deste trabalho, aplicar critérios que são evidentemente válidos lingüisticamente. Seriam também pertinentes, a ponto de sua convergência conduzir a uma descrição coerente? (pp. 79-0)

### 1.2.1.3. Macambira

Macambira (1987) define a locução verbal em termos de pluralidade de forma e unicidade de sentido.

Locução verbal é aquela cujos componentes constituem um todo indivisível, de tal modo que um só deles pode ser entendido como parte, seja sob o aspecto mórfico, seja sob o aspecto semântico (p. 110).

Exemplifica com a forma verbal *chovera*, substituível por *havia chovido*. O autor esquece, todavia, que nem sempre a substituição é possível, como no caso da maior parte das locuções verbais: *está chovendo*, *tem chovido*. Macambira, ele próprio, admite que, nas locuções verbais com infinitivo, existe, como se verá, o tipo insubstituível.

O lingüista cearense postula os seguintes tipos locucionais:

- a) verbal com infinitivo;
- b) verbal com gerúndio;
- c) verbal com particípio;
- d) verbal com substantivo.

O primeiro tipo admite dois subtipos: o insubstituível (por este) e o tipo predicativo (*hei de vencer*, *tenho de sair*, *estou para viajar*, *fiquei a meditar*). Excluem-se as locuções em que o infinitivo mesmo substituível por *isto*, exerce a função de adjunto adverbial: *Tu passaste a cantar*.

A doutrina de Macambira, com respeito ao quesito substituíbilidade, é ambígua e confusa. De um lado, parece insinuar que há equivalência a formas simples, o que não é verificável em português, como asseveramos a princípio; de outro, admite a insubstituíbilidade a não-equivalência a isto. Quando trata da locução verbal do tipo predicativo, assume dois discursos.

Em *estou para chegar*, reconhece que seria possível analisar o infinitivo como predicativo do sujeito, o que não invalida o caráter locucional. Já em *o caso é de lamentar*, não identifica locução, mesmo reconhecendo a substituíbilidade da preposição + infinitivo por *lamentável*.

O segundo tipo locucional constitui-se de *verbo de ligação + gerúndio*: *estou fazendo*, *fiquei fazendo*. O terceiro de *ter* ou *haver + particípio* ou *ser + particípio*, neste último caso constituindo diátese passiva. Cabem aqui algumas observações.

Em primeiro lugar: é lícito considerar particípio em ambos os casos? Em outra obra (1978), Macambira só reconhece o particípio na forma verbo-nominal de voz passiva<sup>6</sup>. Em

<sup>6</sup> Daí o nome *particípio*, de *participium*, porque a forma participa da dupla natureza verbo-nominal, conforme lição dos clássicos (cf. Robins, 1979 e Neves, 1987).

*tenho amado* a segmentação é *am-a-do* e em *ser amado*, *am-a-d-o-φ-φ*. Há uma contradição a ser registrada, portanto.

Ora, contra-argumentamos: afirmando que nem sempre o verbo auxiliar tem o sentido dissonante do do verbo empregado independentemente, não há diferença, a nosso ver, entre *começar* em *começar o estudo* e *começar a estudar*; *cessar* em *cessar de ler* e *cessar a leitura*. Nos casos de *ter* ou *haver* + *particípio* é que parece mais longínqua a relação simétrica entre *ter*, nocional, e *ter*, auxiliar. Em outros termos: é difícil mensurar em termos categóricos e absolutos a pretendida unidade semântica do composto locucional.

#### 1.2.1.4. Ilari

Ilari (1997) lembra que as gramáticas tradicionais tratam como tempos à parte as perífrases (é essa a denominação adotada por ele para as seqüências verbais) construídas com *ter* e *haver*, o que o leva a questionar quais são os auxiliares que dão origem a tempos do verbo em português. Segundo ele, as razões tradicionalmente alegadas para tratar como tempos compostos (TC) as perífrases de *ter* + *particípio passado* são, basicamente, três:

- 1) o fato de que essas perífrases comutam com formas simples do verbo;
- 2) o fato de que é impossível atribuir-se hoje um mesmo sentido ao verbo *ter* quando usado como verbo principal ou como auxiliar;
- 3) o fato de que *ter* e a base verbal indicam uma única ação, atribuída a um único sujeito.

Ilari caracteriza as construções perifrásticas “como resultado de aproximação sintagmática de um verbo auxiliar, em uma das tantas formas flexionadas, e de uma forma nominal do verbo significativo” (p. 34).

Os critérios especificados servem, principalmente, para assinalar a distância entre o verbo *ter*, como auxiliar, e o verbo *ter* transitivo, cujo uso continua vivo em português, até hoje. Mas Ilari acrescenta que a razão maior para falar deste verbo como auxiliar de tempo “é que influencia de maneira sistemática a interpretação temporal das sentenças em que ocorre” (p. 29).

O autor referido verifica a satisfatoriedade dos critérios acima, ao discutir a validade de se considerar como auxiliares de tempo as construções com *estar* + *gerúndio*, *estar para* + *infinitivo*, *acabar de* + *infinitivo* etc. Ao proceder a análise dessas construções, ele se coloca diante das seguintes questões, que resumem os critérios já citados.



1) É possível distinguir um **uso verbal pleno** e um **uso auxiliar** para o verbo?

2) A presença do auxiliar acarreta algum efeito sistemático na interpretação temporal da sentença?  
Qual?

Ilari focaliza alguns auxiliares, como *acabar de*, *ir*, *dever*, *ter que*, *haver de* (+ infinitivo). No caso de *acabar de* + *infinitivo* o autor esclarece que não se trata, simplesmente, de se opor um uso pleno do verbo a um uso “auxiliar” desse verbo, mas trata-se de se distinguir dois auxiliares em que um indica *a conclusão de uma ação* e o outro indica *passado recente*. O primeiro caso justifica-se pelo fato de: a) co-ocorrer com a advérbio *completamente*; b) por admitir a negação; e c) por não co-ocorrer em qualquer tempo com base verbal na voz passiva. Com o segundo, dá-se o inverso. Confirmam-se os exemplos abaixo em que ambos os casos realizam-se perfeitamente.

- *O carteiro acabou completamente de percorrer o bairro* (conclusão da ação). (p. 30)
- *A casa acabou de ser pintada há poucos dias.* (passado recente). (p.31)

Comparando-se os advérbios *completamente* e *poucos dias*, observa-se que somente a segunda acepção do auxiliar em questão apresenta um papel temporal bem definido. Ilari caracteriza esse papel temporal a partir da seguinte sugestão, com base nas noções de *Momento do Evento* (ME), *Momento de Fala* (MF) e *Momento de Referência* (MR)<sup>7</sup>.

O MR de uma sentença com **acabar de + infinitivo** tem com MF a mesma relação temporal que caberia entre MF e ME de uma forma verbal simples, no tempo verbal em que está o auxiliar.

o ME da sentença perifrástica é anterior a MR;  
a relação de MR e ME é de proximidade (p. 31).

Quanto ao verbo *ir*, o autor afirma que há elementos suficientes para caracterizá-lo como auxiliar temporal. Também com o verbo *ir* (a exemplo do que ocorre com o *acabar de*), ocorrem situações distintas: a) uma em que ele apresenta sentido pleno; b) e outra em que ele é, de fato, um auxiliar de tempo. Segundo Ilari, “a distinção fica justificada pelos seguintes fenômenos sintáticos e semânticos: *ir* (primeiro caso) mas não *ir* (segundo caso) co-ocorre com *estar* e *acabar de* (passado recente) (p. 31/32).

- *Estou indo comprar água.*
- *Acabo de ir comprar água.*

<sup>7</sup> Acerca das terminologias *Momento do Evento* (ME) – o momento em que se dá o evento descrito-, *Momento da Fala* (MF) – o momento da realização da fala, o tempo da enunciação – e *Momento de Referência* (MR) – o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade, a perspectiva de tempo que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME – consulte-se Corôa (1985) e Ilari (1997).

*jogar* - *Quando ocorreu o acidente com o ônibus, o time estava indo contra o Curitiba.*(p. 32)

*\*Estou indo chegar de carro.*

*\*Acabo de ir chegar de carro*<sup>8</sup>.(p.32)

A exemplo do que fez com *acabar de*, o autor elabora uma “instrução” através da qual o valor do auxiliar de tempo *ir* deixa-se captar.

Sentenças construídas com auxiliar **ir + infinitivo** têm MR localizado em relação ao MF como os localizaria o ME de uma forma verbal simples, com os mesmos morfemas do auxiliar; o ME da sentença é posterior a MR.

Ao que parece, os verbos *dever*, *ter que*, *haver de* apresentam certas “limitações” temporais já que associam ao valor temporal diferentes tipos de modalidades, chamadas pela tradição gramatical, de “dever”, “obrigação” e “determinação”. Além do mais, os verbos *haver* e *dever* não assumem todos os morfemas do indicativo. Não é possível, por exemplo, construí-los no passado simples.

*\*Eu houve de aceitar as condições.*

*\*Eu devi aceitar as condições.*

Ilari coloca a possibilidade de haver interação de auxiliares temporais nas estruturas frasais, desde que não haja incompatibilidade entre os auxiliares, que possa provocar má-formação de combinações, conforme exemplos abaixo.

- *X tinha voltado.*
- *X acaba de acabar de dizer.*
- *X vai ir dizer.*
- *O prisioneiro acaba de ir fugir.*
- *O prisioneiro vai acabar de fugir.*

Todavia, há aceitabilidade nas construções com *ir + ter -do*.

- *Amanhã ele vai ter voltado.*

<sup>8</sup> O \* (asterisco) será usado sempre que se fizer necessário indicar formas/estruturas da língua consideradas “inadequadas”, conforme as normas gramaticais.

Com base no exposto, Ilari propõe um quadro provisório de valores temporais, que se compõe de três partes (três quadros): a) aqueles em que o tempo do verbo é a única especificação temporal; b) aqueles em que ocorrem adjuntos de tempo; e c) aqueles em que ocorrem auxiliares. Retrataremos, a seguir, o quadro correspondente ao item c que nos interessa mais de perto, pois aborda os *valores das perífrases de tempo*. Segundo ele, o uso de auxiliares proporciona às construções novas possibilidades expressivas.

#### VALORES DAS PERÍFRASES DE TEMPO

	MF > MR	MF = MR	MR > MF
ME > MR	pres. + <b>ir</b> – ter Fut. + ter	pres. + <b>acabar de</b> pres. + ter	imperf. + <b>ter</b> imperf. + <b>acabar de</b>
ME = MR			
ME < MR		pres. + <b>ir</b> fut. + <b>ir</b>	imperf. + <b>ir</b> fut. pret. + <b>ir</b>

O autor tece algumas considerações a respeito do quadro acima. Expressa-se, assim, a respeito:

- a) o uso de perífrases do tipo (**presente + ter**) + (**particípio passado**) para localizar eventos segundo a fórmula  $ME > MR = MF$  é extremamente raro, e se limita, provavelmente, hoje em dia, à expressão **tenho dito**, que tem caráter de clichê. Ao contrário, a mesma perífrase será extremamente freqüente, com valor durativo e reiterativo;
  - b) a ausência de qualquer registro na posição correspondente à fórmula  $MF > MR > ME$  dá conta da inexistência de um mecanismo *standard* para expressar futuridade em relação a um momento de referência por sua vez futuro. Possivelmente, esse sentido só se exprime em português pelo uso combinado dos auxiliares e de advérbios como **ainda**, cuja função parece ser precisamente a de indicar que o adjunto de tempo identifica MR;
  - c) a presença das formas **futuro + ir** e **futuro do pretérito + ir** nas posições  $MR < MR/MF = MR$  e  $MR < MF/ME < MR$ , respectivamente, pode surpreender pelo fato de que não se trata de formas consagradas pelas gramáticas. Na realidade, trata-se de construções extremamente freqüentes (...).
-

- d) a interpretação de **vão ter apodrecido** equivalente a **terão apodrecido**, sugere que o cálculo da interpretação das perífrases de tempo obedece a uma ordem determinada: calcula-se primeiramente o efeito da aplicação de **presente + ir + infinitivo** ao verbo **ter**, e em seguida da aplicação de **vai ter + particípio passado** à base verbal de apodrecer.

#### 1.2.1.5. Martelotta et alii e Castilho

Conforme o paradigma funcionalista da gramaticalização sobre o qual não nos deteremos aqui<sup>9</sup>, Martelotta et ali (1996) se detêm na auxiliaridade num estudo mais amplo intitulado “Integração entre Cláusulas e Gramaticalização”.

Através dos usos dos verbos apresentados, observaram outros geralmente presentes nos fenômenos da gramaticalização:

- a) ressemantização – processo que consiste na perda de significação lexical de uma forma e no conseqüente ganho de significação gramatical;
- b) reanálise – consiste na reestruturação de uma expressão ou grupo de expressões que não envolve nenhuma modificação intrínseca ou imediata da sua manifestação superficial;
- c) polissemia – refere-se a funções diferentes para uma mesma forma, sendo que a função mais antiga não é necessariamente descartada, podendo permanecer interagindo com as novas funções.

Os autores encontraram no *corpus* os seguintes verbos efetivos funcionando como auxiliares:

- a) habilitativo (23 – 8,7%): *poder*;
- b) obrigação (33 – 12,5%): *ter que, precisar, dever*;
- c) êxito (4 – 15%): *conseguir*;
- d) progressivo (87 – 33,2%): *continuar, viver, vir, estar, ir* (todos seguidos de gerúndio);
- e) reiterativo (2 – 0,7%): *voltar a*;
- f) inceptivo (69 – 26,3%): *ir, vir, começar* (com verbos no infinitivo);
- g) perceptivo (21 – 8%): *ter, haver, ser* (todos seguidos de particípio);
- h) eventualidade (15 – 5,7%): *poder*.

Exemplificaremos apenas com o verbo *ir*, encontrado no *corpus*

- a) com sentido pleno:

<sup>9</sup> Cf. na mesma obra os dois capítulos preliminares um de Votre “Um paradigma para a lingüística funcional”, o outro de Martelotta et ali, “O paradigma da gramaticalização”.

*A gente saiu da festa ... **foi** prum bar*

b) como efetivo auxiliar

*ai ele falou assim ... “não ... porque ó ... primeiro de tudo ... já **vou** te **avisando** ... que não deu tempo de ir no banco ... então eu peguei o cheque*

Os autores flagraram um caso fronteiroço entre o lexical e o gramatical, configurando-se assim ambigüidade:

*Perdi a direção do carro ... e **fui raspando** o carro pelo paredão do túnel*

Explicam à página 94:

- a) num sentido, o verbo *ir* é pleno, mantém a noção de movimento físico e o segundo verbo inicia outra cláusula com valor circunstancial;
- b) num outro sentido (mais novo), o verbo *ir* é efetivo, formando uma locução com o segundo verbo, apresentando-se como uma flexão do verbo principal.

No que concerne à reanálise, *ir*, (como *vir*), como efetivo progressivo ou inceptivo, vem sofrendo um processo da reanálise sintática e de mudança semântica. Exemplos (p. 102):

Estágio 1: *Vamos ali tomar coca-cola*

Estágio 2: *Vamos tomar coca-cola*

Estágio 3: *Eu vou ler o texto / Vai começar o discurso*

Estágio 1: *A gente vai pela estrada falando sobre a vida*

Estágio 2: *A gente vai falando sobre a vida*

Estágio 3: *Já vou falando que não deu tempo*

É digno de registro que os pesquisadores encontraram outros verbos funcionando como auxiliar:

- *Querer*: na locução *querer dizer*
  - *Nuvem preta quer dizer chuva.*
  - *Eu não disse que aquela nuvem preta **queria dizer** chuva.*

Note-se que o sujeito da primeira cláusula não é animado, *dizer* não é objeto de desejo do verbo *querer*.

Os autores postulam, conforme um dos princípios da gramaticalização, um uso ambíguo, intermediário, em que o verbo é interpretável como pleno ou como auxiliar.

*Ela quer dizer uma palavra de consolo.*

- *Deixar*:

(...) *qual o prato que você mais gosta de fazer?*

*Êh arroz ... feijão ... macarrão.*

*Qual que você gostaria de me ensinar?*

*Êh **deixe ver** macarrão ... não arroz ...*

Justificam: “o informante não pede permissão, mas usa a expressão **deixe ver** como um marcador para preencher o tempo em que está pensando”. (p. 108)

- *Saber:*

- *Sei fazer cubinhos*

- *Sei fazer bonecos de pano*

Não há equivalência a:

- *Sei que faço cubinhos*

- *Sei que faço bonecos de pano*

mas a:

- *Posso fazer cubinhos*

- *Posso fazer bonecos de pano*

Noutro estudo mais amplo “Gramaticalização na Ordenação Vocabular de Sujeito e Auxiliar – Verbo”, Votre e Cezario (1996) procederam a um estudo tópico sobre as cláusulas com auxiliar – verbo. Contemplam-se as seguintes posições do sujeito: antes ou depois do amálgama auxiliar – verbo ou entre auxiliar e verbo.

Concluem que o “auxiliar provém de um verbo pleno, transitivo ou intransitivo e o segundo verbo de um complemento (oracional) do verbo transitivo, ou de cláusula autônoma, justaposta em relação à primeira” (p. 125). Há, pois, cláusulas em série que se fundiriam. Constata-se forte coesão entre auxiliar e verbo, tanto em S a V como em V a S.

Face a exemplos como esse abaixo

- *Fica todo mundo tremendo de medo*

que representa um caso intermediário de consolidação sintática, assim se pronunciam os autores:

por um lado, tem-se a impressão de que o sujeito desempenha uma função híbrida, em a S, e com o verbo principal, em SV: a) *Fica todo mundo // tremendo de medo*; e b) *Fica // todo mundo tremendo de medo*. Com efeito, pode-se pensar em estreita coesão entre auxiliar e sujeito, tendo nesse caso o verbo como uma espécie de circunstancial; entretanto sempre é possível fazer a leitura oposta, descartando o auxiliar, e mantendo coesos SV (p. 126).

Também conforme o cânon funcionalista da gramaticalização, embora com um ou outro matiz teórico diferencial no qual não nos ateremos, Castilho (In. *Estudos Lingüísticos*

e *Literários*, 1997) toca no problema da auxiliaridade. Detenhamo-nos no estudo sobre o grupo verbal.

Uma vez que, como categoria primária, aparentemente o verbo não deriva de outra classe lexical a não ser por sufixação a partir de base nominal, o fenômeno mais digno de nota em gramaticalização é o da passagem de verbo pleno a verbo funcional e deste para verbo auxiliar.

Um verbo funcional transfere o papel de núcleo de predicado para os constituintes à direita, que se tornam portadores de pessoa, número, tempo e modo. O verbo auxiliar, por sua vez, acompanha um verbo nuclear na forma nominal, ao qual atribui as categorias de pessoa e número, especializando-se como auxiliar de tempo, modo e aspecto. Já discutimos isto, razão por que não o faremos mais aqui.<sup>10</sup>

Castilho propõe o seguinte trajeto, no qual o verbo auxiliar é uma etapa:

**Verbo pleno > Verbo Funcional > Verbo Auxiliar > Clítico > Afix**

Apoiado em Lehmann (1982: 38), Castilho refere que são infrutíferas as longas discussões acerca do estatuto categorial dos verbos auxiliares, uma vez que, segundo o primeiro estudioso, “duas categorias gramaticais conexas por uma escala de gramaticalização não são a mesma nem distintas. A diferença entre elas é gradual, e não há claras linhas divisórias”.

Como vemos, um dos princípios da gramaticalização, quer na versão de Martelotta et alii, quer na de Votre e Cezario, quer na de Castilho, é o do gradualismo.

### 1.2.2. Vilela e Borba

Vilela (1986), em estudo sobre os *verbos funcionais*, estes definidos como “verbos que fazem parte de uma forma ampliada com um substantivo deverbal equivalente de modo mais ou menos aproximado ao de um verbo simples” (p. 81), apenas sugere que o assunto se insere no dos auxiliares. A razão é que, para o autor, este último grupo exibe uma significação nitidamente gramaticalizada, perdendo parte de seu significado lexical.

Vilela segue uma doutrina, cujo representante entre nós é Said Ali (1966: 157-61). Diacronicamente falando, é possível mostrar isto com verbos como *ser*, que se esvaiu do primitivo sentido existencial, ou *estar*, que não significa mais, como o étimo *stare*, “estar de pé”. E sincronicamente? No plano sincrônico, são distantes as relações semânticas entre

---

<sup>10</sup> Para detalhes ilustrativos sobre o assunto, em português, examine-se Castilho (1997; 33-4) e Mattos e Silva (1994; 61-8).

*ter* nocional e *ter* auxiliar, mas há ainda certa proximidade de sentido entre *estar* como verbo de cópula e verbo auxiliar.

O problema é que Vilela não deixa claro em que termos coloca o esvaimento do significado lexical ou de parcela deste. Perceber-se-ia ou não alguma relação entre *dar*, em *dei o livro a João*, e em *dei permissão a João para entrar*? Qual entre os sentidos de *dar* é elegível como lexical?

Vilela não se detém nos verbos auxiliares. Simplesmente se limita a sinalizar pontos de contato entre estes e os verbos funcionais.

Borba (1996) é quem nos oferece uma visão mais clara sobre o assunto. Não separa os verbos auxiliares dos funcionais, mas os inclui nestes últimos:

um verbo é funcional quando: (i) relaciona-se com outro pleno, núcleo de predicado – ocupando, portanto, uma posição periférica no interior do sintagma verbal, e (ii) tiver uma significação gramatical ou for suporte de categorias gramaticais. Incluem-se nesse conjunto os auxiliares e os verbalizadores ou verbos suporte (p. 75).

Um verbo é auxiliar quando o verbo principal expressa a predicação e o auxiliar, as categorias de tempo, voz e aspecto. O auxiliar tem também, segundo o autor, distribuição fixa. Liga-se, por meio de preposição ou não, a outro verbo (principal) que obrigatoriamente estará no infinitivo, no gerúndio ou particípio.

Para o nosso estudo específico sobre o aspecto, a proposta de Borba é de serventia parcial. Começamos de imediato por registrar uma tautologia, um certo círculo vicioso: define-se a auxiliação (valendo-nos de Benveniste) em termos de aspecto, de modo que o assunto não ganha estatuto próprio. É preciso delimitar o que é aspecto (bem como voz e tempo) para saber o que é auxiliação.

Vamos às pistas mais específicas. Estar ou não ligada a preposição à forma nominal de um verbo não é distintivo por si, pois há verbos nocionais nestas circunstâncias:

- *Apreciei estar aqui.*
- *Gosto de estar aqui*

Percebe-se que não há, inclusive, equivalência com uma desenvolvida, devido à existência de sujeito idêntico para o verbo da principal e o verbo da subordinada:

- \* *Aprecio que eu esteja aqui.*
- \* *Gosto de que estou aqui.*

Todavia, quando são sujeitos diferentes impõe-se a oração desenvolvida:

- *Aprecio que estejam aqui.*
- *Gosto (de) que estejam aqui*



Nem sempre, todavia, é possível a equivalência entre desenvolvida e reduzida.

Exemplo disto são as modais:

- *João aprendeu estudando.*

Observe que ambos os verbos podem ser expandidos por complementos:

- *João aprendeu as disciplinas estudando-as.*

Pode-se objetar que se pode fazer o mesmo com *estar* e *ficar*:

- *João ficou lendo o livro na sala.*

- *João ficou na sala lendo o livro.*

- *João está estudando a lição na sala*

- *João está na sala estudando a lição.*

Note-se, contudo, o comportamento unitário do verbo mais gerúndio em:

- *João está sendo muito gentil.*

- *O rapaz está ficando bravo.*

Na segunda, não há sequer condição para a presença de SP de sentido locativo:

\* *O rapaz está ficando na sala.*

Atente-se para o fato de certas combinações insólitas: *ficar estando*, *estar permanecendo* o que mostra que a condição auxiliante não implica qualquer combinatória.

Pode-se, todavia, topicalizar o verbo principal, deslocando-o ou apelando para o infinitivo. Comparem-se:

- *Estudando, ele não está.*

- *Estudar, ele não está estudando mais não.*

Certa autonomia também se percebe nos mecanismos de ênfase, que se impõe ao verbo principal:

- *João ficou lendo.*

- *João ficou é lendo* (não estudando).

Pode-se enfatizar o conjunto:

- *João deseja é ficar lendo.*

mas não se diz:

\* *Foi lendo que João ficou.*

A clivagem para *João aprendeu estudando* é *Foi estudando que João aprendeu.*

### 1.2.3. A Proposta Gerativista

#### 1.2.3.1. A Versão Transformacional de Pontes

Ao falar do auxiliar, em português, Pontes (1973) é enfática ao afirmar que o verbo *ter* detém todos os requisitos para ocupar lugar de destaque nesse assunto. Além dele, somente o verbo *haver* pode acompanhá-lo, contudo considera-o uma variante estilística de *ter*, própria da linguagem literária. Entretanto, a autora não se compromete completamente com essa posição, pois acaba por dizer que:

se isto não for correto, não faz diferença para o nosso trabalho. O que nos interessa é constatar que nesta posição há apenas dois verbos (eventualmente, um) que se comportam de maneira diferente de outros verbos da língua (p. 50).

Aponta as características a seguir para os verbos *ter* e *haver* já que os considera iguais:

- a) têm uma posição fixa na seqüência verbal. Podem preceder *estar –ndo*, mas não podem segui-lo; devem seguir o modal<sup>11</sup>, não podem precedê-lo: seu lugar é entre os dois (*Tem estado comprando.*);
- b) o particípio que se combina com *ter* fica invariável; não concorda com o sujeito, como acontece com o particípio dependente de *ser*, *estar*, *ficar* etc. (*\*Os meninos têm estudados*);
- c) quando se transforma uma oração ativa em passiva, *ter –do* continua na mesma posição: entre o modal e o progressivo;
  - *João tem comprado flores.*
  - *Flores têm sido compradas por João.* (p. 51)
- d) *ter –do* funciona como uma unidade, em relação a *tempo*, tendo seus adjuntos temporais de acordo. Com o presente, por exemplo, o adjunto típico é *ultimamente*;
  - *João tem estudado **ultimamente**.* (p. 51)

Ela observa que com o presente simples o uso dos adjuntos é já um tanto forçado.

- *João estuda **ultimamente**.* (p. 51)

Esclarece, todavia, que o adjunto temporal, nessas situações, se referem à seqüência como um todo, tanto que podem mudar de lugar sem que o significado se altere.

- ***Ultimamente**, João tem estudado.*  
 - *João, **ultimamente**, tem estudado.*

<sup>11</sup> Por *modal*, Pontes entende os verbos que se constróem com infinitivo.

- *João tem, **ultimamente**, estudado.* (p. 52)

- e) a unidade da seqüência se vê, também, pela negação, que se refere à seqüência como um todo e não pode aparecer senão antes dela, em geral;

- *João **não** tem estudado.*  
 \**João tem **não** estudado.* (p. 52)

- f) a restrição de seleção vigora entre o sujeito da oração e o verbo principal; *ter* não interfere;

- *A pedra quebrou.*  
 - *A pedra tinha quebrado.*  
 \**A pedra tinha lido.* (p.52)

- g) *ter* combina-se com qualquer verbo até impessoal;

- *Tinha chovido.*  
 - *Tinha havido aula.* (p.52)

Diante do exposto, Pontes afirma que:

estas características fazem de TER um verbo diferente de outros e fazem com que se pense que, se algum verbo deve ser considerado auxiliar, TER seja o seu protótipo. Considerando-o como um constituinte de Aux., estaremos levando em conta exatamente a peculiaridade desta seqüência TER –do, que tem um significado próprio, coeso e se comporte sintaticamente de maneira tão especial (p.52).

Mesmo advogando em favor de *ter* como protótipo dos auxiliares, a autora admite que os verbos *ser*, *estar* também são auxiliares ainda que as reformulações da Gramática Transformacional tenham sugerido considerar *ser –do* e *estar –ndo* como verbos comuns.

Conforme já explicitado, as demais seqüências de particípio são diferentes das com o verbo *ter*. Sua posição na seqüência, quando formada por mais de dois verbos, é sempre em último lugar, antes do verbo principal. Confirmam-se os exemplos abaixo:

- *João foi **humilhado**.*  
 - *João está sendo **humilhado**.*  
 - *João tem sido **humilhado**.*  
 - *João tem estado sendo **humilhado**.*  
 - *João deve Ter estado sendo **humilhado**.* (p. 54)

Nesses casos, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito.

- *Os meninos estão sendo humilhados.*  
 - *As meninas estão sendo humilhadas.* (p.54)

Pontes evidencia que com estes verbos há restrição seletiva por ocasião da formação da passiva, pois a construção passiva só é possível com uma subclasse de verbos,

os transitivos. Em decorrência dessa restrição, os estudiosos foram levados a tratar a passiva como uma estrutura superficial (ES), que se origina de uma estrutura profunda (EP) semelhante à da oração ativa. Através da transformação passiva, essa estrutura chega à forma de ES. Essa regra transformacional é preconizada por Chomsky, que parte da premissa de que uma oração ativa é uma paráfrase da passiva<sup>12</sup>.

- *João humilhou Paulo.*
- *Paulo foi humilhado por João.* (p. 55)

A transformação, nesse caso, só foi possível porque o verbo *humilhar* teve suas condições atendidas: sujeito e objeto animados. O que não ocorre com os exemplos abaixo.

- *João comeu o pão.*
- \**O pão comeu João.*
- *O pão foi comido por João.*
- \**João foi comido pelo pão.* (p. 55)

A exemplo do que ocorre com *ser* dá-se com *estar*. As construções com o segundo verbo admitem o agente da passiva e correspondem a uma oração ativa.

- “*De resto, o estudo está feito por mão de mestre*”. (Mário de Andrade apud Pontes; op. cit.: 55)
- *Mão de mestre fez o estudo.* (p. 55)

Ainda assim, há algumas diferenças entre essas estruturas e as formadas com *ser*:

- a) as de *ser*, quando estão no presente, correspondem ao presente ativo (*é amado – ama*) e as de *estar* correspondem, em geral, às formas perfeitas (*está feito – fez*);
- b) as construções com *estar +do* não podem ser antecedidas de *estar +ndo*;
- c) *estar –ndo* não se combina com qualquer verbo, como *sentir* (fisicamente), *cheirar*, *olhar*, *levantar-se*, *vangloriar-se*, *atrever-se*.

Pontes chama atenção para o fato de que as construções com *estar +* particípio não são simples de analisar, pois nem sempre se comportam sintaticamente como passivas. Assim como *estar*, há outros verbos que se combinam com particípio mas que não constituem orações passivas, como *andar*, *ficar*, *continuar*, *permanecer*, *viver*.

---

<sup>12</sup> Contudo em Jackendoff (1972: 335-6) a paridade ativa/passiva foi posta em xeque, conforme os exemplos abaixo:

- Muitas pessoas liam poucos livros.*
- Poucos livros são lidos por muitas pessoas.*
- Muitas flechas não atingiram o alvo.*
- O alvo não foi atingido por muitas flechas.*

É importante destacar que a aludida autora se deteve na análise das estruturas com infinitivo. Com as demais formas nominais o comportamento desses verbos pode ser diferente.

Após fazer uma exposição minuciosa das relações sintáticas estabelecidas pelos chamados auxiliares causativos, sensitivos e modais, com os demais membros da oração, Pontes chega à seguinte conclusão:

estes verbos são transitivos e o infinitivo que deles depende constitui uma oração que serve como seu objeto. (p.60)

Sobre ao *auxiliares causativos*, *fazer*, *mandar*, *deixar*, assim chamados por Said Ali, evidenciam-se as seguintes situações dentre outras:

- a) o próprio Said Ali os considera transitivos, logo como pode ser, ao mesmo tempo, transitivos e auxiliares?
- b) alguns gramáticos ensinam que se o infinitivo for desdobrável em uma oração de modo finito, esses verbos não formam LV, donde se conclui que, neste caso, não há verbo auxiliar;
- c) segundo Oiticica, se o verbo no infinitivo tem o sujeito diferente do causativo, não pode formar LV, pois a LV deve ser encarada, sempre, como equivalente a uma forma simples do verbo; para que haja LV há exigência de que os verbos estejam na mesma oração simples;
- d) o fato de o infinitivo poder flexionar-se para concordar em número com o sujeito, em desacordo com o verbo causativo, evidencia que, sintaticamente, ele não forma com tal verbo um sintagma.

Pontes crê que Said Ali e outros gramáticos foram levados a considerar os verbos causativos como auxiliares pela existência de orações em que o sujeito do infinitivo não estava expresso. Ex.: *O médico mandou entrar*. (p. 62)

Nessa oração, o sujeito de *entrar* não é o *médico*, mas “alguém” a quem esse médico mandou entrar.

Pontes também rejeita a classe dos auxiliares sensitivos: *ver*, *ouvir*, *sentir*. Nestes termos, expressa-se a autora:

considerando, pois, por um lado, que o infinitivo dependente dos sensitivos tem sujeito próprio, com o qual pode concordar e, por outro lado, que os sensitivos têm sujeito animado e objeto nominal, concluímos que estes verbos são transitivos e que o infinitivo que os completa é seu objeto. (p. 81)

Conclusão semelhante ela tira quanto aos chamados *auxiliares modais*, como *desejar, abominar, odiar, querer*. Em todos os casos examinados viu que o infinitivo dependente desses auxiliares modais deve ser analisado como formador de orações substantivas objetivas diretas, pois eles são, na realidade, verbos transitivos, cujo objeto pode ser uma oração de infinitivo.

Além dos auxiliares modais acima citados, Pontes refere-se aos verbos *tentar, buscar, pretender, ousar, atrever-se a*, indicadores de tentativa e esforço, e os verbos *conseguir e lograr*, indicadores de consecução. Esses verbos são, normalmente, dados como auxiliares pelos gramáticos, em geral. Todavia, apresentam restrições semelhantes às anteriormente explicitadas, o que os descaracterizam como auxiliares. A autora cita, ainda, os verbos *saber e vir* que, por terem comportamento semelhante aos modais, em geral, não devem ser considerados auxiliares, mas verbos comuns, o que não é verdade, pois são diferentes as construções:

- *Sei que ele lê.*
- *Sei ler.*

Percebe-se, inclusive, a combinação de *vir* (auxiliar) e *vir* (verbo principal)

- *João vem vindo do sítio.*

#### 1.2.3.2. A Versão Lexicalista de Lemle

Se, por um lado, Pontes demonstra quão complexo é definir os limites dos TC, LV ou CP, por outro, Lemle (1989), com base na hipótese lexicalista, ao que parece, considera simples a solução do problema sob a ótica da referida hipótese.

Para Lemle, através da teoria lexicalista, é possível se chegar à conclusão de que as formas gerundiais dos verbos devem ser consideradas como advérbios propriamente ditos. Tal constatação decorre de pontos, como:

- a) o mecanismo de derivar advérbios a partir de verbos nada é senão um caso a mais de regras morfológicas de correspondência entre palavras de diferentes classes gramaticais. Se a gramática já possui essas regras de formação, utilizando o mecanismo da sufixação para criar palavras a partir de outras (de verbo cria-se substantivo, por exemplo); deve ser perfeitamente possível a utilização de regras que estabeleçam uma correspondência lexical entre verbo e advérbio;

- b) na maior parte dos casos coincidem as regências das palavras cognatas pertencentes a categorias gramaticais diferentes. Ex.: *André agrada a Sílvia.* / *André é agradável a Sílvia.*

A autora esclarece que se trata, assim, de um princípio geral, razão por que este princípio deve abarcar a correspondência verbo/advérbio, nessa regularidade lexical. Ela engloba, nesse caso, todas as situações com gerúndio; desde as construções denominadas pelas gramáticas por orações reduzidas de gerúndio (*Conversando a gente se entende* (p. 117)), até os casos, também denominados pelas gramáticas, de TC (*Ela está fazendo muitas viagens* (p. 118)). Sobre o caso retratado na primeira, ela recorre aos itens *a* e *b*, acima especificados, para justificar sua posição ao classificar a forma gerundial como advérbio, simplesmente. Quanto à segunda, mantém a preservação da análise do gerúndio como advérbio com base nos seguintes pontos:

- a) falta qualquer motivo gramatical para distinguir os casos dos tipos da segunda frase de casos como: *Ela fala dormindo.*(p. 119);
- b) nenhum dos verbos da lista de candidatos a auxiliar tem apenas a função de auxiliar. Todos os verbos dados como auxiliar preenchem posições sintáticas em que são verbos principais;
- c) mesmo nas construções em que a ligação entre o verbo dito auxiliar e o principal é muito estreita, estes podem ser intercalados por um advérbio o que enfraquece o apelo intuitivo de atribuir à forma verbal finita o *status* de auxiliar.

Não consideramos bem explicados por Lemle casos como os que apresenta em:

- *Bolsas contendo livros deverão ser deixadas na portaria.*
- *Aquela garotinha usando chapéu parece uma anãzinha.*
- *Olha lá aquela nuvem parecendo um urso.*

A autora admite, com propriedade, que o papel do gerúndio, nesses casos, é semelhante ao do adjetivo. Todavia, morfológicamente, o comportamento do gerúndio é incompatível, pois não obedece à regra de concordância, própria dos nomes. Não temos as formas *contenda*, *usanda*, e *parecenda* para concordar, como fazem os adjetivos, com os nomes aos quais se referem.

Para resolver o problema, já que não admite a possibilidade de a forma gerundial ser outra coisa senão advérbio, ela busca uma análise que preencha, ao mesmo tempo, o requisito de que o gerúndio esteja numa posição compatível com o efeito semântico de modificador do nome e o de que ele mantenha a sua natureza morfológica adverbial, nesse

caso, invariável. Para construir uma análise que atenda as duas situações, a autora lança mão de estruturas sintáticas, com nós vazios, que devem ser preenchidos por regras de substituição. Para a formulação dessa análise, postulam-se regras, dentre elas uma que “cria material” para se proceder ao preenchimento dos nós vazios. E é justamente nessas regras onde reside a nossa dúvida sobre a sua eficácia para determinar se esses gerúndios são, de fato, advérbios, pois as regras de inserção de termos para o preenchimento dos nós vazios depende da “criatividade do falante”.

Lemle, ainda com base na teoria lexicalista, postula uma regra para fortalecer sua idéia sobre a situação do particípio como adjetivo, que diz que:

REGRA: à classe dos verbos corresponde uma classe de adjetivos, mediante  
o  
acréscimo do sufixo *-do* ao radical verbal (p. 123).

Segundo a autora, essa regra nada mais é senão a visão formalizada do conhecimento que vem expresso nas gramáticas tradicionais através da definição que dão ao particípio passado como adjetivo verbal. Acrescenta, também, que o enfoque lexicalista do particípio passado dá cobertura ao fenômeno da apassivação, já que essa regra abarca os fatos que se deseja ver cobertos por essa transformação, isto é, “ela mostra que a uma construção sentencial transitiva corresponde uma construção contendo adjetivo, na qual o adjetivo predica o nome que, na construção transitiva, é o objeto direto do verbo” (p. 123). Observe os exemplos a seguir:

- *O povo brasileiro foi corrompido pela escravatura.*
- *José era ansioso por liberdade.* (p.124)

Com base nessa análise, Lemle trata *corrompido pela escravatura* como um sintagma adjetivo isomórfico, sintaticamente, de *ansioso por liberdade*.

Note-se que esse procedimento ela adota para os casos de particípio passado formados com o verbo *ser*, já com o verbo *ter*, cujo particípio fica invariável, a situação não é tão facilmente explicável, pois não se pode apelar para as marcas morfológicas para analisá-lo como adjetivo. Contudo, Lemle considera que lançar mão da solução de considerar as estruturas com *ter* como TC ou CP seria entrar em choque com a postura anteriormente tomada, além de “anular o lucro analítico” que, segundo ela, obteve com a solução já explicitada quanto aos casos analisados acima. Diz, ainda, que classificar esses particípios conforme postula a gramática normativa é estar tratando de encontrar solução para casos *ad hoc*.



Assim, as construções formadas com o verbo *ter* são analisadas como estruturas formadas por *verbo* mais *advérbio deadjetival*. Essa solução decorre da criação de uma regra, já anteriormente descrita, que expressa a correspondência entre adjetivos e advérbios com idênticas formas fonológicas. Diante dos fatos expostos, Lemle conclui que:

são desnecessários para a gramática do português os conceitos de tempo composto e de verbo auxiliar, pois em todos os casos em que eles são invocados verifica-se haver outras construções na língua que requerem a postulação de regras de reescrita que vêm a cobrir também as construções chamadas de tempos compostos (p. 126).

A proposta de Lemle é controversa e de difícil aceitação. A autora lança mão de argumentos diacrônicos, ao estabelecer o elo entre gerúndio e advérbio (pp. 117-8). O argumento de que entre o verbo dito auxiliar e o verbo principal pode-se colocar advérbio não é válido, pois não é a mesma coisa:

- *Ele está na Europa fazendo muitas viagens.*
- *Ele está fazendo muitas viagens na Europa.*

A inclusão do particípio na chamada voz passiva entre os adjetivos é polêmica e simplifica e muito a questão da referida voz em português. Considerar em *ter* e *haver* mais *particípio* este último elemento como advérbio é também controverso e não tem sustentação, conforme já demonstramos.

São inválidos os argumentos diacrônicos, segundo os quais o particípio concordava com o objeto direto (*tenho cartas escritas*), uma vez que, na sincronia atual, *tenho cartas escritas* é diferente de *tenho escrito cartas*, quanto ao sentido.

Face ao exposto, consideramos neste trabalho os auxiliares nas seguintes perífrases:

- a) com infinitivo: *ir*;
- b) com gerúndio: verbos copulativos, *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, *seguir*;
- c) com particípio: *ter* e *haver*.

Excluiremos os chamados auxiliares modais, mesmo porque ainda está por fazer-se um trabalho bem assentado sobre *modo*, de maneira a dar a esta categoria um tratamento mais sistemático. Tal como está descrita, a categoria de modo parece suscetível a uma grande ampliação, confundida que é com a categoria pragmática de modalidade.

Também não faremos referência aos auxiliares diatéticos, pois a categoria de voz, pela sua complexidade, demanda estudo à parte, uma vez que é de evidenciar-se a distinção entre voz média e voz passiva, voz reflexiva e voz média. Também se faria necessário esclarecer o que é particípio, já que, sob este rótulo, se abrigam itens de distinto comportamento:

- Ele tem *lido* livros.
- Muitos livros foram *lidos*.
- Livros *lidos* são mais apreciáveis.

Impõe-se, também, verificar com vagar se apenas *ser* admite passiva ou se outros verbos a exigem a exemplo de *estar* e *ficar*.

Pela dificuldade do assunto, julgamos ser necessário um estudo independente deste que depreendemos.

## 2. O ASPECTO VERBAL EM GERAL

É grande a complexidade que envolve o estudo sobre o *aspecto verbal*. Prova disso é a grande diversidade que há nas diferentes formas de definições encontradas. Isto sem falar do questionamento a que se sujeita o próprio termo *aspecto*. Há uma corrente que coloca o referido termo e a *Aktionsart* (maneira de ser da ação) como sinônimos (Castilho; 1968; Camara Jr.; 1977, p. ex.); outra que advoga a separação entre eles (Jakobson; 1969; Corôa; 1985); há, ainda, os que optam por uma separação não-radical das duas categorias (Almeida; 1978).

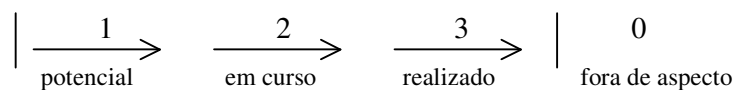
Não resta dúvida, contudo, de que existem pontos comuns nas definições propostas como poderá ser observado a seguir. Entretanto, essas convergências ante as divergências não dirimem as dificuldades encontradas para a definição e a abrangência do aspecto, o que contribui para que o assunto esteja sempre por explorar.

Para facilitar a presente exposição, vamos setorizá-la. Dividiremos os autores em dois grandes blocos. Num deles, incluiremos os autores que não diferenciam, na prática, *aspecto* e *modo de ser da ação*; noutro incluiremos aqueles que dão ao aspecto uma dimensão estrutural.

### 2.1. AUTORES QUE NÃO SEPARAM ASPECTO E MODO DE SER DA AÇÃO

#### 2.1.1. Pottier e Barbosa

Pottier (1924) afirma que o aspectivo “é a marca de uma posição numa perspectiva dinâmica” (p. 154). Aplica-se ao substantivo, ao adjetivo e ao verbo, conforme esquema:



Para fins de ilustração, apresenta os exemplos abaixo, que, a nosso ver, pouco esclarece:

#### Substantivo:

o produtor	a produção	o produto (matemática)	o produto (manufaturado)
------------	------------	---------------------------	-----------------------------

**Adjetivo:**

produtor	produtivo	produzido	produzido
----------	-----------	-----------	-----------

**Verbo**

sujar	sujando	sujado	sujo
-------	---------	--------	------

Que quer de fato o autor dizer com perspectiva dinâmica? Que significa, na verdade, *virtual, em curso*, se tomados os grupos de substantivos e adjetivos em cotejo com o grupo verbal? Pottier é demasiado esquemático em suas formulações e até reticente.

No capítulo IV, “A Formulação Modal”, coloca o desenvolvimento ao lado da modalidade, da asserção e da determinação, sem que fique claro o que o autor entende por formulação modal e de que modo as subdivisões se articulam.

Tomemos o desenvolvimento “que expressa o ponto de vista do falante a respeito do acontecimento em função do ponto de vista que ele decidiu” (1924: 177). Aí se distingue:

a) a fase: um momento do desenvolvimento:

- *eu vou comer*
- *eu estou comendo*
- *eu acabo de comer*

b) a modificação da fase: expressa a passagem de uma fase para outra:

- *começo a escrever*
- *paro de chorar*

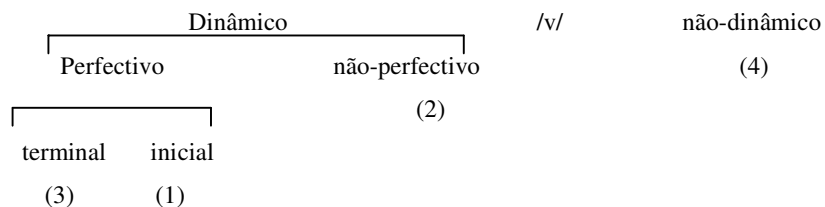
c) a relatividade: seleciona duas fases de uma fase:

- *ainda dorme*
- *continua dormindo*

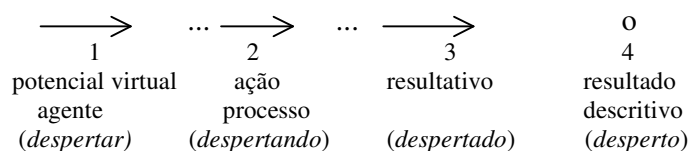
Que relação tem o *aspectivo* com a formulação modal? Se há alguma, por que estão postas uma estaque da outra? Notamos que o desenvolvimento evoca o aspecto tendo em vista os exemplos apresentados. Como sempre, as formulações de Pottier pecam por lacunas e por tendência a um descritivismo minudente, a um esquematismo exagerado.

Em trabalho (1975), Pottier e outros asseveram que o aspecto está relacionado ao dinamismo e à atividade ligada ao morfema lexical, e é nessa obra, mais que na primeira, que há uma detença um pouco sobre o tema em pauta. Segundo eles, o aspecto verbal, especificamente, está ligado ao processo evocado pela ação. Em razão disso, apresentam o

seguinte quadro aspectual em que se expõem quatro situações, que especificam melhor o que no livro anterior se chamava aspecto:



Apresentam, também a seguinte seqüência de experiência, como denomina:



Os autores não se reportam a um aspecto imperfectivo *lato sensu*, mas às formas nominais. Quanto ao gerúndio, dizem que este evoca o processo de ação em curso, que é uma das formas de caracterização do referido aspecto. O aspecto no verbo, segundo eles, atualiza-se também na forma infinitiva, denominada de *potencial*. É, pois, *prospectivo*. E o particípio, que exprime o aspecto resultativo, (término do processo) ou o resultado (fora do processo).

Esta posição é partilhada por Barbosa (1981) para quem *desenvolvimento* e *realização* são termos intimamente relacionados e combináveis. Além do mais, para ela, também, é sensível a sua correspondência com o aspecto, que indica o tipo de dinamismo ligado ao morfema lexical.

Da forma como apresenta, a autora situa os “taxemas” *desenvolvimento* e *aspecto* em termos de relação de modo que o primeiro engloba o segundo. Como Pottier admite que há uma faixa de desenvolvimento da ação, no tempo, em que se situa o acontecimento, como: a) um antes; b) iniciativo; c) desenrolar; d) terminativo; e) um depois, cujas formas de expressão desses momentos podem ser através de formas verbais simples e formas perifrásticas com infinitivo, gerúndio e particípio. Apesar de considerar o *antes* como uma faixa de desenvolvimento da ação, não o considera, porém, aspectual. A prova disso está no quadro que apresenta para ilustrar a relação que há entre os “taxemas” *desenvolvimento* e *aspecto*, conforme pode ser visualizado abaixo.

<b>TAXEMA DESENVOLVIMENTO</b>				
		DINÂMICO	ESTÁTICO	
antes	perfectivo	imperfectivo	perfectivo	
	<i>farei</i>	<i>faço, fazia fazendo</i>	<i>fiz</i>	<i>feito</i>
	1	2	3	4

**TAXEMA ASPECTO**

Corroborando também a afirmação de que “o desenvolvimento considera a ação desde a sua concepção; o aspecto, apenas na sua realização” (Barbosa; op, cit.: 1981).

Barbosa expõe, ainda, que o aspecto se manifesta gramematicamente nas três formas nominais: infinitivo, gerúndio e particípio, combinados ou não com verbos auxiliares. Para a primeira forma, o infinitivo, ela atribui característica de *uma ação em geral*; para a segunda, o gerúndio, *ação atualizada*; e para a terceira, o particípio, *resultado de outra ação*. A essas formas nominais a autora dá a seguinte classificação: a) perfectivo inicial, formado com infinitivo; b) imperfectivo, formado com gerúndio; c) perfectivo terminal, formado com particípio. Contudo, ela adverte que essa classificação depende do contexto e dos auxiliares que incidem sobre essas formas. Apresenta a seguinte ilustração:

*em não gosto de escrever, escrever é dinâmico imperfectivo; em começo a escrever a carta, escrever é dinâmico perfectivo inicial, em função de sua combinação com o auxiliar (p. 200).*

O termo dinâmico é empregado, aqui, pois dele depreende-se o “taxema” *perfectividade* que engloba as “taxes” perfectivo inicial, perfectivo terminal e imperfectivo, na concepção de Barbosa.

Diferentemente de Soares (1987), que será focalizada mais adiante, a autora acima referida destaca a participação de elementos, como *ainda, já não, talvez*, que ela chama de pró-circunstanciais, na expressão do aspecto, quando usados de forma combinada. Segundo Barbosa, *está falando* é dinâmico, imperfectivo, real. Ao se acrescentar a expressão *já não*,

incidente sobre o verbo, tem-se uma modificação no desenvolvimento da ação que passa a ser perfectivo terminal. *Ele já não está falando.*

Consideremos, porém, uma situação muito específica. Em outros contextos, o efeito não nos parece de perfectivo terminal, como atesta a frase: *Ele já não está falando tão baixo.* Ao introduzirmos um outro elemento (*tão baixo*), a situação já muda. Não há uma indicação de aspecto perfectivo terminal como ela coloca. Apesar de *já não* incidir sobre a seqüência verbal, permanece a expressão de situação dinâmica e imperfectiva, conforme prevê a combinação *estar + ndo*.

### 2.1.2. Comrie

Comrie (1976) estabelece primeiramente uma distinção terminológica entre *tense* e *time*. Segundo ele, “o tempo (*tense*) relata o tempo da situação referida para algum outro tempo, usualmente para o momento da fala”<sup>13</sup> (p. 1-2). Acrescenta que o *tense* localiza o *time* de uma situação relativa a uma situação de enunciado. Em virtude disso, é possível descrevê-lo como uma categoria dêitica, o que o difere sobremaneira do aspecto. Para Comrie:

aspectos são diferentes modos de se ver a constituição temporal interna da situação<sup>14</sup> (p. 3).

Redimensiona o aspecto opondo-o ao tempo. Este é uma categoria dêitica e o aspecto não o é. Em resumo, ele diz que o tempo (*tense*) é um tempo externo à situação, enquanto o aspecto é um tempo interno à situação. A oposição que faz entre tempo e aspecto é similar à que encontramos em Lyons (1977).

No dizer de Comrie, tem-se três aspectos principais: o perfectivo, o imperfectivo e o perfeito. Em sua concepção, são situações bem distintas. O perfeito nada diz diretamente a respeito da situação em si, ao contrário dos demais, como poderemos ver a seguir.

Comrie questiona o fato de caracterizarem, em geral, as formas perfectivas como de curta duração e as formas imperfectivas como de longa duração. Para ele, é mais seguro dizer que ambas as formas apresentam duração sem se fazer referência à duração longa ou curta, pois há línguas que contrariam essas afirmações e apresentam a situação exatamente

<sup>13</sup> Tense relates the time of the situation referred to some other time, usually to the moment of speaking.

<sup>14</sup> Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.

contrária, ou seja, é a forma imperfectiva neutra quanto a essa marca de duração, enquanto a forma perfectiva apresenta-se marcadamente como de longa duração.

Com efeito, essa situação pode se aplicar a algumas línguas, como o russo, por exemplo. Contudo, não se aplica ao português, pois os autores, em geral, admitem que a duração nas formas perfectivas é quase imperceptível, isto é, lingüisticamente não é relevante, já nas formas imperfectivas a duração é condição essencial para a sua caracterização.

Outra restrição que se coloca é quanto à associação do perfectivo na descrição de situação limitada, em oposição a não-limitada (duração), adotada inclusive por Travaglia (1985). Para esse caso, vale o argumento usado por Comrie quando diz que períodos limitados (uma hora, dez anos etc.) aplicam-se tanto às construções com formas perfectivas como com formas imperfectivas. Esse fato reforça a concepção de que as primeiras formas são detentoras de duração, embora não da forma como se processa com a imperfectiva. Assim também o autor, de acordo com o exposto, descarta a associação do conceito de perfectividade às noções de *pontualidade e momentaneidade*.

Merece registro, ainda, a referência que se faz à perfectividade como forma de indicar uma ação “completada” (*completed*) e não “completa” (*complete*). Embora os termos pareçam idênticos, há uma importante distinção semântica entre eles, que se faz indispensável na discussão sobre o aspecto. Segundo Comrie, na mesma obra, à página 18:

o perfectivo denota uma situação completa, com começo, meio e fim. O uso de ‘completada’, contudo, põe mais ênfase na terminação da situação, enquanto o uso do perfectivo não põe mais ênfase, necessariamente, no fim da situação que em qualquer outra parte da situação, ao contrário, todas as partes da situação são apresentadas como um todo simples<sup>15</sup> (p.18)

Por fim, ele considera que o perfectivo representa a ação pura e simples, sem qualquer matiz adicional. A imperfectividade é caracterizada por apresentar referência à estrutura temporal interna da situação. Comrie ressalta que a perfectividade e a imperfectividade não são incompatíveis, já que ambas podem ser expressas em uma dada língua se esta possui significado formal para isso. Abaixo visualizamos seu quadro esquemático para o aspecto.

---

<sup>15</sup> The perfective does indeed denote a complete situation, with beginning, middle, and end. The use of ‘completed’, however, puts too much emphasis on the termination of the situation, whereas, the use of the perfective puts no more emphasis, necessarily, on the end of a situation than on any other part of the situation, rather all parts of the situation are presented as single whole.



### CLASSIFICAÇÃO DE OPOSIÇÕES ASPECTUAIS



Conforme podemos observar pelo quadro, o imperfectivo subdivide-se em *habitual* e *contínuo*. O contínuo, por sua vez, subdivide-se em *progressivo* e *não-progressivo*.

Comrie diz ser comum fazerem-se a associação de habitualidade com iteratividade. No entanto, nem sempre o iterativo é habitual<sup>16</sup>. Comrie destaca dois motivos segundo os quais são distintos os referidos termos: 1) a repetição de uma situação não é suficiente para que esta possa ser referida como habitual: se uma situação é repetida um número limitado de vezes, todas essas repetições podem ser vistas como uma situação única (*single*); 2) uma situação pode ser caracterizada como habitual sem que haja qualquer iteratividade como um todo. Ex.: *Simon used to believe in ghosts.* / *Simon costuma acreditar em fantasmas*. Em resumo, diz Comrie sobre a habitualidade:

o traço que é comum a todos os habituais, se eles são ou não também iterativos, é que eles descrevem a situação que é característica de um período de tempo prolongado, tão prolongado que a situação referida é vista não como uma propriedade incidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de um período como um todo<sup>17</sup> (p. 27-28).

A outra forma de imperfectividade, a contínua, subdivide-se em *progressiva* e *não-progressiva*. A forma progressiva, em inglês, não é intercambiável com a não-progressiva como ocorre em algumas línguas. Em português, essa forma é mais comumente denominada de *cursiva*. Também em português, ela não permuta com a não-progressiva que, em nossa terminologia, pode ser inceptiva ou terminativa, por exemplo. Enquanto a chamada forma progressiva mostra a situação em desenvolvimento, ou seja, no intervalo entre os pontos de início e de fim, a não-progressiva mostra a situação, sem marcar a progressão ou o desenrolar da situação.

<sup>16</sup> Travaglia (op. cit.), entretanto, pensa diferente a respeito. Segundo ele, em todas as situações encontradas, em português, o habitual era sempre iterativo.

<sup>17</sup> The feature that is common to all habituais, whether or not they are also iterative, is that they describe a situation which is characteristic of an extended period of time, so extended in fact that the situation referred to is viewed not as an incidental property of the moment but, precisely, as a characteristic feature of a whole period.

Tendo em vista que alguns gramáticos tradicionais tentam descrever a situação de progressividade em oposição à imperfectividade, Comrie busca explicitar de que forma esses termos diferem um do outro. Segundo ele, em um dos aspectos é que a imperfectividade inclui a habitualidade como um caso especial. A situação pode ser vista como habitual sem ser, necessariamente, progressiva. Além do mais, a habitualidade, em si mesma, não é suficiente para permitir o uso de formas progressivas especificamente.

Há uma questão interessante a ser colocada. Em inglês, são consideradas agramaticais formas progressivas com os chamados verbos sensitivos (*verbs of inert perception*), como *ver (see)* e *ouvir (hear)*: \**I am seeing you there under the table* ou \**You aren't hearing*. Já em português, é perfeitamente possível dizer-se *Eu o estou vendo lá embaixo da mesa* ou *Você não está ouvindo*. Tal situação, no inglês, deve-se ao fato de que os verbos estativos não têm forma progressiva. É de caráter tópico, como vemos e diz respeito também aos verbos como *entender, viver, permanecer, ficar*.

Comrie ressalta que as diferentes línguas são livres para escolher, porém de forma arbitrária, sem um critério previamente definido, quando tais verbos são classificados como estativos ou não, o que se ilustra com o português, a propósito dos verbos *ver* e *ouvir* que admitem a forma progressiva. Note-se, contudo, que na própria língua inglesa, alguns verbos podem ser tratados como estativos em alguns momentos, e em outros como não-estativos, conforme pode-se depreender a partir dos exemplos expostos pelo aludido autor: *Fred is silly / Fred is being silly*. O primeiro exemplo pode ser entendido como o segundo. Ao se dizer que *Fred é/está bobo* quer-se dizer que ele *está sendo bobo*. O segundo exemplo pode ser entendido como *Fred está agindo à maneira de um bobo*. No primeiro caso, essa interpretação não é possível; não implica que *Fred* esteja *fazendo algo bobo*. Enquanto o segundo exemplo se refere, especificamente, *à maneira como ele está agindo num dado momento*.

Outra questão que se coloca diz respeito às noções de *duratividade* e *imperfectividade*. Há, às vezes, certa dificuldade em se fazer a distinção entre esses termos. É difícil conceber uma situação durativa que não seja imperfectiva. Comrie tenta apresentar a diferença nestes termos: a imperfectividade atualiza a situação considerando sua estrutura interna, ou seja, evidencia sua duração, sua seqüência de fases; já a duratividade faz referência, simplesmente, ao fato de que uma dada situação dura por um certo período de tempo.

O mesmo autor opõe *duratividade* à *pontualidade*. Para ele, a pontualidade não apresenta nenhum índice de duratividade, é momentânea. Nesse ponto, outros estudiosos se insurgem, como Castilho (1984) que reconhece o aspecto pontual, porém se refere a ele como de duração mínima, praticamente imperceptível, razão por que não é relevante linguisticamente. Sem contar que também os lógicos não descartam a duração em toda e qualquer situação. Todavia, concordam Castilho e Comrie em um ponto: a situação pontual não apresenta estrutura interna.

Comrie admite o papel do contexto na atualização do aspecto, pois ao se referir ao verbo *tossir* (*cough*) como ‘semelfactivo’<sup>18</sup>, reconhece que em certos contextos pode apresentar situações iterativas, quando é repetida. Em *Ele tossiu antes de começar a palestra*, o uso é semelfactivo, mas em *Ele tossiu duas vezes antes de começar a palestra* pode ser interpretada como uma situação de iteratividade. O autor reconhece que, com verbos dessa natureza, crescem as discussões. Verbos como *tossir* não são pontuais no sentido estrito, pois se referem a situações que duram por um curto período de tempo. Ademais, ressalte-se, a semelfactividade ou não decorre não do verbo em si, mas do contexto discursivo em que se encontra.

### 2.1.3. Castilho

Quando trata de aspecto, Castilho (1968) ressalta a complexidade do assunto, em especial pela diversidade de definições, caracterizações que circundam o referido tema. Em seu trabalho, inicialmente define o aspecto como:

a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo (p. 14).

Na mesma obra, apresenta uma outra definição após refletir sobre *aspecto e modo da ação*. Sobre o segundo estabelece:

o modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto (p. 40).

Quanto ao primeiro, por seu turno:

o aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo (em relação ao modo da ação, bem entendido) do falante sobre o desenvolvimento da ação. Reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a *Aktionsart*. Daqui

<sup>18</sup> É chamado verbo ‘semelfactivo’ aquele que se refere a uma situação que ocorre apenas uma vez.

reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo) (p. 41).

No artigo *Ainda o Aspecto Verbal*, 1984, Castilho apresenta outra definição para o aspecto:

*é a categorização da experiência humana relativamente aos acontecimentos, às ações, aos processos (p. 10)*

Segundo ele, o item que traduz essas noções é o verbo detentor de significação plena, pois onde há verbo, há aspecto.

Conforme o autor, é pelo semantema do verbo que se expressa o modo da ação, e pelas flexões e perífrases que se expressa o aspecto. Castilho acrescenta, ainda, que esses termos podem confundir-se ou até conflitar-se nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo. Para o autor, os conceitos para esses dois termos não devem ser distintos, pois o modo da ação engloba o aspecto, já que indica, também, duração e completamento. Há, todavia, estudos mais recentes, que serão tratados posteriormente, que apontam caminhos diferentes dos sugeridos por Castilho.

Castilho procedeu a um estudo sobre o aspecto verbal com base na língua escrita. Procurou reunir textos que fossem representativos das diferentes modalidades desse tipo de língua, do que resultou o quadro aspectual abaixo.

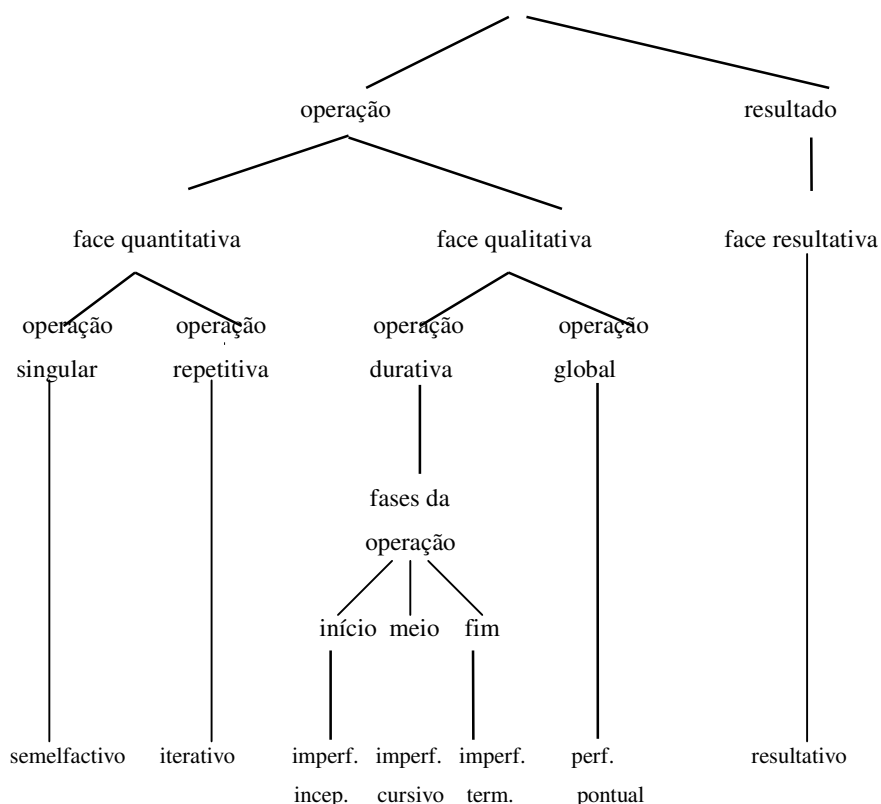
QUADRO III

Valores	Aspectos
1. Duração	Imperfectivo <i>Inceptivo</i> <i>Cursivo</i> <i>Terminativo</i>
2. Completamento	Perfectivo <i>Pontual</i> <i>Resultativo</i> <i>Cessativo</i>
3. Repetição	Iterativo <i>Iterativo Imperfec.</i> <i>Iterativo Perfec.</i>
4. Negação da Duração e do completamento	Indeterminado

Em seu artigo de 1984, *Ainda o Aspecto Verbal*, já referido, ele tenta dar uma nova configuração ao quadro aspectual acima exposto. Podemos dizer que, graficamente, o altera, pois dá relevo ao caráter pluridimensional do aspecto, razão por que desaconselha a proposta de uma tipologia de caráter excludente. É a enunciação que indicará as noções

aspectuais atualizadas no enunciado. Em essência, contudo, os valores aspectuais permanecem semelhantes aos anteriores, conforme podemos visualizar abaixo

### MODELO SEMÂNTICO PARA O ASPECTO



O que, talvez, pode ter inovado com esse trabalho, foi o destaque dado a alguns pontos importantes a respeito do aspecto. Neste estudo, chama a atenção para:

- o fato de que há sempre duração envolvendo o aspecto verbal, contudo nem sempre essa duração é, lingüisticamente, relevante, o que se aplica a alguns casos do perfectivo (com perfeito);
- o fato de que a língua portuguesa não possui marcas morfológicas expressivas para indicar aspecto;
- a importância do contexto, pois, em muitos casos, torna-se difícil a distinção de qual(is) aspecto(s) está(ão) atualizado(s) no enunciado.

A tipologia aspectual adotada, em geral, é, por vezes, controversa. Há uma diversidade grande de denominações e significações de aspecto, entre os autores. No quadro proposto por Castilho há certa confusão quanto à terminologia adotada. Note-se que ele emprega, em alguns casos, o mesmo termo para designar situações diferentes, como é o caso dos termos *perfectivo* e *imperfectivo* que estão presentes em mais de um aspecto por ele identificados, referindo-se a valores aspectuais diferentes. O termo *imperfectivo* refere-se aos aspectos *imperfectivo* e *iterativo*, e o termo *perfectivo* refere-se aos aspectos *perfectivo* e *iterativo*, também. Além do mais, sua terminologia torna-se “pesada” pelo excesso de noções presentes em cada denominação. Por exemplo: o aspecto *perfectivo* subdivide-se em *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*. O *inceptivo*, por sua vez, já se subdivide em *inceptivo propriamente dito* e *inceptivo incoativo*. O *cursivo*, por seu lado, subdivide-se em *cursivo propriamente dito* e *cursivo progressivo*. Percebe-se que o excesso de noções aspectuais acaba por gerar confusão quanto à expressão dos aspectos expressos na língua. Os limites são, em geral, muito próximos.

Dietrich (1983) assinala o forte caráter onomasiológico do trabalho de Castilho sobre o aspecto. Observa o autor:

A definição do aspecto objetivo como «representação espacial do processo» contradiz a equiparação «duração» e «aspecto imperfectivo», ou melhor «ação cumprida» e «aspecto perfectivo», já que a oposição «perfectivo»-«imperfectivo», evidentemente tomada da gramática eslava, não tem nada que ver com a duração da ação. Castilho destacando, no começo de suas explicações, a freqüente confusão terminológica e conceptual na história da investigação do aspecto (p. 20-44), não tem contribuído com a escolha dos termos para suas categorias com uma maior clareza.

Poder-se-ia pensar que a introdução de um termo neutro na série das categorias aspectuais alude a um trabalho estrutural no sentido da Escola de Copenhague. Isto suporia, todavia, que cada categoria apresentada estivesse caracterizada claramente do ponto de vista morfológico e que as categorias se delimitassem funcionalmente. Porém, isto não é possível com o método onomasiológico já citado de Castilho. As categorias são para ele unicamente tipos de designação, que podem ser expressos pelas mais diversas formas lingüísticas. Uma distinção entre língua e fala, ou melhor, entre língua, norma e fala, e a aceitação da designação como a base da investigação se excluem mutuamente. O aspecto é para Castilho «uma categoria de natureza léxico-sintática», que se deduz predominantemente do conteúdo do verbo mesmo ou das determinações adverbiais, o objeto ou a perífrase<sup>19</sup> (p. 14 e 110). (p. 141-2)

<sup>19</sup> La definición del aspecto objetivo como «representación espacial del proceso» contradice la equiparación «duração» y «aspecto imperfectivo», o bien «acción cumplida» e «aspecto perfectivo», ya que la oposición «perfectivo»-«imperfectivo», evidentemente tomada de la gramática eslava, no tiene nada que ver con la duración de la acción. Castilho destacando, al comienzo de sus explicaciones, la frecuente confusión terminológica y conceptual en la historia de la investigación del aspecto (p. 20-44), no ha contribuido con la elección de los términos para sus categorías a una mayor claridad.

Se podría pensar que la introducción de un término neutro en la serie de las categorías aspectuales alude a un trabajo estructural en el sentido de la Escuela de Copenhague. Esto supondría, sin embargo, que cada categoría presentada estuviera caracterizada claramente desde el punto de vista morfológico y que las

Às páginas 143-4, o autor se refere às teses de Castilho, neste excerto, longo, reconhecemos, mas cuja menção vale a pena, por suscitar reflexão.

Para o aspecto indeterminado Castilho não atribui uma expressão morfológica própria, melhor aparecem aqui as categorias verbais centrais caracterizadas por formas verbais simples. Todavia, parece entendê-lo como categoria positiva, em oposição as restantes categorias aspectuais, não como membro não marcado de uma oposição ‘aspectual’-‘não aspectual’. Isto significa que Castilho no fundo considera todas as formas verbais como aspectualmente caracterizadas, ou seja, que os aspectos formam oposições constantes (como no russo, por exemplo).

É evidente que aqui todas as categorias aspectuais se baseiam, em significados de fala. As perífrases não se entendem como formas morfológicamente caracterizadas de uma categoria, senão como um meio, ao lado de outros muitos, para expressar uma determinada categoria. Há que dizer, contudo, que estas categorias são extralingüísticas, já que não correspondem a distinções formais do português. No plano da língua, uma forma (por exemplo, *andar + ger.*) não pode corresponder a distintas categorias funcionais<sup>20</sup>. (p. 143)

#### 2.1.4. Costa

Costa (1986) desenvolveu um trabalho sobre o aspecto verbal com dados da língua falada, diferentemente do que fizeram os autores anteriormente citados. Em sua pesquisa, utilizou um fragmento do *corpus* do Projeto NURC.

A referida autora aborda o aspecto de modo geral, incluindo, em sua abordagem, o aspecto nas perífrases verbais. Contesta a separação entre aspecto e *Aktionsart*. Para ela, são termos equivalentes. Assim define o aspecto:

Categoria lingüística que refere a estrutura temporal interna de um fato.  
Semanticamente restringida a lexemas não pontuais (p. 92)

---

categorias se delimitaram funcionalmente. Pero esto no es posible com el método onomasiológico ya citado de Castilho. Las categorías son para él únicamente tipos de designación, que pueden ser expresados por las más diversas formas lingüísticas. Una distinción entre lengua y habla, o bien entre lengua, norma y habla, y la aceptación de la designación como la base de la investigación se excluyen mutuamente. El aspecto es para Castilho «una categoría de naturaleza léxico-sintáctica», que se deduce predominantemente del contenido del verbo mismo o de las determinaciones adverbiales, el objeto o la perífrasis (p. 14 y 110) (p. 141-2)

<sup>20</sup> Para el aspecto indeterminado Castilho no reseña una expresión morfológica propia, más bien aparecen aquí las categorías verbales centrales caracterizadas por formas verbales simples. Sin embargo, parece entenderlo como categoría positiva, en oposición a las restantes categorías aspectuales, no como miembro no marcado de una oposición ‘aspectual’-‘no aspectual’. Esto significa que Castilho en el fondo considera todas las formas verbales como aspectualmente caracterizadas, es decir, que los aspectos forman oposiciones constantes (como en el ruso, por ejemplo).

Es evidente que aquí todas las categorías aspectuales se basan en significados de habla. Las perífrasis no se entienden como formas morfológicamente caracterizadas de una categoría, sino como un medio, al lado de otros muchos, para expresar una determinada categoría. Hay que decir, sin embargo, que estas categorías son extralingüísticas, ya que no corresponden a distinciones formales del portugués. En el plano de la lengua, una forma (por ejemplo, *andar + ger.*) no puede corresponder a distintas categorías funcionales. (p. 143)

Assim como Coseriu (1980) e Soares (1984), Costa também admite que a língua portuguesa expressa o tempo “antes” do aspecto em todas as formas verbais, com exceção, é óbvio, do infinitivo, gerúndio, particípio e atemporal (ou gnômico). Quanto ao aspecto, ela diz que o falante precisa passar por “alguns passos” para expressar a referida categoria.

Ao tratar da categoria de aspecto, mais especificamente, é de opinião de que existem duas formas principais para a expressão da dita categoria: a perfectiva e a imperfectiva. Contudo, do ponto de vista semântico, é a primeira forma considerada não-marcada aspectualmente, por isso, para ela, “marcar a categoria de aspecto em português significa, em última instância, imperfectivizar o enunciado” (p. 89). Para isso faz-se necessário que a forma verbal a ser imperfectivizada atenda a algumas condições, tais como:

- a) que o lexema verbal não seja pontual;
- b) que o lexema verbal passível de ser imperfectivizado deve ser interpretado como de número singular;
- c) que o lexema possa ser tratado como um processo.

Se o falante estiver diante de uma situação que atenda a essas condições, poderá, então, escolher uma dentre duas possibilidades: 1) ou refere o fato expresso pelo verbo globalmente, sem se preocupar com a sua constituição temporal interna, e aí tem a forma perfectiva, forma neutra; 2) ou se refere a ele atentando para a sua constituição temporal interna. Nesse caso, de forma imperfectiva, forma marcada aspectualmente. Todavia, a referida autora reconhece a importância da perfectividade para o estudo da categoria de aspecto, pois como par opositivo (perfectivo x imperfectivo) torna-se indispensável. Por outro lado, ela afirma que a perfectividade só se apresenta clara, no *corpus* analisado, “quando a forma em questão aparecia no enunciado co-ocorrendo com uma forma imperfectiva, correspondente ou não, o que permitia a evidenciação da oposição aspectual no próprio enunciado”(Costa: op. cit; 90).

Enfim, o que norteou toda análise desenvolvida por Costa foi a seguinte pergunta:

o fato expresso está referido no enunciado de modo global, como um bloco inteiro, ou, ao contrário, o fato está referido levando-se em conta que ele tem uma constituição temporal interna, a qual está sendo marcada? (p. 90-91).

Conforme explicita, após observação e análise do *corpus*, chegou à seguinte conclusão:

a imperfectivização constou, no material observado, da referência ao fato como em curso (*imperfectivo em curso*); da referência ao fato como parcializado, considerada apenas uma fase constitutiva da sua temporalidade interna



(*imperfectivo – fase inicial / fase intermediária / fase final*); ou referência ao fato como um estado resultante de um processo (*imperfectivo resultativo*) (p. 91).

A primeira referência, *em curso*, inclui noções semânticas, como: *duração, continuidade, progressividade*. A seleção de uma das fases constitutivas inclui noções, como: *ingressivo e terminativo*. A autora inclui o *resultativo* na *imperfectividade*, embora o estado que apresente não constitua a temporalidade interna de qualquer fato, em virtude de estar ligado semanticamente, de certa forma, à constituição temporal interna do processo do qual esse estado é um resultado.

Ao contrário do que pensa Soares (op. cit), Costa admite que a imperfectivização (presença de aspecto) se manifesta, não só através de formas verbais simples ou perifrásticas, mas também através de circunstanciais temporais e afixos, embora aceite que são as perífrases o meio mais produtivo de expressão aspectual. E é justamente nesse ponto que nos deteremos um pouco mais.

Ao tratar das perífrases imperfectivas encontradas no *corpus* que analisou, Costa observou que os verbos que funcionam como auxiliares de imperfectivização são os verbos chamados, normalmente, de copulativos ou de ligação. Dentre eles, estão os verbos *ser*, e *estar* que, conforme Mateus et alii (1983), possuem variantes aspectuais. O verbo *ser* tem *tornar-se*, *revelar-se* e *continuar* como variantes aspectuais, e o verbo *estar* tem *andar*, *ficar*, *permanecer* e *continuar* como suas variantes. Pode-se observar que a série desses verbos é passível de imperfectivização, pois é possível a construção de perífrases resultantes da junção desses verbos com o gerúndio, forma nominal verbal aceita como formadora de perífrases imperfectivas.

Costa destaca, com propriedade, que dentre esses verbos usados para a composição de perífrases, apenas o verbo *ser* não se constitui em possibilidade de expressão de imperfectividade, exceto quando empregado com tempos de valor aspectual imperfectivo: o imperfeito e o pretérito perfeito composto. Ela atribui essa restrição ao fato de esse verbo possuir valor semântico de expressão de verdades atemporais, que não são passíveis de aspectualização. Por outro lado, esse verbo permite a expressão temporal (presente/passado/futuro). Porém, tudo o que atribui ao sujeito é encarado como de validade permanente por um lapso de tempo, tomado como em bloco. Por isso, Costa o classifica como o verbo perfectivo da série, incapaz de aspectualização, ou seja, não se imperfectiviza. Essa referência fica por conta dos demais. Apesar das restrições ao verbo, a

aludida autora inclui, em seu trabalho/estudo, o verbo *ser* como *verbo auxiliar aspectual*, visto que ele permite a expressão da forma neutra aspectual: a forma perfectiva.

O verbo *estar*, quando usado na formação de perífrases, coloca o fato verbal referido num lapso de tempo, atribuindo a esse fato verbal um período de vigência. Isso quer dizer que refere a estrutura temporal interna desse fato como *em curso*. O verbo *ficar* comporta-se de forma semelhante a *estar*, porém, além de expressar o fato verbal como *em curso*, acrescenta a ele o valor de *permanência*. Quanto a *permanecer*, funciona como uma espécie de substituto de *ficar*, na expressão da imperfectivização. Entretanto, não expressa o processo de passagem. Também *andar* refere o fato verbal como *em curso*, atribuindo ao fato enunciado uma certa indefinição quanto à regularidade do *curso*. Igualmente *continuar* refere a imperfectividade atribuindo-lhe o valor de processo *em curso*, com uma particularidade: o início do processo, no caso, se situa no passado.

Segundo Costa, os verbos auxiliares aspectuais, quando associados ao gerúndio formam perífrases imperfectivas; quando associados ao particípio formam perífrases passivas. Com isso, não se pode dizer que somente a formação com gerúndio constitui aspecto e que a formação com particípio constitui voz. O que ocorre, no segundo caso, é uma superposição de categorias, como frisa a autora. O particípio expressa, na realidade, voz (passiva) e aspecto (resultativo), ou seja, o gerúndio expressa uma ação em curso (um processo), enquanto o particípio expressa um estado resultante de um processo. As observações da autora, quanto à análise do *corpus*, é que tanto a voz ativa quanto a passiva, mostram-se passíveis de imperfectivização, ao contrário do que pensam alguns autores, que dizem que a voz passiva só é compatível com o aspecto perfectivo, forma neutra aspectualmente, portanto. Em síntese, diz Costa que os verbos denominados de copulativos, quando associados às formas nominais, constroem perífrases que expressam tanto aspecto como voz.

### **2.1.5. Travaglia**

Travaglia (1981) é um outro autor que merece atenção dado o caráter abrangente de seu trabalho. Inicialmente ele analisa algumas propostas, principalmente a de Castilho, e detecta alguns inconvenientes que o levam a seguir por um outro caminho. Analisa as três possibilidades básicas para a elaboração da proposta: 1) estabelecer um quadro de aspectos compostos; 2) um quadro de aspectos simples; ou 3) um quadro de aspectos mistos, com aspectos simples e compostos.

Ele denomina de compostos os aspectos que são caracterizados por mais de uma noção aspectual (opção de Castilho e Comrie). Aspectos simples aqueles caracterizados por uma única noção aspectual, e no quadro misto, as noções aspectuais que aparecem combinadas e isoladas. Num quadro de aspectos compostos há uma combinação de aspectos que força o autor a “criar” uma terminologia que abarque todas as noções que estão envolvidas na situação. Os aspectos perfectivo e imperfectivo, por exemplo, estão presentes em quase todas as situações. Provavelmente esse fato levou alguns estudiosos, dentre eles Castilho, a criar uma denominação para dar conta dessa e de outras noções que estivessem presentes na mesma situação: é o caso do chamado *aspecto imperfectivo inceptivo* ou *imperfectivo cursivo*, adotado por ele. Para Travaglia, o que ocorre nessas situações é a presença de mais de um aspecto, e não um aspecto com mais de uma noção. Para esses casos, ele adota a seguinte classificação: há uma situação com atualização dos aspectos imperfectivo e cursivo, por exemplo, daí a inadequação de um quadro com aspectos compostos.

O que Travaglia observou, também, é que, da mesma forma que esses aspectos aparecem na mesma situação, aparecem de forma isolada. Logo, para esses casos, haveria que se adotar um quadro misto que atendesse as duas situações e, nesse caso, acarretaria uma sobrecarga na terminologia o que, certamente, dificultaria a compreensão e a análise dos aspectos encontrados. Essas questões levam o autor a algumas conclusões com as quais estamos de acordo.

- 1) a cada nova noção aspectual que se pode considerar, novas combinações de noções se tornavam possíveis, caracterizando diferentes aspectos compostos;
- 2) embora as noções aspectuais apareçam combinadas nas frases, aparecem também isoladas, o que impede a adoção de um quadro aspectual apenas composto e conduz à adoção de um quadro misto, que também não é viável pelos motivos já expostos;
- 3) os aspectos compostos não passam de diferentes combinações de aspectos simples.

Em outras palavras:

- a) não se pode propor um quadro aspectual apenas de aspectos compostos;
- b) os aspectos compostos são, na verdade, combinações de aspectos simples;

- c) a adoção de um quadro misto, formado por aspectos simples e compostos leva à identificação de quarenta aspectos, enquanto o quadro simples resulta em treze.

Face ao exposto, opta por definir aspecto nestes termos:

uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (p. 33)

Da definição supra, resulta o seguinte quadro:

#### QUADRO ASPECTUAL

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. D U R A Ç Ã O	1. Duração	A . Contínua	a . Limitada b . Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B . Descontínua	a . Limitada b . Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
II. F A S E S	Fases de Realização	A . Por Começar ----- A' Prestes a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		NÃO-COMEÇADO
		B.Não-Acabado ou Começado C' Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		NÃO-COMEÇADO ou ACABADO
	Fases de Desenvolv.	C. Acabado		ACABADO
		A Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos) B. Meio C.Fim (no ponto de término ou nos últimos momento)		INCEPTIVO CURSIVO TERMINATIVO
	Fases de Completa-mento	A Completo B. Incompleto		PERFECTIVO IMPERFECTIVO
	Ausência de Noções Aspectuais			Aspecto não atualizado

Cabem aqui algumas explicações no tocante à duração, que, conforme mostra o quadro, pode ser contínua ou descontínua, ou ainda contínua limitada e ilimitada, ou descontínua limitada e ilimitada. A *duração contínua limitada* apresenta a situação sem nenhuma interrupção, com indicação do início ou do fim da situação<sup>21</sup>. Na *duração contínua ilimitada*, a situação é apresentada, também, sem interrupção, porém em frases ditas “eternas”, “atemporais”, sentidas como numa dada época, sem limite para começar ou findar (ilimitada). Quando não há duração (perceptível), diz-se que a noção presente é de *não-duração* ou *pontualidade*, que se associa ao aspecto *pontual*.

Não se devem confundir fases de desenvolvimento e fases de completamento. Início, meio e fim, relacionados com as primeiras podem ser vistas lingüisticamente como completos ou incompletos. Em *o rapaz começa a ler o livro*, há a noção de início, associada a de incompletude. Já em *o rapaz começou a ler o livro*, a noção inceptividade está incompleta.

Quanto às situações *narradas e referencial*, o autor as percebe em construções perifrásticas, que ele chama de locução verbal (LV), do tipo: *estar + participio*, *estar + por + infinitivo*, *começar + a + infinitivo*, *continuar + gerúndio*. Segundo ele, em todas essas situações a locução verbal se refere a duas situações: a) a situação que motivou o enunciado (situação referencial); e b) uma situação (a narrada) relacionada à situação referencial.

Nem sempre a presença de um processo ou estado por si sós garantem o aspecto durativo. Às vezes, faz-se necessária a presença de elementos extras. Exemplo disto é *Ele estava nadando desde as 6 horas da manhã* (ex.: (8a); p.80). O *aspecto iterativo*, que tem relação com a repetição. Nele, a situação é tida como de duração descontínua limitada, que deve ser marcada gramaticalmente. Isto quer dizer que as situações são apresentadas com momento de interrupção em sua duração, que gera a idéia de repetição, mas que há indicação do início ou do fim da situação. Conforme assinala Travaglia, o modo de repetição normalmente é marcado por meios lexicais; a repetição alternada é marcada por

---

<sup>21</sup> Faz-se oportuno esclarecer o que o autor denomina de situação. No referente a esta, foca três pontos: a) verbos télicos e atélicos; b) situação dinâmica e estática; c) situação narrada e situação referencial. *Verbo télico* é aquele que indica uma situação tendente a um fim; como o próprio autor destaca “uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural” (p.52). São exemplos deste tipo de verbo: *decidir*, *fazer(algo)*, *morrer*, *nascer*, *explodir*, *engolir* etc. *Verbo atélico* é aquele que, contrariamente ao télico, indica uma situação que não tende a um fim. São exemplos: *cantar*, *chover*, *ler*, *caminhar*, *mastigar*, *andar* etc. Assim se expressa Travaglia a respeito das situações *dinâmica* e *estática*: “Temos uma **situação estática**, quando as fases da situação são idênticas e uma **situação dinâmica**, quando as fases da situação são diferentes, havendo, portanto, mudança de uma para outra fase” (p. 56).

conjunções coordenativas alternativas; a frequência e a regularidade de repetições são marcadas por adjuntos adverbiais; já a negação da repetição regular é marcada por expressões adverbiais ao mesmo tempo negativas e temporais (nunca, jamais, nem sempre etc.). O *aspecto habitual*, também ligado à duração, é caracterizado por apresentar a situação como tendo duração descontínua ilimitada e tem marcações discursivas a exemplo de *Sempre que chegavam visitas, mamãe fazia biscoitos fritos* (ex.: (197); p. 84).

O *aspecto não-acabado* ou *começado*, por oposição ao *não-começado*, caracteriza-se por apresentar a situação já em realização, ou seja, após o momento de início e antes do momento de término. Isto significa que, se a situação é apresentada em seus primeiros ou últimos momentos, temos o aspecto referido. Para justificar o fato de este aspecto possuir dois nomes, Travaglia apresenta a seguinte justificativa:

Embora a fase seja apenas uma e a noção aspectual por ela representada seja única, esta fase pode ser tomada de dois ângulos diferentes conforme se tenha em mente opô-la à fase em que a situação é não-começada ou à fase em que a situação é acabada. Se temos em mente opor a fase da situação em realização à fase em que ela é não começada, dizemos que a situação é começada, se temos em mente opô-la à fase em que a situação é acabada, dizemos que a situação é não-acabada. (p. 42)

O *aspecto acabado*, ao contrário do anterior, caracteriza-se por apresentar a situação em seu momento de término. Em alguns momentos, a noção de situação acabada aparece sob a forma de cessamento. Portanto, a situação é dada como concluída.

Embora Travaglia apresente o aspecto acabado como distinto do perfectivo, em alguns pontos, nem sempre é fácil perceber as sutilezas de um e de outro. Precisamos apelar para o contexto se queremos descobrir nuances específicas de cada aspecto. O que podemos depreender, para caracterizar o aspecto acabado, é o fato de que as situações são colocadas pelo falante com certa preocupação em definir o acabamento/cessamento do evento, como as formadas por perífrases com participio, ou com ajuda de expressões adverbiais.

Dos aspectos ligados às fases de desenvolvimento, que se referem aos momentos em que a situação entra em realização (início, meio e fim), *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*, destacaremos apenas o *cursivo*, por detectarmos pontos muito próximos com outros aspectos.

O *aspecto cursivo*, ao contrário do acabado, apresenta a situação em seu pleno desenvolvimento, ou seja, já se passaram seus primeiros momentos, porém ainda não se atingiram seus últimos momentos. Em suma, a situação é apresentada na fase do meio de seu desenvolvimento. O aspecto cursivo atualiza-se, normalmente, com o verbo no

presente ou, mais intensamente, com o verbo no pretérito imperfeito do indicativo. Tem-se certa dificuldade em analisá-lo em virtude de sua proximidade com os aspectos durativo e imperfectivo.

Por fim, apresentamos os dois aspectos que se relacionam à fase de completamento: o *perfectivo* e o *imperfectivo*.

No *aspecto perfectivo*, a situação é apresentada como completa; em sua totalidade. “O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora”<sup>22</sup> (Travaglia: op. cit.; 76). Conforme já dito, o aspecto perfectivo está presente em quase todas as situações, pois em termos gerais, existem, basicamente, duas formas de expressar situações: a) uma em que não se atenta para as suas fases de desenvolvimento (perfectiva); e b) outra em que se atenta para as suas fases de desenvolvimento (imperfectiva). Dependendo da situação, outras noções/valores aspectuais se unem a elas.

O *aspecto imperfectivo*, ao contrário do perfectivo, caracteriza-se por apresentar a situação como incompleta. Não se tem o todo da situação, que é apresentada em uma das fases de desenvolvimento. Nesse aspecto, é como se a situação fosse vista de dentro. Conforme já exposto, é o imperfeito do indicativo o tempo verbal mais utilizado para a atualização do referido aspecto; ao lado dele vem o presente. Contudo, essa condição pode ser essencial, mas não exclusiva para a garantia de atualização do aspecto, pois os adjuntos adverbiais podem exercer influência nessa caracterização. Segundo Travaglia, “o aspecto perfectivo seleciona, para as frases em que aparece, adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo determinados e/ou completos, enquanto o imperfectivo aceita adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos” (p. 78).

Nesse aspecto, surgem também dificuldades de classificação já que há pontos comuns com os aspectos durativo e cursivo. As situações apresentadas não ficam totalmente isentas de nuança de duração e nem de desenvolvimento, pois se de alguma

---

<sup>22</sup> Esta visão é partilhada por Costa (1990) e Sebastián e Slobin (1994). Convém destacar que, para esses autores, a distinção entre perfectivo e imperfectivo é obrigatória, apenas no passado. Segundo eles, a escolha do aspecto requer que o falante se posicione em termos do que ele deseja expressar. Se ele deseja expressar um evento a partir de fora, sem se importar com a estrutura interna do evento, usa o passado perfectivo. Se, ao contrário, atenta para a estrutura interna do evento, usa o passado imperfectivo. O perfectivo, para os autores, descreve uma ação limitada ou ligada, um processo que inicia e acaba. Já o passado imperfectivo apresenta a ação de um verbo como não-limitada ou não-ligada. Há quem caracterize, ainda, o perfectivo de terminal (concluso), e o imperfectivo de não-terminal (inconcluso).

forma as situações do aspecto imperfectivo encontram-se em algum ponto da estrutura interna dessas situações, pode haver (con) fusão com as noções citadas.

Ao tratar da expressão do aspecto pelas *perífrases verbais*, Travaglia não entra na questão da conceituação de perífrases e admite como tal “qualquer aglomerado verbal em que se tenha um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal), e com uma função determinada de marcar uma categoria gramatical ou uma noção semântica qualquer” (p. 183). Não considera a discussão sobre auxiliaridade relevante, para seu estudo, já que não afetará de forma significativa o problema da expressão do aspecto.

Embora afirme o interesse predominante pelas perífrases aspectuais, o autor faz um levantamento exaustivo de várias perífrases, incluindo aspectuais e não aspectuais, o que dá a este capítulo um acúmulo de informações.

São, para ele, perífrases aspectuais: *ter e haver + particípio, estar + por + infinitivo, estar + para + infinitivo, estar + em + infinitivo, usar + infinitivo, vir + gerúndio, viver + gerúndio, viver + particípio, andar + gerúndio, costumar + infinitivo, ficar + gerúndio, ficar + particípio, permanecer + gerúndio, continuar + gerúndio, continuar + a + infinitivo, continuar + particípio, continuar + por + infinitivo, prosseguir + gerúndio, seguir + gerúndio, seguir + a + infinitivo, , ir + gerúndio, vir + gerúndio, acabar + de + infinitivo, terminar + de + infinitivo, começar ou principiar + a + infinitivo.*

Há algumas perífrases consideradas não-aspectuais que são consideradas aspectuais, eventualmente, em virtude da flexão verbal ou de outros elementos; adjuntos adverbiais, p. ex. Dentre elas destacam-se as perífrases de *ir*, muito usada, principalmente nos registros de língua falada. As perífrases de *ir + infinitivo*, em alguns casos, deixam de marcar tempo futuro para expressar o aspecto devido à flexão temporal e a outros meios, como o adjunto adverbial, já colocado. Conforme Travaglia, expressões do tipo (186) *A excussão vai sair às oito horas.* O mesmo se dá com as perífrases de *vir + infinitivo, vir + a + infinitivo, vir + de + infinitivo*. Esta última, inclusive, raramente atualizada; em geral, ela é substituída por *acabar + de + infinitivo*.

Outra perífrase bastante comum na língua falada é a formada por *parar + de + infinitivo*. Aqui, também, quando expressa aspecto é por influência dos elementos já mencionados, no dizer de Travaglia. O mesmo ocorre com as perífrases formadas por



*acabar + gerúndio, acabar + por + infinitivo, terminar + gerúndio, começar ou principiar + gerúndio.*

Castilho observa alguns pontos que, sob sua visão, soam incoerentes no modelo proposto por Travaglia.

- 1) o fato de *duração* se opor à “fases”, já que uma ação durativa admite fases no seu desenvolvimento;
- 2) o fato de *indeterminado* se opor à durativo uma vez que é mínima a distinção entre o aspecto indeterminado e o não-aspecto. Nesse caso, mais conveniente seria contrastá-lo com a totalidade dos aspectos;
- 3) a colocação de que as fases de realização e de desenvolvimento são diferentes. Para Castilho, são, aparentemente, sinônimas;
- 4) o fato de o aspecto não-começado apresentar uma das fases de realização, quando, para ele, fica difícil aceitar como aspecto uma noção que não começou a ter existência.

Resta, em nível ainda de teorização, referir algumas distinções ensaiadas pelo autor.

Algumas são confusas como esta, à página 46:

A habitualidade existe quando temos a iteração, que surge da duração descontínua ilimitada. A noção aspectual é essa duração. A habitualidade se liga a esta noção aspectual, porque é dela que surge a repetição sem a qual o hábito não existe, mas não se deve pensar daí que o hábito seja aspecto, mesmo que terminologicamente usemos o termo **habitual** para distinguir o aspecto caracterizado pela duração descontínua ilimitada, do aspecto caracterizado pela duração descontínua limitada.

Outras são controversas, como assinala o próprio Travaglia, a respeito da incoação.

Como indica o começo de um novo estado é, por muitos, ligada à inceptividade e daí se dizer, às vezes, aspecto incoativo ou inceptivo, como faz Camara Jr., ou de em outras vezes se dividir a inceptividade em inceptivo propriamente dito e inceptivo incoativo como faz Castilho. (p. 46-8)

Examine-se a falta de clareza, no que tange à progressividade:

está ligada ao aspecto que chamaremos de durativo, pois não referimos o desenvolvimento gradual em uma situação pontual, porque, quando isto acontece, a situação pontual é apresentada como durativa. (p. 48)

Noutros momentos ensaia, apoiado em outros autores, como Castilho (1968) distinções meio sibilinas, como esta, atinente à resultatividade:

é a indicação de que a situação se conclui com o atingimento de um ponto terminal (p. 49)

ou como esta, referente ao cessamento:

aparece quando se depreende da situação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente. O cessamento é uma mistura de tempo e

aspecto: na medida em que estabelece um contraste entre **ontem** (ou antes) e **agora** (momento da enunciação) é temporal; na medida em que indica que a situação é **acabada** é aspectual. O cessamento é, pois, uma combinação do aspecto que chamaremos de acabado e de uma noção temporal (p. 49)

Em outros, refere-se a uma noção marginal haurida em Comrie (1976), o experienciamento, que depende muito de fatores discursivos.

Indica que alguém já viveu ou passou por uma determinada situação, pelo menos uma vez. Liga-se ao aspecto que chamaremos de perfectivo, pois só aparece quando este aspecto está presente (p. 50)

Soares (1987) reconhece que a tese de Travaglia se diferencia da de Castilho, por apresentar uma classificação maior, com mais subdivisões. Todavia, a essência se mantém, já que ambas dão uma lista dos significados aspectuais no discurso. Travaglia elabora sua lista, dividindo os significados aspectuais no discurso, conforme o significado básico. Semelhantemente a Castilho, o autor mescla, segundo Soares, valores de *langue* e de *parole*. E mais:

é fácil verificar que o que Travaglia chama de “aspectos” não tem sempre expressão gramatical própria, seja por meio de morfemas, seja por meio de perífrases verbais constantes. Alguns dos seus “aspectos” são depreendidos pelo contexto, como o *habitual*; outros dependem fundamentalmente do semantema do verbo, saindo, portanto, do campo da semântica gramatical para a lexical (p. 46)

## 2.2. AUTORES QUE TRATAM ESTRUTURALMENTE O ASPECTO

### 2.2.1. Llorach

Llorach (1981), na trilha da Glossemática de Hjelmslev (1975), distingue os morfemas externos, de natureza verbal, dos morfemas internos, de natureza nominal. “Os primeiros caracterizam uma frase completa, os segundos caracterizam uma cadeia de extensão menor que a frase”. (Llorach; op. cit.: 45). Tempo e aspecto são, pois, morfemas extensos. Afirma o autor, ainda.

O *aspecto* e o *tempo* costumam ser confundidos com uma só categoria, definido por sua regência simultaneamente homonexual e heteronexual (na mesma frase ou em frases distintas), em virtude de existir com frequência solidariedade entre ambos. Isto não é certo e devem separar-se.

O *aspecto* tem apenas regência homonexual, enquanto que o tempo entra simultaneamente em recção homonexual e heteronexual. O tempo de um nexa (frase) pode ser regido pelo de outro nexa (o verbo da oração subordinada regido pelo da «principal»), mas não o aspecto; quer dizer a «*consecutio temporum*» se refere aos morfemas de tempo, mas não aos de aspecto<sup>23</sup> (op. cit.: 71).

<sup>23</sup> El *aspecto* y el *tiempo* se han solido confundir en una sola categoría, definida por su rección simultáneamente homonexual y heteronexual, a causa de existir com frecuencia solidariedad entre ambos. Ello no es cierto y deben separarse. .

Llhorach entende ser o *tempo* um sistema baseado nos contrastes *remoto/irremoto*, *prospectivo/improspectivo*, conforme quadro abaixo.

	(improspectivo) –	(neutro) O	(prospectivo) +
(irremotospectivo) –	<i>canto</i>	<i>cante</i>	<i>cantaré</i>
(remotospectivo) +	<i>cantaba/canté</i>	<i>cantara, -se</i>	<i>cantaría</i>

De um lado, encontra-se a dimensão a) improspectiva, que não indica a virtualidade do tempo; b) prospectiva, que indica a virtualidade do tempo; e c) neutra, que não estabelece a distinção referida. De outro lado, tem-se a dimensão do tempo quanto à sua realização ou não nas formas: a) irremotospectiva, marcada -, que não indica tempo realizado e é expressa pelo presente e futuro do presente; b) remotospectiva, marcado +, cujas formas indicam tempo realizado e são expressas pelos tempos de pretérito e futuro do pretérito.

Essa divisão serve para delimitar/definir o papel do aspecto diante dessas situações, pois as nuances que sentimos presentes nas diferentes formas verbais não são puramente temporais, ao contrário, observam-se formas que designam o mesmo tempo (*cantava/cantei*, que denotam tempo passado), porém com características próprias. Isso é expressão aspectual. Daí por que, o aspecto, para Llhorach, tem como função assinalar o término ou não término do processo verbal. Por exemplo, em *cantava*, há a indicação de um processo sem seu término, diferente do que ocorre em *cantei* que indica um processo em seu término. O primeiro, ele diz que é membro negativo da oposição, e o segundo, diz que é membro positivo.

---

El *aspecto* tiene solo rección homonexual, mientras el *tiempo* entra a la vez en rección homonexual y heteronexual. El tiempo de un nexa puede ser regido por el de outro nexa (el verbo de la «oración subordinada regido por el de la «principal»), no el aspecto; es decir, la «*consecutio temporum*» se refiere a los morfemas de tiempo, pero no a los de aspecto. (p. 71)

Llorach fala, ao mesmo tempo, em formas compostas e perífrases verbais, mas não demonstra preocupação em fazer a distinção entre os dois termos.

Ao se referir às perífrases verbais, atribui às formadas com infinitivo um valor progressivo, dirigido para o futuro, razão por que é o infinitivo a forma escolhida, como forma auxiliada, na reconstrução dos futuros gramaticais. Notamos tal fato, principalmente, na língua falada. É comum construções do tipo *vou viajar amanhã; vou estudar para a prova*; com intuito de projetar algo que ainda acontecerá. A forma futura simples (*viajarei amanhã*, p. ex.) praticamente não existe mais nessa modalidade de língua (a falada).

Quanto ao *gerúndio*, o autor acima citado diz que esta forma oferece uma dupla perspectiva. Assim se expressa a respeito:

o gerúndio, com seu equilíbrio entre tensão e distensão, entre potencialidade realizável e realizada, oferece a dupla perspectiva de uma parte do processo completo e outra por completar, um valor *durativo* em que se reúnem elementos reais e elementos virtuais; por isso as perífrases com Gerúndio apresentam, em geral, um valor continuativo: *estou escrevendo*.<sup>24</sup>(p. 105)

O participípio apresenta, segundo o mesmo autor, uma perspectiva retrospectiva de virtualidade já realizada, um valor *perfectivo*: *está construído*. Ele reforça que a indicação de um limite de um término no processo é o que caracteriza o aspecto. No caso das formas nominais do verbo, que não expressam a categoria por morfemas, mas por elementos pleremáticos, como ele denomina, trata-se de um aspecto convertido. Em resumo, afirma:

No Infinitivo, o derivativo *ar/er/ir* agrega ao conteúdo da base verbal a indicação da não referência a um limite ou término do processo, isto é, a indicação do repouso. No Gerúndio, o derivativo *ando/iendo* agrega ao conteúdo da base verbal a indicação da não determinação do término do processo. No Participípio, o derivativo *ado/ido* agrega a indicação de um limite do processo. Constituem, pois, as três formas um sistema de uma só dimensão (o aspecto convertido) com três membros, positivo (*ado*), negativo (*ando*) e neutro (*ar*).<sup>25</sup> (p. 106)

A tentativa de Llorach é louvável por encetar um tratamento estrutural do assunto, mas é ainda muito incipiente. Outros fatores hão de ser postos em voga, como veremos, a partir do trabalho de Soares (1987), este calcado em Coseriu (1980).

<sup>24</sup> El Gerundio, com su equilibrio entre tensión e distensión, entre potencialidad realizable y realizada, ofrece la doble perspectiva de una parte del proceso cumplida y otra por cumplir, un valor *durativo* en que se reúnem elementos reales y elementos virtuales; por ello, las perífrasis com Gerundio presentan, en general, un valor continuativo: *estoy escribiendo*.(p. 105)

<sup>25</sup> En el Infinitivo, el derivativo *ar/er/ir* agrega al contenido de la base verbal la indicación de la no referencia a un limite o término del proceso, esto es, la indicación del reposo. En el Gerundio, el derivativo *ando/iendo* agrega al contenido de la base verbal la indicación de la no determinación del término del proceso. En el Participípio, el derivativo *ado/ido* agrega la indicación de un límite del proceso. Constituyen, pues, las tres formas de un sistema de una sola demensión (el <<aspecto convertido>>) com tres miembros, positivo (*ado*), negativo (*ando*) y neutro (*ar*). (p. 106)

### 2.2.2. Barros

Os estudos preliminares de Barros (1974) sobre Aspecto encontram-se em sua dissertação de mestrado intitulada *Aspecto e Tempo na Flexão do Tempo Português*, na qual se encontram em linhas gerais, o esboço que desenvolverá em trabalho mais opulento *Princípios e Métodos Estruturais Aplicados ao Sistema Verbal do Português*.

Na referida dissertação, o autor assim se posiciona em relação ao elenco de categorizações do aspecto *versus* Aktionsart.

A confusão entre os dois níveis, lexical e gramatical, tem levado autores a estabelecer classificações altamente complexas e irrelevantes do ponto de vista lingüístico: Louis Roussel, v.g., fala em “aspectos” de velocidade, de plenitude, de fraqueza, “aspectos” inversivo, negativo, cessativo, aditivo, desiderativo, intencional, de predileção, reflexivo etc.

Na verdade, somente o aspecto gramatical é suscetível numa língua de estudo exaustivo e sistemático. Os valores encobertos pelo significante *aktionsart* são, por sua própria natureza léxica, em número indefinido e, portanto, a sua classificação cabal é inteiramente impraticável (p. 11)

Com base na reflexão acima e em incursões que faz sobre o tempo, no capítulo III, distingue:

- a) aspecto e tempo quanto aos valores de língua;
- b) aspecto e tempo quanto aos valores discursivos;

No que concerne ao primeiro ponto, distingue três aspectos, para os quais apresenta a seguinte representação gráfica:

<b>Aspectos</b>	<b>Representação Gráfica</b>
a) potencial	-----
b) imperfeito	_____
c) perfeito	_____

Estabelece em seguida a caracterização em nível sêmico.

<b>Aspectos</b>	<b>Valores Sistemáticos</b>
a) potencial	(potencialidade <sup>26</sup> , realidade virtual)
b) imperfeito	(ato imperfeito, realidade parcialmente desdobrada)
c) perfeito	(ato perfeito, realidade completamente desdobrada)

<sup>26</sup> A virtualidade é ligada às noções de dúvida e desejo e a potencialidade é vinculada à noção de não-realizado, por realizar.

Emprego acronístico, habitual ou dramático (presente histórico) são contingências de discurso e merecem, pois, tratamento à parte.

O estudo de Barros (1981), reformula e repensa o trabalho anterior discutindo princípios e métodos estruturais aplicados ao sistema verbal do português. Sua análise centra-se no estruturalismo funcional, cujo objetivo da descrição é buscar as oposições básicas do sistema, verificar os casos de neutralização dessas oposições e encontrar os valores secundários das dimensões básicas, descrevendo os contextos de cada uma. Eis os pressupostos teóricos do estruturalismo funcional, conforme o referido autor, às páginas 179-80).

- a) Toda língua sistemática é um conjunto de entidades discretas e de regras que as organizam.
- b) As entidades lingüísticas são recursivas e se apresentam interrelacionadas em dois planos fundamentais: o plano paradigmático e o plano sintagmático.
- c) O paradigma é uma classe de entidades que podem ser alternativamente escolhidas para ocupar determinada posição sintagmática. O sintagma é uma combinação de entidades extraídas dos paradigmas.
- d) A combinação sintagmática pode ser intensiva ou extensiva. No primeiro caso, as entidades se concentram em uma só posição; no segundo, elas se sucedem numa retilínea unidirecional.
- e) As entidades lingüísticas são signos e componentes dos signos.
- f) O signo lingüístico é a associação de um sinal mental (“signifié” ou conteúdo) e um sinal instrumental (“signifiant” ou expressão). Entre expressão e conteúdo verbais existe um vínculo indissolúvel de reciprocidade.
- g) Uma mesma expressão pode servir para manifestar diferentes conteúdos; um mesmo conteúdo pode ter como suporte diferentes expressões.
- h) O plano do conteúdo é analisável em unidades semânticas; o plano da expressão é analisável em unidades mórficas e fônicas. As unidades semânticas e fônicas elementares são analisáveis em traços constitutivos.
- i) As unidades fônicas e semânticas possuem forma e substância.
- j) A conformação da substância fônica (plano da expressão) e da substância conceptual (plano do conteúdo) é arbitrária, pois decorre do agir intencional e criativo do sujeito cognoscente. Observe-se, porém, que o princípio da configuração arbitrária das unidades lingüísticas está condicionado por dois fatores: o caráter histórico das línguas e a necessidade de mútua compreensão (eficácia do processo dialógico). Estes dois fatores estão evidentemente ligados à finalidade comunicativa da linguagem.
- k) Devido ao princípio da arbitrariedade lingüística, a mesma substância pode ser diversamente conformada; a mesma forma pode ser diversamente consubstanciada.
- l) A forma de uma língua corresponde a certo modo de articular e estruturar o continuum da substância fônica e conceptual.

Os pressupostos acima podem ser sumarizados nas implicações abaixo, assumidas pelo autor:

Dos pressupostos acima estabelecidos decorrem certos procedimentos metodológicos que ordenam a descrição das línguas. Esses procedimentos implicam, inicialmente, uma distinção entre estudo do plano paradigmático e estudo do plano sintagmático. O estruturalismo tem por objetivo imediato

delimitar e descrever os paradigmas funcionais de determinada língua. Por conseguinte, a sua tarefa primária é depreender e classificar as entidades lingüísticas situadas ao nível do esquema (p. 180-1)

Além dos pressupostos, há que se salientar os princípios de análise estrutural, que guardam certa conexão com aqueles estabelecidos por Coseriu (1980). São eles:

- a) princípio da comutação;
- b) princípio da oposição;
- c) princípio da neutralização;
- d) princípio da homossemia e da polissemia.

Os três primeiros são sobejamente conhecidos na lingüística estrutural e têm aplicação na fonologia, morfologia e lexicologia. Cabe só uma observação quanto ao quarto, que se coloca nas páginas 187-8.

De modo análogo ao fenômeno da neutralização, que nulifica determinado contraste funcional no plano fônico ou semântico, os fenômenos da homossemia e homofonia tornam inoperante o princípio da comutação. A homossemia corresponde à relação entre um mesmo significado e diferentes significantes. A homofonia corresponde à relação entre um mesmo significante e diferentes significados. O conceito de homossemia está associado ao de polimorfia; o conceito de homofonia está associado ao de polissemia. Com efeito, a polimorfia consiste na vinculação de diferentes significantes a um mesmo significado; a polissemia consiste na vinculação de diferentes significados a um mesmo significante. Em síntese, podemos dizer que temos dois pares de termos necessariamente correlatos: 1) homossemia/polimorfia; 2) homofonia/polissemia (p. 187-8)

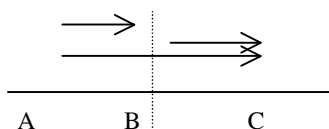
Em função dos pressupostos acima, o aspecto é definido:

como o conjunto de propriedades do processo verbal considerado em si mesmo, independentemente de suas determinações extrínsecas (op. cit.: 202)

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer o que Barros chama de determinações “extrínsecas” em oposição às “intrínsecas”. Ao lado desses termos surgem as características “inerentes” e as características “aderentes” ao processo. Segundo o autor, a não-observância dessa separação constitui uma das principais causas de confusão nas conceituações e divisões que circundam a categoria de aspecto.

As determinações extrínsecas do processo são os valores não-aspectuais que podem ser: a) qualitativos; b) quantitativos; c) locativos; d) relacionais. São as características aderentes ao processo. As *qualitativas* indicam alteração substancial ou acidental do processo, como os sufixos, por exemplo. As *quantitativas* representam o grau ou o número do processo verbal; as determinações *locativas* indicam o ponto em que se situa ou para a qual se dirige a ação, como o uso de prefixos, por exemplo. As determinações *relacionais*

representam valores decorrentes de vinculações que se instalam entre o processo verbal e o falante e ouvinte; entre o processo verbal e o sujeito e objeto; e entre dois ou mais processos verbais. Barros destaca, ainda, nas determinações relacionais as categorias de pessoa, tempo, modo, “taxis”, e voz e, por último, visualização do processo, que pode ser interpretada como uma modalidade do aspecto. Destaca que, nas línguas românicas, inclusive no português, a categoria de visualização se manifesta, normalmente, através de formas perifrásticas. Os valores que integram esta categoria indicam como o processo está orientado num dado plano com referência ao ponto de observação em que se coloca o sujeito emissor. O gráfico abaixo ilustra as diferentes situações:



Barros dá a seguinte explicação para o gráfico:

situado na posição A, o falante pode ver o processo como: 1) dirigindo-se do ponto anterior B para A; 2) dirigindo-se de A para o ponto posterior C; 3) dirigindo-se de B para C, passando por A. No primeiro caso temos o que se chama valor retrospectivo; no segundo, valor prospectivo; no terceiro, valor continuativo (associação dos valores retrospectivo e prospectivo). (p.204)

As determinações intrínsecas do processo são as que expressam o aspecto, na opinião do autor, indicadas pelas características “inerentes” ao processo. Para ele, “todo processo verbal é uma forma de movimento, é um ato de existir (“actus essendi”) ou de operar (“actus operationis”)” (p. 205). Sob a forma de existência ou de operação, o processo verbal necessariamente implica as três propriedades: a) grau de atualização; b) ordenação; c) duração. Daqui derivam os valores essenciais que, de fato, constituem o sistema aspectual do verbo.

Ligados ao sistema aspectual de *atualização* estão os valores: potencial, imperfeito e perfeito aos quais estão associados os caracteres: a) os coprincípios da atualização (potência e ato); b) o grau de perfectividade da atualização (ato imperfeito e ato perfeito). São esses os aspectos, segundo Barros. O aspecto *potencial*, que representa o aspecto como puramente virtual, como algo a se realizar; o *imperfeito*, que exprime a ação começada e ainda não concluída – processo em parte atualizado e em parte atualizável. O aspecto *perfeito*, que indica o término de realização do processo, isto é, o completamento do ato de existir e de operar. Acrescenta o autor que, em português, as formas nominais do verbo só



se distinguem pelo aspecto de atualização: *cantar*, *cantando*, *cantado* que manifestam, respectivamente, as noções de *potencial*, *imperfeito* e *perfeito*.

Ao aspecto potencial Barros adjunge a idéia de iminência da ação, comumente expressa, em português, pela perífrase *estar+para+infinitivo*; ao aspecto perfeito associa à idéia de resultado da ação, indicado, em geral, pela perífrase *estar+particípio*.

O sistema aspectual que ele denomina de *ordenação* compreende três valores: inceptivo, cursivo e terminativo, que correspondem às três partes distinguíveis em todo processo: o início, o meio ou decurso e o fim explicitados, em português, normalmente por meio de formas perifrásticas. Barros admite, teoricamente, divisões diádicas para a categoria de ordenação: a) global/não-global; b) determinado/indeterminado; c) terminativo/não-terminativo; d) cursivo/não-cursivo; e) inceptivo/não-inceptivo. Segundo ele, estão intimamente relacionados os três primeiros. Na primeira oposição, *global/não-global*, global indica que o processo é considerado como um todo unitário; não-global indica que o processo é considerado de forma parcial, apreendido numa de suas partes seqüenciais. Esse tipo de oposição está associada à dicotomia *perfeito/imperfeito*. O perfeito indica aquilo que está completo, supõe a idéia de globalidade; o imperfeito significa o que ainda se realiza, implica a idéia de processo a que falta uma das partes: a fase final.

Na dicotomia *determinado/indeterminado*, os termos se referem, respectivamente, aos limites inicial e final do processo, por um lado, e, por outro, põe-se em relevo a fase intermédia do processo, ignorando-se a idéia de limitação do processo.

O que Barros chama de *terminativo/não-terminativo* é o que muitos lingüistas denominam de *télico/atélico*. Inclusive o próprio autor também explicita essa relação. O primeiro termo significa que o processo está marcado com a idéia de fim; no segundo, ao contrário, não há indicação do limite final do processo. Fazem parte do primeiro grupo verbos como: *afogar*, *trazer*, *encontrar*; e do segundo: *nadar*, *levar*, *procurar*.

Ligados ao sistema aspectual de *duração* estão os valores *durativo* (linear) e *momentâneo* (pontual). O processo é durativo quando se reconhece a fase intermédia, isto é, o processo com decurso. Já o pontual apresenta o processo sem decurso reconhecível. Com isso, Barros quer dizer que comunga com Castilho, entre outros, da idéia de que o processo verbal sempre apresenta duração mesmo que não seja perceptível aparentemente. O autor em questão, associa o aspecto pontual ao valor global, inceptivo ou terminativo,

“pois todo ponto pode ser visto como algo indivisível ou como extremo de uma linha (limite do processo)” (op. cit.: 210).

Com base nessas questões, reafirma a manifestação da categoria aspectual de *atualização* em uma divisão triádica com os seguintes valores: *potencial* (realidade virtual); b) *imperfeito* (realidade parcialmente desdobrada); c) *perfeito* (realidade totalmente desdobrada). O autor chama atenção para o fato de que, no discurso, os valores do esquema aspectual de atualização admitem uma pluralidade de terminações semânticas particulares. Assim se expressa a respeito:

O imperfeito manifesta com frequência as noções de duração, hábito, iteração e simultaneidade. Ao perfeito se associam de regra as idéias de pontualidade, resultado, globalidade e anterioridade. Do aspecto potencial decorre naturalmente a noção de posteridade. (p. 214)

Soares (1987) discorda de algumas idéias de Barros as quais a nós, também, parecem problemáticas. Primeiro, ela critica o fato de Barros não ter estudado o aspecto expresso por perífrases verbais com a mesma atenção que dispensou às formas simples, designadas, por ele, de morfotaxes. Na verdade, o autor concentrou sua atenção quase que exclusivamente nessa última forma o que ocasionou certo prejuízo ao trabalho, pois as formas perifrásticas são, em português, ricas em aspectualidade. O segundo ponto questionado pela autora diz respeito à proposta de análise em que o futuro é interpretado como aspecto, o *potencial*. Aqui também concordamos com Soares que o futuro, em português, é uma dimensão temporal dêitica, que indica uma ação que se realiza num momento posterior ao momento da fala. Segundo ela, este é o significado de língua desse tempo verbal, o que não impede que tenha valores modais secundários em decorrência do contexto. Além do mais, a autora não admite a ação potencial como dimensão aspectual, pois essa noção se encaixa mais apropriadamente no conceito de modalidade lógica.<sup>27</sup>

### 2.2.3. Soares

Em perspectiva diferente da maioria dos autores abordados, e partilhando posições semelhantes às de Barros, no que toca à distinção entre valores de língua e valores de fala, valores primários e valores secundários, situa-se o trabalho de Soares (op. cit.). Respalhada

---

<sup>27</sup> Para Dubois et alii (1993), “chamam-se *modalidades lógicas* os diversos modos de considerar o predicado da frases como verdadeiro, contingente (ou necessário), provável (ou possível). As modalidades da contingência (*vs.* necessidade) ou da probabilidade (*vs.* possibilidade) são traduzidas por auxiliares de modo; a modalidade do verdadeiro é traduzida pela ausência de auxiliar de modo e apenas a presença do tempo. A modalidade lógica é distinta da modalização (em que o falante assume ou não seu enunciado, que pode comportar uma modalidade lógica)” (p. 414).

em Máslov, lingüista búlgaro, distingue, para fins de sistematização, dois tipos de aspectualidade: a *qualitativa* e a *quantitativa*, ao contrário de Jakobson (1963), citado pela mesma autora, que atribui ao aspecto apenas a noção de quantificação do processo. Seu pensamento é o de que existe, para a referida categoria, uma aspectualidade qualitativa ao lado da quantitativa. Para ela, a “aspectualidade é um campo semântico amplo de noções ligadas por traços comuns referentes à maneira de ser da ação” (p.18). A autora considera aspecto as noções que recebem expressão gramatical, seja flexional seja por meio de perífrases verbais estáveis e com significado aspectual constante. As noções pertencentes ao léxico, que são expressas pelo radical do verbo, são próprias do modo da ação.

O entendimento da autora quanto à aspectualidade qualitativa apóia-se também em Máslov, que distingue subtipos segundo as seguintes oposições:

a) verbos que indicam *ação*, chamados de dinâmicos, e verbos que indicam *estado*, chamados de estáticos ou estativos;

b) os verbos de ação dividem-se em verbos télicos e atélicos. O primeiro tipo expressa uma ação que atinge ou visa a atingir uma finalidade. Isso quer dizer que a ação deve terminar quando a finalidade for atingida. Fazem parte desse grupo verbos como *adormecer*, *entrar* (no quarto), *vestir* (o casaco), *deitar-se* (na cama), *copiar* (uma carta). Soares destaca que a oposição télico-atélico atualiza-se no contexto. Em muitos casos, na ausência do contexto, alguns verbos considerados télicos passam a atélicos, como *dormir* em *o garoto dormiu*, cuja ação não tende a um fim, necessariamente. Os verbos atélicos expressam ações que são iniciadas sem a precisão de um limite, de um fim a ser atingido. São exemplos desses tipos de verbos: *andar*, *roncar*, *agitar-se*, *alegrar-se*, *amar*, *odiar* etc.

c) Os verbos télicos tanto podem expressar *ação completa* como *ação incompleta* ou *em curso*. Na primeira, um dos actantes passa de um estado a outro; na segunda, o falante não sabe se a ação se completou, ou se porta diferente à completude no momento da fala. O que importa é registrar um instante do decurso daquela ação, do seu processo. Podemos ter, por exemplo, uma ação incompleta quando alguém se refere a uma ação que serve de fundo a outra considerada pelo falante como a mais importante (*Quando Mário estava almoçando, eu telefonei*). Já os verbos atélicos e os estativos indicam sempre a ação ou estado no seu decurso, portanto, com caráter incompleto.

d) Os verbos de estado subdividem-se em *primários* ou *estado simplesmente* e *secundários* ou *estado como resultado da ação*. É comum o estado secundário ser expresso

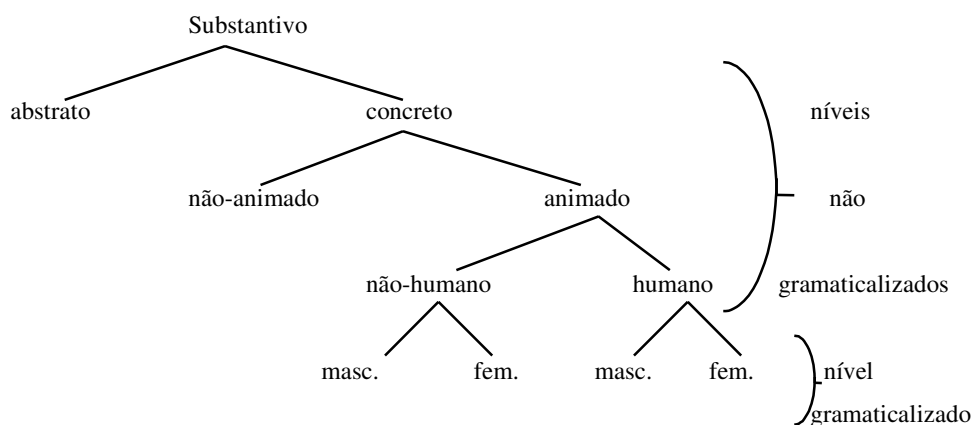
pelo chamado *perfeito*: perfeito ativo, com nuance resultativa, ou perfeito estático, que dá origem ao estado resultante.

A aspectualidade quantitativa diz respeito à expressão da ação no tocante às seguintes informações: a) a ação é realizada uma só vez?; b) várias vezes?; c) há constância na repetição?; d) sua duração é longa ou breve?. Se a ação é repetida, essa repetição é limitada ou ilimitada? Regular ou irregular? Essas são algumas das possibilidades que circundam a aspectualidade quantitativa, dependendo da língua elas podem ser ampliadas.

Conforme já explicitado, para Soares faz-se necessário separar o *aspecto* do *modo da ação*, pois o primeiro é uma categoria gramatical, enquanto o segundo é uma categoria semântica pertencente ao léxico. Com isso ela quer dizer que aspecto e modo da ação possuem *status* diferentes dentro da gramática.

O ponto de vista supra citado encontra respaldo também em Coseriu (1977; 1980), para quem uma categoria existe no sistema gramatical de uma língua se ela aí funciona como categoria autônoma, isto é, se ela é representada por oposições específicas e não redutíveis a outras categorias. A cada língua compreenderiam conteúdos semânticos diferentes para aspectos e modos da ação.

Sustentando semelhante ponto de vista, apoiada em Coseriu e Máslov, Soares diverge de Camara Jr., Castilho e de Travaglia, que não separam aspecto de modo da ação. Defende seu ponto de vista, exemplificando com as quatro subcategorizações do substantivo em português, das quais três estão no nível semântico e a quarta, o gênero, está gramaticalizado.



Explica:

Os níveis não gramaticalizados não possuem expressão morfológica própria no nível gramatical, mas manifestam sua existência indiretamente, por meio de restrições de combinabilidade e formação de lacunas em paradigmas. Eles são importantes na gramática e uma descrição deve dar conta deles, mas isso não significa que devam ser tratados da mesma forma que os níveis gramaticalizados e descritos com os mesmos instrumentos que estes. O seu *status* dentro da gramática é diferente, por isso vemos necessidade de separar o Aspecto do Modo da Ação: o Aspecto uma categoria gramatical, e o Modo da Ação, categoria semântica, pertencente ao léxico, embora com profundas repercussões na gramática. (p. 23)

A autora, baseada no estruturalismo funcional, julga ainda pertinente distinguir *valor de língua e valores de fala* (secundários).

Uma forma lingüística possui um valor de língua quando apresenta significado próprio e meios formais para expressá-lo. Faz parte do sistema de oposições básicas da língua. É o significado da forma no contexto mínimo. Os valores secundários existem potencialmente numa forma, mas necessitam de contextos especiais para se atualizarem. (p. 25)

Exemplifica com a frase *João encheu várias vezes a garrafa.*, que possui um valor iterativo em função do adjunto adverbial *várias vezes*. Isto é valor secundário.

Soares (op cit) faz críticas a alguns autores, dentre eles estão Travaglia, Castilho, Camara Jr. e todos que misturam, na descrição dos aspectos, fatos de língua e fatos de discurso. Rejeita, baseada em Coseriu (1980), aspectos depreendidos pelo semantema do verbo ou pelos adjuntos adverbiais, para restringir-se aos indicados pelas flexões ou perífrases<sup>28</sup>. Apresenta, então, sua tipologia fundada na distinção entre dimensões temporais e aspectuais, estreitamente ligadas, de tal modo que a categoria de aspecto – uma decorrência da de tempo – vem depois dele<sup>29</sup>.

As *dimensões temporais* compreendem os *planos* e as *perspectivas*. Os *planos* verbais estão divididos em dois. O plano do *atual*, que tem como centro o presente do indicativo e que contém, ainda, o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do presente do indicativo. O plano do *inatual*, que tem como centro o imperfeito do indicativo, e agrega, ainda, o pretérito mais que perfeito e o futuro do pretérito do indicativo. O *inatual* é o membro *marcado* da oposição *atual - inatual*.

<sup>28</sup> Coseriu (1978, 1986) separa léxico e gramática, entendendo pelo primeiro a totalidade daquelas palavras de uma língua que correspondem à organização lingüística da realidade extralingüística. Tais palavras são lexemáticas e comportam significado léxico, decorrente de contraste, a exemplo de *pobre/pobreza/empobrecer; rico/riqueza/enriquecer*. Além do significado léxico, há outros de natureza gramatical, o categorial (referente às classes vocabulares), o instrumental (veiculado por morfemas, como desinências), o sintático e o ôntico (este concernente à natureza da oração: declarativa, interrogativa e exclamativa).

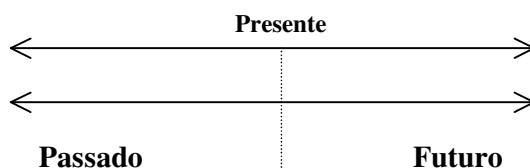
<sup>29</sup> Consulte-se, para maiores detalhamentos, a obra de Dietrich (1983: 201-24)

No plano atual, as ações são vistas como num primeiro plano; são mais afirmativas, mais categóricas, ao contrário do que ocorre no plano inatual cujas ações são colocadas como que num segundo plano, expressando, geralmente, condições, circunstâncias etc. das ações atuais, e sua efetividade é apresentada como diminuída. A esse respeito afirma Coseriu (1980: 19) “que a oposição atual-inatual é a oposição básica do sistema verbal das línguas românicas, nas quais o imperfeito não é propriamente um tempo do passado, mas o centro do plano inatual”. Disso decorre que o imperfeito não se opõe diretamente ao perfeito em seu valor de língua, como se pensa normalmente.

A *perspectiva* é a situação da ação verbal em relação a um ponto de referência, que pode ser anterior, simultânea ou posterior ao momento da fala. Para o plano atual, o ponto de referência é o momento da fala, e para o plano inatual, o momento do qual se fala, que na maioria das vezes coincide com algum momento do passado, mas que pode também ser o presente, nas frases condicionais, ou o futuro, como no imperfeito pré-lúdico (próprio das crianças em suas brincadeiras. Veja-se exemplos citados por Soares: *Agora eu era o pai e você era a mãe; nós éramos ricos na nossa casa tinha piscina*) ou em alguns usos do condicional. A perspectiva pode ser *respectiva* ou *paralela* se contém o ponto de referência; é *prospectiva* ou *retrospectiva* se situa a ação, respectivamente, depois ou antes desse ponto.

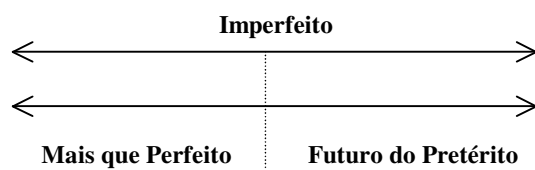
Para o português, distinguem-se duas perspectivas. A *primeira perspectiva* é a que opõe diretamente *presente*, *passado* e *futuro*. Essa perspectiva não determina momentos, e sim, *espaços temporais*, isto é, o espaço do presente, que por ser limitado e engloba presente, passado e futuro, e espaço do futuro e do passado, limitados cada um de um lado, com relação ao ponto em que eles se juntam, mas ilimitados na outra direção.

Na primeira perspectiva, no *plano atual*, delinea-se o seguinte esquema, segundo Coseriu.



Em português, o passado corresponde ao pretérito perfeito simples do indicativo, o futuro corresponde ao futuro simples do indicativo, e o presente corresponde ao presente do indicativo.

No *plano inatural*, os tempos correspondentes são:



A *segunda perspectiva* funciona, no mesmo sentido, só que no interior dos espaços temporais já determinados pela primeira. Cada uma das perspectivas da *primeira perspectiva* passa a ocupar o lugar de “presente”. A segunda perspectiva é expressa, nas línguas românicas, por meio de tempos compostos formados com os auxiliares *ter* e *haver* + *particípio passado*, gerando a *perspectiva retrospectiva*, e *ir* + *infinitivo*, gerando a *perspectiva prospectiva*.

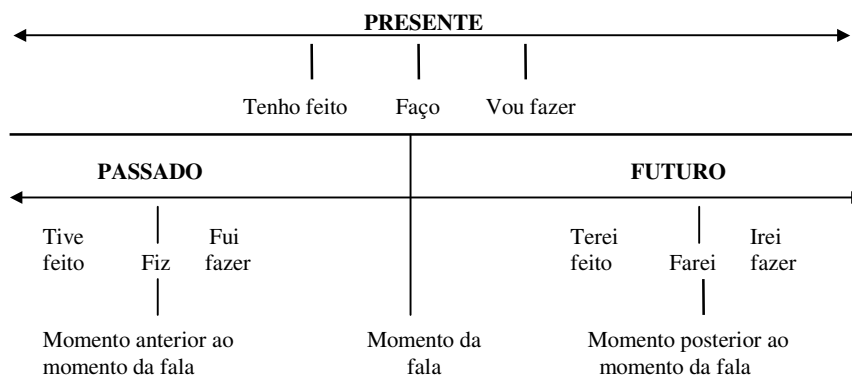
A partir desses princípios, Soares propõe, para o português, o modelo teórico completo da primeira e da segunda perspectivas, conforme visualiza-se a seguir. Antes, porém, note-se alguns valores aspectuais secundários das referidas perspectivas.

A primeira perspectiva determina como valores secundários dois significados aspectuais:

- a) a perspectiva paralela mostra a ação como cursiva;
- b) nas perspectivas prospectiva e retrospectiva a ação é mostrada não no seu decorrer, mas globalmente, como um todo (valor completivo).

Além disso, uma ação verbal pode ser marcada como *acabada*, *inacabada* ou, ainda, como *factual*. Corresponde em outra terminologia a *perfectivo*, *imperfectivo* e *factual*. Somente na segunda perspectiva aparece uma indicação do acabamento como significado secundário da perspectiva retrospectiva, tanto no plano atual quanto no inatural (*tinha feito*, *terei feito*). O acabamento pode ser subjetivo ou objetivo. Quando subjetivo, tem-se o valor aspectual secundário *terminativo* (*escrevi muito*); quando objetivo, tem-se o valor aspectual secundário *completivo* (*escrevi o livro*).

Apresenta, então, o seguinte esquema com base no exposto.

a) **no plano atual**

No esquema, a autora elege o verbo *fazer* como representante de todos os verbos da língua portuguesa, para evitar repetições da classificação de todas as formas por ocasião da ilustração.

O *momento da fala*, representado pelo presente, é o ponto de referência que norteia as ações. O *momento anterior ao momento da fala*, correspondente ao passado, representa a perspectiva retrospectiva. Esse momento expressa-se, por sua vez, de três formas: *tive feito – fiz – fui fazer*. O *momento posterior ao momento da fala*, correspondente ao futuro, representa a perspectiva prospectiva, cujas formas de expressão são: *terei feito – farei – irei fazer*.

Soares adverte, todavia, que algumas dessas formas praticamente já não se atualizam mais no português; restringem-se a registros da língua escrita, como *tive feito*. Considerando o português mais usual, atualmente, ela acha por bem fazer alguns comentários ao esquema proposto quanto às formas verbais previstas.

No seu universo de observação, a forma *tive feito* não foi encontrada, exceto em registros de fases mais antigas do português. A forma *fui fazer*, com o verbo *ir* no papel de auxiliar (sem indicar movimento) é de uso muito restrito e possui conteúdo modal de aborrecimento e desaprovação. Quanto à forma *tenho feito*, não foge ao propósito do modelo, pois seu significado atual é de “ação iniciada no passado e que prossegue até o momento da fala e além dele, de maneira constante, repetida regularmente ou intermitente” (Soares: op. cit.: 55). É o traço “ação que prossegue até o momento da fala” que lhe permite ocupar o espaço do *presente* no esquema.

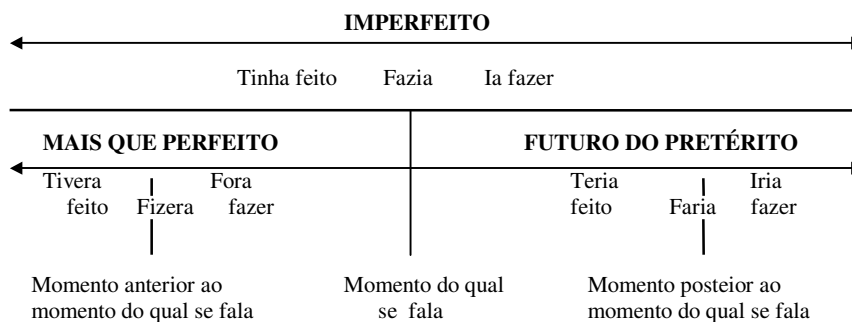
A forma *vou fazer* é a mais usada na língua falada e no registro coloquial e familiar, para indicar ação futura e, juntamente com o presente simples do indicativo, substitui a



forma de futuro simples *farei*, própria dos registros formais da língua falada e escrita. Além do mais, a primeira forma, *vou fazer*, dá uma idéia de futuro mais próximo, além de conotar menos formalidade e aumentar o grau de certeza do que é enunciado.

A forma *irei fazer* é sinônima de *farei*. Essa forma composta conota alto grau de formalidade, maior até do que a forma simples. Só aparece em registros formais (tensos) das línguas falada e escrita. Quanto à *terei feito*, tem sentido de perfeito – ação acabada, no futuro, antes de outro evento também no futuro, do tipo *Quando ele chegar eu já terei feito o jantar*.

### b) no plano inatural



No *plano inatural*, o ponto de referência é o *momento do qual se fala* que, na maior parte das vezes, coincide com algum momento do passado, mas que pode ser também o presente. O momento do qual se fala é referenciado pelo *imperfeito*, tendo ao seu lado o *mais que perfeito*, que se reporta ao *momento anterior ao momento do qual se fala*, e o futuro de pretérito, reportando-se ao *momento posterior ao momento do qual se fala*.

Soares considera oportuno, também para esse esquema, fazer alguns comentários. Ao que tudo indica, a forma *tivera feito* não é usada, atualmente, no português do Brasil, pelo menos no universo que ela observou: dialetos familiares do sudeste do Brasil. Comportamento semelhante apresenta a forma *fora fazer*, que em usos literários é empregada em lugar de *fosse fazer*. Contudo, o sistema é favorável à possibilidade de ocorrência da primeira forma (*fora fazer*), paralela à *fui fazer* no plano atual, por esse motivo não se deve descartá-la, adverte a autora.

Quanto à forma *tinha feito*, seu significado convergiu para *fizera*, formas sinônimas em português, diferindo quanto ao valor estilístico. *Fizera* pertence quase que

exclusivamente à língua escrita; só muito ocasionalmente poderá aparecer na língua falada em registros formais.

*Ia fazer* é forma sinônima da *faria*, sendo esta última mais formal. Em contexto não condicional, *ia fazer* pode indicar uma ação que não se realizou, que era iminente ou estava apenas na intenção do agente. Nesse caso, a forma composta não pode substituir a simples com o mesmo sentido.

A forma *teria feito*, do plano inatural, corresponde a *tereí feito*, do plano atual. Logo possui, também, noção de perfectividade (ação acabada) e de anterioridade (antes de outro evento).

*Iria fazer* é sinônimo de *faria* desde que o contexto não conduza à interpretação de *ir* como verbo de movimento. A forma composta é indicadora de registro mais tenso da língua do que a forma simples.

A autora adverte, todavia, que estas observações referem-se ao significado mais geral de cada forma, pois tanto as formas do plano atual quanto às do plano inatural podem adquirir significados particulares em contextos concretos.

### c) no subjuntivo

PRESENTE						
		Tenha feito	Faça	Vá fazer		
PASSADO			FUTURO			
Tivesse feito		Fosse fazer		Tiver feito		For fazer

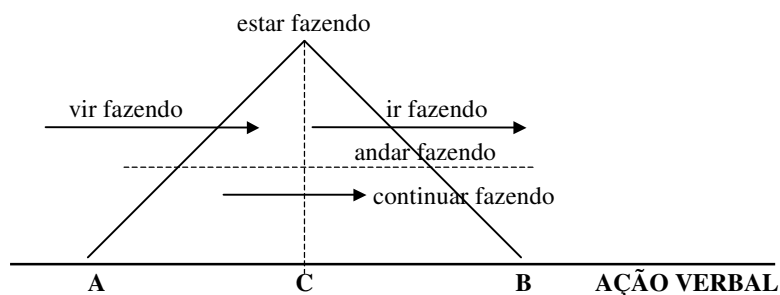
O esquema, no subjuntivo, realiza-se inteiro, embora com o auxiliar *ir* as ocorrências sejam em número restrito de contextos. Ao contrário do que acontece com o indicativo, no subjuntivo não ocorrem casos de sinonímia entre as formas. As formas com *ter* trazem sempre noção de futuridade. De uma maneira geral, na maioria dos casos, esse modo verbal insere-se no plano inatural.

Soares, baseada em Coseriu, distingue na língua portuguesa as seguintes *dimensões aspectuais* com expressão gramatical própria: a) *visão*, b) *fase* (ou *grau*); c) *colocação* (ou *incidência*). A expressão gramatical que essas dimensões apresentam consiste em perífrases constantes com significado aspectual onde o verbo que funciona como auxiliar perde completa ou parcialmente o significado que possui quando usado como verbo principal.

a) a *visão* é a dimensão segundo a qual a ação verbal é apresentada ou como *parcializada*, ou como *não parcializada* (ou global). A visão parcializada é expressa por meio de verbos auxiliares de estado ou movimento (*andar, estar, ficar, viver, vir, ir, seguir, continuar, prosseguir, passar*) e o gerúndio do verbo principal.

Ela adota de Coseriu a distinção que ele faz para a visão parcializante ou parcializadora, em espanhol, para o português, cuja divisão é a seguinte: a) visão angular; b) visão retrospectiva; c) visão prospectiva; d) visão comitativa; e) visão continuativa.

É este o esquema adaptado para o português a partir do apresentado por Coseriu.



A *visão angular* mostra uma ação considerada entre dois pontos, **A** e **B**, que podem ser também o ponto inicial e o ponto final da ação verbal, ou podem, ainda, coincidir num ponto **C**. A *visão angular* é expressa pela perífrase *estar + gerúndio*.

A ação na *visão retrospectiva* é vista como se realizando até o ponto **C**, sendo expressa pela perífrase *vir fazendo*, no esquema. Na *visão prospectiva*, a ação é vista como se realizando a partir do ponto **C**, e é expressa por *ir fazendo*. Já na *visão comitativa*, a ação é considerada nos diferentes pontos de seu desenvolvimento, sendo expressa, no esquema, por *andar fazendo*. A *visão comitativa* refere-se à ação realizada antes e depois do ponto **C**, tendo *continuar fazendo* como forma de expressão.

As diferentes manifestações da *visão parcializante* são marcadas *positivamente* como *cursivas*, ao contrário das formas verbais simples que são *não-marcadas* ou *neutras*, podendo apresentar ações *cursivas* ou *pontuais*, em que somente os contextos verbal ou situacional podem esclarecer o conteúdo da forma na frase.

a) A *visão globalizante* é *marcada* como *não-cursiva*. Esta *visão* expressa basicamente a ação globalmente considerada, com início e fim, sem se levar em conta a sua constituição temporal interna. É a ação vista como una, indivisa. Essa *visão* é expressa, em português, pelas expressões *pego e faço, peguei e fiz, agarrou e fez, foi e disse*. Matizes especiais que essas expressões possam adquirir em determinados contextos são considerados valores secundários, valores de fala.

b) a *fase* ou *grau* é a dimensão relativa às fases objetivas da ação designada por um verbo. Soares distingue para o português as seguintes fases: *iminencial (estar por fazer)*, *inceptiva (pôr-se a fazer)*, *progressiva (ir fazendo)*, *continuativa (continuar a fazer)*, *conclusiva (acabar de fazer)* e *egressiva (vir de fazer)*.

c) a *colocação* ou *incidência* é a dimensão pela qual uma ação verbal é situada em relação a outras ações, normalmente não nomeadas, mas apenas implicada. Ex. *começar*

*fazendo, começar por fazer, continuar fazendo, acabar fazendo, vir a fazer, acabar por fazer etc.*

Adotaremos, nesta dissertação, a proposta de Soares, mesmo sabendo das objeções passíveis de serem feitas a ela, no tocante à admissão da estruturalidade do aspecto. Para nós, o ponto de partida da teoria é correto: necessidade de distinguir *valores de língua* e *valores de fala*. Pode ser que um ou outro ponto da doutrina mereça retoques, mas este não é o momento certo de fazê-lo.

### 3. AS DIMENSÕES TEMPORAIS E AS ASPECTUAIS

#### 3.1. AS DIMENSÕES TEMPORAIS

Conforme já explicitado, Soares adota a proposta de Coseriu para a análise do sistema aspecto-temporal do verbo em português. Faz uma adaptação, para o português, do esquema que o autor propõe para as línguas românicas. Desse modo, temos dois tipos de dimensões: as temporais e as aspectuais, intimamente ligadas, razão por que faz-se oportuno explicitá-las. Em português, inclusive, a categoria de aspecto é considerada uma decorrência da de tempo, isto é, o aspecto vem depois do tempo.

As *dimensões temporais* compreendem os *planos* e as *perspectivas*, conforme já abordado anteriormente.

Os *planos* subdividem-se em dois: o do *atual* e o do *inatural*. O primeiro tem como centro o presente, caracterizado pelo momento da fala, ladeado pelo pretérito perfeito e pelo futuro do presente do indicativo. O segundo, membro marcado da oposição atual-inatural, tem como centro o imperfeito que se cerca do pretérito mais que perfeito e futuro do pretérito do indicativo. No português, o *presente* e o *imperfeito* representam o centro do verbo propriamente dito. Segundo Dietrich (op. cit.), as seis funções possíveis presentes no sistema se realizam da melhor maneira possível em nossa língua, já que há para cada caso uma forma simples. Essas funções estão inseridas em duas perspectivas: a *primeira* e a *segunda*.

A primeira perspectiva é a que opõe diretamente *passado*, *presente* e *futuro*. Essa perspectiva, chamada de respectiva ou paralela, não determina momentos, mas espaços temporais, ou seja, espaço do presente, do passado e do futuro. A primeira perspectiva é representada pelas formas verbais simples, expressas, respectivamente, no esquema à página 79, por *faço*, *fiz* e *farei* (aqui, o verbo *fazer* é tomado, como modelo para representar os demais). Vejamos algumas situações ilustrativas da primeira perspectiva

no presente:

- (1) é dependendo da do Caso o pessoal **recorre** a ela né? (DID: Inq.: 08, l: 173)
- (2) a gente **tem** culpa nisso porque a gente não **educa** AS PESSOAS SABE?... (d2: Inq.: 16, l: 19-20)

- (3) L. num **gosta** num **gosta** não ... de quem **dá** aula só lendo (D2: Inq.: 116, l: 320-1)
- (4) Eu **tenho** o primeiro membro... e o segundo... o **primeiro** NÓS CHAMAMOS de... sujeito... e o segundo nós chamamos de... **PREdicado**... esta **É** a estrutura **NORMAL**... normal... **DA**... oração... (EF: Inq.: 114, l: 11-4)
- (5) Que é a unidade do período... eu não posso ter o período... eu **tenho** aqui a pontuação... mas **NÃO** tenho a **uniDAde**... do período que é a oração... (EF: Inq.: 14, l: 114-7)
- (6) E até na prisão a gente **vê** que eles **têm** privilégios... (D2: Inq.: 05, l: 621)

no passado:

- (7) eu **falei** com Eri**NAL**do e ( ) também com o Simões (D2: Inq.: 16, l: 217)
- (8) ... e hoje eu **liguei** pra ela né?... (D2: Inq.: 16, l: 220)
- (9) quer dizer que a pessoa que não **desenvolveu** o vírus ainda... vocês chamam... vocês têm uma... (DID: Inq.: 01, l: 121-2)
- (10) nesse tempo que eu **passei** na Marinha... trinta anos... eu tive que fazer uns dois **CUR**sos de:: Técnica de Ensino (DID: Inq.: 05, l: 1-2)
- (11) então o **cientificismo**... **criou** uma atmosfera de materialismo... (EF: Inq.: 03, l: 26-7)
- (12) é necessário que a gente observe em que **Época**... esse autor... eh:: **produziu**... sua obra... /tá? (EF: Inq.: 35, l: 294-5)

no futuro:

- (13) é aquela estória... “diz-me com quem andas que te **direi** quem tu é” (DID: Inq.: 05, l: 559-60)
- (14) então em relação ainda ao Portugal... **teremos** como **GRANDe** expressão... padre Antônio Vieira... (EF: Inq.: 35, l: 273-4)

As frases de (1) a (14) expressam situações localizadas na dimensão temporal da primeira perspectiva, por situar as ações nos espaços temporais que contêm pontos de referência: presente (1) a (6); passado (7) a (12); e futuro (13) e (14). Essas ações que contêm pontos de referência caracterizam-se como respectiva ou paralela, e as demais como prospectivas ou retrospectivas se se situam anteriormente ou posteriormente ao ponto de referência, respectivamente.

Cabem, aqui, algumas observações a respeito das situações com futuro simples. As frases com essa forma verbal são raras no *corpus* estudado. Localizamos em EF um caso que configura uso deslocado do futuro do presente: frase (14). A outra, localizada em DID, confirma o que diz Soares: os falantes usam o futuro do presente em frases já consagradas

na língua, provérbios, por exemplo, como podemos observar na frase (13). O uso dessa forma verbal está cada vez mais se distanciando da língua, especialmente da falada. O formalismo cede lugar à espontaneidade, o falante usa formas alternativas para se expressar. O futuro simples está sendo substituído pelos tempos compostos formados por *ir* + *infinitivo*. Os dados encontrados no *corpus* confirmam tal fato. Até mesmo na fala formal: palestras, seminários, aulas (registros de EF) a preferência é pela forma composta. Em lugar do futuro simples, o falante usa, também, principalmente em registro de maior informalidade (D2, por exemplo), o presente para se reportar às situações futuras.

- (15) “olhe... vocês esperam que na próxima aula eu  **tiro**  a dúvida de vocês... (D2; Inq.: 16, l: 308-9)

Camara Jr. (1989) já percebera esse fato e afirma que “o futuro do presente (...) traz a assinalização do futuro em face de um presente indefinido: *parto agora; parto todos os dias*, em face de – *partirei amanhã* (p. 100).

A segunda perspectiva, também já explicitada, é expressa, em português, por meio de tempos compostos formados com os verbos *ter* ou *haver* (como auxiliares) + *particípio passado*, que dão a perspectiva retrospectiva, e *ir* + *infinitivo*, que dão a perspectiva prospectiva.

A forma *vou fazer*, representante da perspectiva prospectiva do plano atual, é, na língua falada, a mais usada para indicar ação futura, substituindo a forma simples *farei* que, como já sinalizamos, é formal e praticamente restrita à língua escrita formal. Esse fato foi já divulgado por alguns estudiosos. Arrais (1991), por exemplo, reconhece que “a noção de futuro do presente, em certos enunciados, é expressa pelo uso de formas do presente do indicativo, exprimindo que o falante considera *necessária* a ocorrência dos conteúdos proposicionais neles descritos” (p. 16). Os exemplos abaixo confirmam tais opiniões:

- (16) “Sinto muito não vou pra escola não que eu num  **vou deixar**  meu filho sozinho” (D2: Inq.: 16, l:223-4)
- (17) Aí tu me arranja essa proposta porque eu  **vou ficar**  em cima dela num sei mais o quê” Aí eu disse “Só com o Erinaldo que eu não  **vou assumir**  essa responsabilidade não” (D2: Inq.: 16, l:471-2)
- (18) mas eu advoguei pouco tempo larguei e agora eu  **vou reencontrar**  nossa turma trinta anos (D2: Inq.: 47, l:307-9)
- (19) já que ele  **vai entrar**  numa depressão tão gran::de ... que se seu sistema imunológico  **vai se debilitar**  mais rapidamente ... isso pode até::...acelerar ainda muito mais o ... a sua doença ... (DID: Inq.: 01, l:313-6)



- (20) o problema é com Elas... que elas se dediquem que elas sejam estudiosa/ sem esperar por coLÉgio sem esperar por professor... que::... que saibam buscar conhecimento experiência s:// sozinhas né?... então o professor **vai ajudar** muito o colégio **vai ajudar** muito mas se não estudar em casa... não aprende não... tem que::... completar os estudos em CAsa... (DID: Inq.: 08, l:785-91)
- (21) será que essa rã **vai pular** em cima da gente hein? então pera aí vamo/ fechar aqui só um minuto (DID: Inq.: 09, l:290-1)
- (22) não é culpa do jovem a sociedade que passa isso pra gente { você **vai escolher** você **vai escolher** num é uma profissão não você **vai escolher** é um cheque... (DID: Inq.: 12, l:801-5)
- (23) as atrações os eventos que **vão acontecer** aQUI... pa/ quando o turista cheGAR... trabalha de eh::... juntamente com os hoTÉIS né?... fazendo uma programação::... (DID: Inq.: 106, l:257-9)
- (24) CLARo que nós **Vamos encontrar** CAsos ... EM QUE... Essa ... estruTUra ... É violada... (EF: Inq.: 114, 114-6)
- (25) QUANta coisa ela num **vai entender**... daí por que... a GENte... que tem a responsabilidade... de... eh:: ensiNAR... (EF: Inq.: 14, l:74-5)
- (26) e você... coloca... em locais adequados... aqueles produtos... que **vão aBASTecer**... a população... O GRANDE PROBLEMA NOSSO... é que se produz MUIto... como foi feito na Era VARgas... (EF: Inq.: 17, l:192-5)

As frases (16) a (26) estão, portanto, inseridas na segunda perspectiva, cujas ações são prospectivas em virtude de se situarem em momentos posteriores ao momento da fala, tendo o presente como ponto de referência. Uma particularidade presente nessa forma verbal é a possibilidade de aproximar o mais possível uma ação futura em determinados contextos. Soares, dentre outros, destaca essa característica. Vejamos, por exemplo, as frases (16) e (23). Se substituirmos as formas compostas pelas formas simples correspondentes, o valor de futuro próximo será alterado. Nelas a probabilidade de acontecer o fato parece mais distante:

- (17a ) Aí tu me arranja essa proposta porque eu **ficarei** em cima dela num sei mais o quê” Aí eu disse “Só com o Erinaldo que eu não **assumirei** essa responsabilidade não” (D2: Inq.: 16, l:471-2)
- (23a ) as atrações os eventos que **acontecerão** aQUI... pa/ quando o turista cheGAR... trabalha de eh::... juntamente com os hoTÉIS né?... fazendo uma programação::... (DID: Inq.: 106, l:257-9)

As frases formadas com os tempos compostos assinalam para uma execução mais próxima da ação pretendida pelo falante. No dizer de Arrais (op. cit.), o falante usa a forma composta em virtude de seu conhecimento de mundo que lhe proporciona um certo grau de certeza de que a ação deve se realizar, isto é, é necessário que a ação se realize. Já

a forma simples atribui um grau de distanciamento da execução da ação. Nesse caso, diminui o grau de certeza de que a ação será executada.

A forma *tenho feito*, situada também na segunda perspectiva, porém retrospectiva, pois se situa anteriormente ao ponto de referência (presente), possui significado de ação iniciada no passado recente e que prossegue até o momento da fala, podendo se estender além dele, de maneira constante, repetida de maneira regular ou intermitente. Essas especificações dependem do semantema do verbo ou do contexto. Soares destaca que é exatamente o fato dessa ação se prolongar até o momento da fala que justifica sua posição no plano do presente. Observemos, concretamente, através dos exemplos a seguir, como se atualiza essa dimensão temporal na língua falada.

- (27) é ainda é... ainda vem sendo usado... hoje em dia ainda apesar de ter drogas mais modernas aí mas muito experimental mas isso daí é que ainda ... eh eh praticamente tem **tem tido** algum efeito ... (DID: Inq.: 01, l:105-9)
- (28) hoje em dia já é muito comum as pessoas... assim muitas pessoas **têm desenvolvido** AIDS né têm estão infectada né? (DID: Inq.: 01, l:158-60)
- (29) / você sonha um sonho TÃO complicado tão cheio de coisa... de de:: peDAços de de reTAlhos... que você num sabe nem explicar /cê num já **tem sonhado** não assim? (DID: Inq.: 13, l:298-301)
- (30) o PAÍS pelo NÍvel cultural... pelo nível de informação... pelo NÍvel... de... propostas... que você **tem apresenTado**... enTÃO... AO assumir... o controle... os empregados... conseguiram... dominar o quê?... nas fábricas... eles dominaram... os empregos... o abastecimento... e a produção... (EF: Inq.: 17, l:162-6)
- (31) daí por que fica um pouco confuso e **tem gerado** uma série de interpretações (EF: Inq.: 18, l:231-2)
- (32) nós temos temo/ também que alguns tipo de suicídio... eh::... NÃO **tenha acontecido** porque... de uma certa forma o sistema de emerGÊNcia... SAÚde... eh **tem funcionado** como os Frotinha os Gonzaguinha (EF: Inq.: 19, l:173-6)
- (33) TODA essa tecnologia **tem permitido** a gente pegar estrelas mais próximas e super ampliar e tentar verificar o quê que tem ao redor delas... (EF: Inq.: 53, l:167-9)
- (34) AÍ... a turma já **tem se exiBI::do** viu? JÁ **tem mostrado** seus valores seus canto/ suas música (D2: Inq.: 48, l:613-4)
- (35) então depois disso e::le **tem melhorado** bastante ele /tá até mais::... mais firme {né?... graças a Deus (D2: Inq.: 39, l:573-4)
- (36) o parque industrial é maior ... mas a velocidade ... com que eles têm ... eh eh::... que ele **tem CRESCIdo** ... é meNOOr do que a velocidade com que o Cear vem se mantendo regularmente (D2: Inq.: 11, l:742-4)
- (37) mas todo dia eles tão aplicando ... **têm aplicado** ... todos os dia (D2: Inq.: 11, l:1094-5)

- (38) foi contacta::da aí nós vamos verificar assim mas... sobre a pessoa:: em relação... até sobre o que ela **tem prepaRAdo** (D2: Inq.: 02, l:151-2)
- (39) pelo que eu **tenho visto** aí **tenho lido**... as pessoas falam que vai demorar ainda um pouco talvez ... num sei ... cinco ou até mesmo dez anos pra que se realmente se descubra uma uma ... uma uma vaCI na né? (DID: Inq.: 01, l:325-8)
- (40) pessoas que:: que:: têm relação com o sexo oposto que não **tem tomado** as devidas precauções e que:: nesse grupo que a AIDS **tem aumentado** bastante (DID: Inq.: 01, l:390-2)
- (41) aí... então o que **tem acontecido** é que a Ciência cresceu então se tornava tão independente tão distante se tornava tão COMPLExa se tornava tão excluSIva... que num tem mais a Filosofia fazendo a função de... (EF: Inq.: 53, l:706-9)

De fato, os exemplos confirmam que essa forma verbal não adquiriu, pelo menos na língua falada em estudo, o significado de acabamento ou de perfeito. Note-se que ela não pode ser substituída pela forma simples e manter o mesmo sentido. Essa substituição, se fosse o caso, acarretaria perda total ou parcial da forma simples, segundo afirma Soares. Esse fato não encontra respaldo nos dados do material analisado. As frases acima servem, também, para contestar essa provável substituição.

Atualmente, seu uso é raro até mesmo em registros formais da língua falada, principalmente nessa perspectiva. Dietrich, em seu estudo sobre as línguas românicas, sequer destaca, para o português, o aparecimento dessa forma com *haver*. Soares destaca, com propriedade, que na forma *tenho feito* o auxiliar *haver* caiu em desuso no português brasileiro atual. Outro fato interessante que ela detecta é o que se refere ao significado durativo (ou de repetição durante um longo tempo), característico dessa forma verbal, que não se faz presente em outras formas com o auxiliar *ter* que, ao contrário, carregam a idéia de ação terminada. Podemos constatar esse fato mais adiante quando abordarmos as demais formas.

No âmbito do passado, situam-se as formas *tive feito*, perspectiva retrospectiva, e a forma *fui fazer*, perspectiva prospectiva. Ambas as formas foram de ocorrência nula nos dados do *corpus*, confirmando o que Soares expõe em seu estudo já referido. A primeira forma, *tive feito*, inexistiu mesmo em registros formais da língua; prova disso é o fato de sua ausência nos registros de EF. Acreditamos, com Soares, que essa forma deve existir, apenas, em fase muito antiga do português.

Said Ali (1966: 162), por sinal, não encampa a doutrina de Soares (e Dietrich) sobre a forma *ter* (pretérito perfeito) + *particípio*. Admite que “o uso banuiu por supérfluo a forma

mais longa”. Assevera, no entanto, que, no “pretérito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma coisa que na conjugação simples. *Teve visto* e *viu* eram cousas idênticas”. Também a segunda forma, *fui fazer*, no âmbito da segunda perspectiva prospectiva, não é normal na língua falada, pelo menos na fala culta do fortalezense. Contudo, da forma como Soares prevê, com o verbo *ir*, como auxiliar, sem indicar movimento, é previsível na modalidade de língua referida, pois detectamos dois casos nos moldes do exposto pela autora.

- (42) aí outro dia eu **fui dizer** pro... pr/ um... /tava conversando em mesa de bar com uns amigo uns amigo da gente né?... aí eles dizendo que se fosse eles num tinha DAdo... mas *Milk* eu achei tão assim a me{nina desempregada (D2: Inq.: 02, l:750-3)
- (43) Os olhos grandes vão ficar em cima aí eu **fui dizer** “criatura estuda ... ou então vai ocupar a tua função n/e ... tem uma função tão bonita um nível superior (D2: Inq.: 116, l:229-31)

O futuro, do plano atual, é representado pelas formas *farei*, *terei feito* e *irei fazer*. As duas últimas formas se situam na segunda perspectiva retrospectiva e prospectiva, respectivamente, as quais focalizaremos a seguir.

Segundo Soares, “*terei feito* tem sentido de perfeito – ação acabada -, no futuro antes de outro evento, também no futuro” (op. cit.: 58), ao contrário do que ocorre com *tenho feito*, já explicitado. A autora afirma ainda que, na linguagem coloquial, essa forma poderá ser substituída pela forma *vou ter feito*, o que nos parece precipitado. No material analisado essa forma também não foi registrada, o que confirma a assertiva de Soares: *vou ter feito* é uma forma própria da linguagem coloquial, portanto é possível que não tenha se atualizado já que tratamos, nesse estudo, com dados da língua falada culta.

Quanto a *irei fazer*, também não se atualizou na língua falada em questão. De fato, trata-se de uma forma carregada de formalidade, até mais do que a forma simples correspondente *farei*. É possível que apareça em registros tensos da língua escrita e falada, como sugere Soares. Entretanto, nem mesmo nos registros de EF essa forma foi encontrada. Não se usa o auxiliar *irei*, porque não se faz uso da forma correlata plena *irei*.

Em resumo, podemos dizer que, no plano atual, as dimensões temporais que se atualizam são: as primeiras perspectivas, *presente*, *passado*, *futuro*, e as segundas perspectivas no âmbito do presente. As demais não se atualizam na língua falada culta do fortalezense, exceto o caso da segunda perspectiva prospectiva, do passado, *fui fazer*, que ocorreu nos moldes da previsão de Soares: de uso restrito e conteúdo modal, conforme frases (42) e (43).

O plano *inatural*, conforme pode ser visto no esquema à página -----, tem como elemento central o *imperfeito*, caracterizando o momento do qual se fala. Esse tempo verbal é o “presente” do plano inatural. A forma *fazia*, ao lado de *fizera*, mais que perfeito, e *faria* futuro do pretérito, compõem o esquema da primeira perspectiva. *Fizera* representa o momento anterior ao momento do qual se fala, e *faria*, o momento posterior ao momento do qual se fala. Vejamos de que forma essas dimensões temporais se expressam na língua falada em estudo.

Tomemos, inicialmente, as formas simples *fazia*, *fizera* e *faria*. A primeira forma aparece regularmente na língua falada. O imperfeito, perspectiva respectiva ou paralela, é um tempo verbal de grande expressão, muito usado, principalmente, nos relatos mais espontâneos. A escassez de ocorrências nos registros de EF corroboram esse fato. Por se tratar de situações de formalidade, as atualizações no imperfeito passam a ser restritas, quase inexistentes nesse tipo de registro. Os falantes se expressam de forma mais categórica, no presente ou no pretérito perfeito.

A título de ilustração, vejamos alguns exemplos extraídos do material coletado.

- (44) o Simões... /tava contestando ali pergunTANdo... o que que eu **achava**... dos profeSSores fazerem um plano de Aula (D2: Inq.: 16, l: 500-2)
- (45) no início quando não se **tinha** conhecimento ainda é da AIDS como uma doença certo? Não se **sabia**... o vírus o causador... e não se **sabia** direito ainda... os sintomas... quando as pessoas elas **apresentava** os sintomas da AIDS com/é que elas **eram** tratadas? (DID: Inq.: 01, l: 185-91)

Note-se que os exemplos ilustram o que dizem os autores quanto ao emprego coloquial desse tempo verbal. É, de fato, próprio da linguagem cotidiana e retrata, de fato, espontaneidade no falar.

A forma *tinha feito* substitui, no português atual, a forma *fizera*, pretérito mais que perfeito do indicativo. Gonçalves (1993) lembra, oportunamente, que as gramáticas nada dizem de concreto sobre os empregos reais das formas simples e compostas desse tempo verbal. Limitam-se a prescrever um padrão geral e arrolar alguns exemplos, esporadicamente encontrados na linguagem literária, nada mencionam sobre as diferenças entre as modalidades oral e escrita e diferenças discursivas e de formalidade. Já está praticamente comprovada a sua ausência, em especial na língua falada. Mesmo na escrita seu uso é raro, pode aparecer somente em registros tensos da língua. Com base nos resultados de sua pesquisa, Gonçalves conclui que:

Não só a forma simples do mais que perfeito se encontra em vias de extinção no português falado no Brasil, como na escrita seu uso está condicionado ao grau de estabilidade do texto. Textos que têm grande compromisso com a norma culta se caracterizam por um certo distanciamento da língua falada. Por isso, estão mais fortemente sujeitos ao uso da forma simples do mais que perfeito. Por outro lado, essa forma simples aparece, na língua oral, em algumas interjeições estruturadas morfológicamente pelo mais que perfeito, como “pudera” e “prouvera”, mas o valor semântico desse tempo verbal inexistente nessas expressões congeladas pelo uso coloquial (op. cit.: p. 141).

A forma composta, ao contrário, é de grande produtividade na fala, isso porque a forma simples *tinha* também o é. Os dados analisados confirmaram esse fato já previsto.

Essa forma verbal pode, também, ser formada com o verbo *haver*, embora saibamos que seu uso está cada vez mais raro. Atribuímos isso ao fato de que o verbo *haver* também é pouco usado na língua falada, principalmente, no *corpus* em estudo não foi encontrado nenhum caso. Ele é substituído por *ter*, conforme pode ser observado nas frases abaixo.

- (46) **tinha** duas menina na porta que cê tem? nã:: /a tia C. me mandou pra cá pra conversar (D2: Inq.: 16, l: 113-4)
- (47) as FEStas que a gente tinha lá:: os aniverSÁrios **tinha** festa lá? (DID: Inq.: 05, l: 280-1)
- (48) **tinha** um até que já tinha estudado alemão... que me falou umas duas {palavra/ em alemão (D2: Inq.: 48, l:9-12)

Soares acredita que os bons escritores lançam mão das três formas para se expressar: *fizera*, *tinha feito* e *havia feito*, isso porque, além de configurar uma questão de estilo, permite ao escritor evitar repetições ou combinações pouco eufônicas.

Passemos às ilustrações com a forma *tinha feito*:

- (49) Fiz ditado só de palavrinha besta duma poesia que eu **tinha dado** (D2: Inq.: 16, l:599-600)
- (50) o nosso professor de prática **tinha selecionado** os colégio pra gente dar aula então à noite ele me disse “Z.A. você ficou pra dar aula no São José Colégio São José” (D2: Inq.: 47, l:204-7)
- (51) a COIsa veio... chegando a minha memória chegando a mim... e eu... fui me lembrando mas aí já **tinha passado** a minha vez (D2: Inq.: 69, l:423-5)
- (52) ... eu num **tinha lido** NAda assim... DIFERENte daquilo que eu né? daquilo que eu precisava realmente que eu era obrigada a ler... (DID: Inq.: 06, l:530-2)
- (53) conta até CAso de um:: senhor que **tinha comprado** uma uma entrada eh uma comprado uma ação do NÁUtico (DID: Inq.: 106, l:459-60)
- (54) o médico **tinha passado**... e:: então ela... foi tomar na na farmácia... meu esposo foi quem foi aplicar... (DID: Inq.: 23, l:71-2)

- (55) ele vai falar exatamente tudo que ele... que ele **tinha colocado**... eh na sua carta... (EF: Inq.: 156, 1:82-4)
- (56) aquele sucaTEIro... ele era abestado... por que que ele era abestado? porque ele penSAva... acreditava num num **tinha escutado** aquele provérbio... que NEM TUDO que reluz é OURO... (EF: Inq.: 19, 1:390-2)
- (57) então veja que até agora se **tinha falado** de uma transitividade... que era... morfológica... falou-se de uma transitividade SINTática ou sintático-semântica... né?... MAS não se **tinha falado** em nenhum tipo de determinação... pragmática... (EF: Inq.: 25, 1:539-43)

É possível que essa forma composta ocorra com sentido de futuro do pretérito, como constatam Longo et alii (1992) e Gonçalves (op. cit.), este reconhecendo que há, nesse caso, transgressão da norma culta e desvio da prescrição gramatical. Localizamos nos dados coletados para a nossa pesquisa alguns casos dessa natureza, conforme exemplos a seguir.

- (58) “Olhe num posso estudar nenhuma”.... mesmo assim eu escolhi duas ... dia de terça e quinta mas cadê lá termina três e meia pá vim pra cá cinco hora ... ela **tinha ajeitado** ... só se eu viesse era de avião (D2: Inq.: 116, 1:179-84)
- (59) se você tivesse me falado isso com antecedência eu **tinha dado** UMA LIda... para recordar mais (1:484-6 eu **tinha feito** um... uns apontaMENTos... (DID: Inq.: 22, 1:436-8)

Note-se que não são muitas as atualizações de *tinha feito* com valor de futuro. Inclusive não registramos nenhum caso em EF.

Listamos, agora, exemplos com *haver* + *particípio* sinalizando mais que perfeito<sup>30</sup>.

- (60) o Renascentismo **havia trazido**... os valores espirituais... TÃO forte/ da:... eh:: Idade Média... e desprezados pelo:: Renascentismo... (EF: Inq.: 35, 1:141-3)
- (61) na aula anterior... a gente já **havia discutido**... sobre a diferença entre esgoto secundário e esgoto primário né?... (EF: Inq.: 152, 1:2-3)
- (62) na polêmica entre Antônio Sales e e Adolfo Caminha por conta do primeiro livro de An/ de Antônio Sales *Verso diverso* ... ele **havia citado** uma opinião de Cruz e Sousa (EF: Inq.: 03, 1:390-3)
- (63) ... a::té o *Dio como te amo* que eu não **havia assistido** quando era meNIIno... foi passar a gente foi VÊ-lo um filme também bastante simples... (DID: Inq.: 08, 1:544-6)
- (64) quando eu entrei NENHUMA NENHUMA turma ainda **havia se formado** ... (DID: Inq.: 106, 1:65-6)
- (65) Quando foi nove e meia só ficaram dois professores o resto **havia saído** tudim (D2: Inq.: 16, 1:431-2)

<sup>30</sup> Note-se que só se combina *haver* no pretérito imperfeito e *particípio* e não *haver* no presente com a referida forma nominal, pois, neste caso, *haver* tem formas monossilábicas em desuso e é muito irregular.

Embora raras, algumas situações com o verbo *haver*, como auxiliar, foram encontradas. Em D2, registro mais espontâneo, houve apenas uma ocorrência, o que confirma o alto grau de formalidade no uso desse verbo. Nos demais registros a atualização foi equilibrada.

A forma *ia fazer* é sinônima de *faria*. Nesse caso, também, a forma composta está substituindo a forma simples, que é formal e própria da língua escrita e da língua falada tensa. Ao contrário de *farei* que não aparece em nenhum momento nos dados coletados, *faria* é bastante usada, principalmente nos registros de EF. Há contextos em que a forma *ia fazer* pode indicar uma ação que não se realizou, que era iminente ou que estava apenas na intuição do falante. Quando isso acontece, a forma composta não pode substituir a forma simples conferindo-lhe o mesmo sentido.

Vejam, na prática, como isso se dá. O grupo de frases, abaixo, de (66) a (74) retrata a situação em que a forma composta substitui a forma simples.

- (66) Tu num disseste quando ia ser a vice-diretora **ia ficar** na frente da pedagogia da escola ver como é que tava essa parte e tudo ... “É vamo fazer uma reunião aí ver como é que fica” (D2: Inq.: 16, l:144-6)
- (67) então novamente a Argentina estaria e **ia fazer** um grande um grande **ia atrapalhar** demais os plano da FIFA (D2: Inq.: 28, l:604-6)
- (68) se você usasse aquilo ali botasse um artista cearense todo domingo um artista cearense cantando ali de graça aquilo **ia lotar** por que que num **ia lotar**? e as pessoas **iam ouvir** e **iam gostar** se a rádio tocasse mais música daqui a pessoa já aí já conheço essa música então quando fosse pro *show* já **ia cantar** a música junto com o artista (D2: Inq.: 28, l:906-11)
- (69) aí ele num **ia se preocupar** muito a não ser que fosse uma coisa MUIto estranha (DID: Inq.: 08, l:110-2)
- (70) uma amiga minha... num restaurante ela disse que não **ia... pedi::r** um::... UM PRATO não lembro mas a que ela dizia que ela disse que era comida de pobre ... (DID: Inq.: 03, l:554-61)
- (71) quando dias antes da POsse eu soube que ele tinha dito que **ia deixar**... a esquerda perplexa... e a direita indignAda... aí eu disse se a esquerda vai ficar perplexa e a direita indignada ele vai cair... que num vai ter apoio de ninguém... e de FAto foi o que aconteceu (l:171-5)
- (72) se o Brasil fizesse isso... o que **ia acontecer**?... nós **íamos ter**... um problema muito GRAve... (EF: Inq.: 17, l:242-4)
- (73) esse espaço essa laCUna que **ia se formar** nesse afastamento... **ia criar** um espaço que GEROU esse novo filho que chama acidente... (EF: Inq.: 19, l:346-8)



- (74) eu agradeço essas palavra generosa embora:... haja um pouco de gozação aí no meio da estória porque eu sabia que ele **ia falar** nesse soneto... camoniano (EF: Inq.: 03, l:3-5)

As situações presentes nas frases acima referidas são bastante comuns no falar culto do fortalezense. Os dados são abundantes o que confirma, realmente, a supremacia do uso da forma composta<sup>31</sup>.

A forma *teria feito*, caracterizada como perspectiva retrospectiva, do plano inatual, está no mesmo *status* de *terei feito* do plano atual. A exemplo deste, tem noção de ação acabada, de perfectividade, e de anterioridade, ou seja, ação que ocorre antes de outro evento. Em geral, as formas com futuro são escassas na língua falada, e esse caso não é diferente. Não foram muitos os casos localizados no *corpus*. Vejamos alguns exemplos.

- (75) tudo que /cê precisa corre pra lá e é... quando vinha vinha... algumas produções **teriam FEIt**o... locação aqui... (DID: Inq.: 131, l:746-50)
- (76) se tivesse pneus... será que de repente com TODA Esse esses aparatos ele num **teria morrido** mesmo num **teria chegado** a hora dele mesmo... (DID: Inq.: 20, l:142-4)
- (77) BANDA CABAÇAL... QUE::... SEGUNDO CONStA eh:: **teria vindo**:: a ORIGEM teri/ seria alagoAna... (DID: Inq.: 24, l:352-4)
- (78) num digo remanescente mas seria um antepaSSado... do *PIDgin*... que que também ainda EXIste mas d/outra FORma... que seria a língua FRANca ou sabir... que teria sido desenvolVIDo... na época medieval durante as Cruzadas né?... dos mulçuma::nos e e os... os cristãos né?... pra se comuniCAR... **teria aparecido** essa... essa língua saBIR OU... língua FRANca... (EF: Inq.: 138, l:119-25)

<sup>31</sup> As frases a seguir revelam, todavia, uma outra forma de expressão com a forma composta em questão. Não podemos negar seu *status* de futuro, porém não como ocorre nos moldes das frases anteriores (66) a (73), já que essas formas compostas não podem ser substituídas pela forma simples e preservar o mesmo sentido.

- num sei com/ é que o pessoal vive realmente um milagre brasileiro mas esqueci o que eu **ia dizer** (D2: Inq.: 28, l:484-6)
- quando eu era pequena? eu Arrumava a ca::sa... e **ia brincar** n/ era {então era é::eu decorava a casa e **ia brincar**... /tá entendendo? (D2: Inq.: 02, l:886-9)
- minha esposa viajou aí eu fui jogar um pouco... mas eu ficava a semana toda com as menina/ e... no domingo eu **ia jogar**... em NOVEMbro eu acho que levei uma PANcada aqui na... na PERna e a::... e o joelho ficou um pouco dolorido... e aí eu... parei por enquanto... num sei se eu ainda vou voltar... (DID: Inq.: 08, l:445-9)
- bairro bom do Rio de Janeiro... o Meyer... eh lá em em Madureira é onde... sempre a gente **ia fazer**... COMpras... que tem... merCA::do (DID: Inq.: 32, l:174-6)

As situações retratadas nesse grupo de frases são bem mais restritas. Poucos casos foram registrados em D2 e DID e nenhum em EF. Esse fato nos leva a considerar que se trata de uso coloquial, espontâneo, não próprio da língua falada culta, como é o caso em questão, já que as atualizações se restringiram aos registros de informalidade. Há um valor modal diferente entre as duas maneiras de expressão. Essa questão não nos compete no momento.

- (79) se ele num fosse abestado ele seria... seria indenizado ( ) OU O GRUPO... de sucaTEIro que é o sindicato quem quer que seja entende? **teria** se **organizado** de uma forma melhor... num país civilizado (EF: Inq.: 19, l:396-9)

Observamos a inexistência de ocorrências com essa perífrase em D2, registro de maior informalidade do *corpus*. Mais uma vez se confirma o fato de que as formas com futuro são raras no português falado, pelo menos do falante em evidência. Só nos registros formais ou “dirigidos” é que elas encontram campo fértil. O que se nota, no dia-a-dia, conforme já assinalado com os poucos exemplos, é que em alguns contextos a forma *teria feito* é substituída por *tinha feito*, mais usual, já que o uso do imperfeito pelo futuro do pretérito pode ocorrer como colocamos anteriormente.

A forma *iria fazer*, situada na perspectiva prospectiva, do plano inatural, é sinônima de *faria*, desde que o verbo *ir* não seja interpretado como verbo de movimento no contexto em que se situa. Essa forma é de uso mais tenso na língua do que a forma simples. O seu uso confere à frase um elevado grau de formalidade. Verificamos pouca produtividade dessa forma nos dados colhidos no *corpus* analisado.

- (80) num era ele prejudicando a tia em sala de au::la ...que ele **iria conseguir** terminar com mais rapidez::... pelo contrário a tia ia... se prejudicar e prejudicar os colega ((ruído)) porque num **iria dar**... o que tinha que ensinar no TEMpo (D2: Inq.: 07, l:532-5)
- (81) num sei... se ela **iria fazer** e se **iria re/ repetir** esse mesmo processo aquilo que estou lembrando quando criança entende?... (DID: Inq.: 07, l:1188-9)
- (82) isso poderia até unir essas diferentes FORças na no momento numa ameAça de uma revolução socialista... que **iria expropriar** os meios de produção dessas pessoas (DID: Inq.: 10, l:45-7)
- (83) “mas rapaz você a gente não só faz as coisas... pra quem:: **vai retribuir** com a gente então quer dizer você... só **iria fazer** isso se você fosse se enterrar aqui?... (DID: Inq.: 23, l:306-8)
- (84) eu rezei muito a Nossa Senhora... que me inspirasse o que... **iria fazer**... (DID: Inq.: 23, l:689-90)
- (85) Ela represenTOU... a PARte... primeira... de um plano... que... **iria constranger**... toda a sociedade... (EF: Inq.: 17, l:387-9)

Apenas essas situações foram registradas no material analisado, o que ratifica o elevado grau de formalismo dessa forma verbal, bem como o seu distanciamento da língua falada.

A forma *ia fazer*, em certos contextos, substitui a forma *iria fazer*, o que corrobora a hipótese de o auxiliar refletir emprego do verbo como nocional: o imperfeito é empregado sincreticamente com valor de futuro do presente. Exemplificamos.

(86) aí ele num **ia se preocupar** muito a não ser que fosse uma coisa MUITO estranha (DID: Inq.: 08, l:110-2)

(87) poderia ser tratado num hospital desse já que:: ele **ia gastar** muito dinheiro... se o tratamento é muito prolonGAdo (DID: Inq.: 01, l:168-9)

As formas *tivera feito* e *fora fazer*, das perspectivas retrospectiva e prospectiva, respectivamente, do plano inatual, foram de produtividade nula na língua falada culta do fortalezense, corroborando o que já dissera Soares, entre outros, a respeito do desuso dessa forma verbal, em português. Sobre o tempo mais que perfeito simples, já é ponto pacífico a crença dos estudiosos em sua quase extinção na língua falada, e raros são os casos na língua escrita tensa. O próprio Camara Jr. (1989) já se pronunciara a respeito:

O pretérito mais que perfeito é de rendimento mínimo na língua oral, mesmo do registro formalizado do dialeto social culto; ou se emprega, em seu lugar, o pretérito perfeito, que não está formalmente marcado, ou se substitui por uma locução de participio com o verbo auxiliar *ter* no pretérito imperfeito (*tinha cantado* em vez de *cantara*) (p. 100)

A forma *houvera feito* é previsível na língua, porém completamente ausente nos dados do *corpus* utilizado. Soares faz referência ao uso dessa forma, todavia de um caso bem específico de língua escrita. Diz a autora:

Encontramos um exemplo curioso, que, por ser tradução do inglês, não é uma situação muito normal: “No fim do volume, declarou em uma nota que estivera ausente de Leipsig e não *houvera tido* a oportunidade de formular sua opinião a respeito do artigo, cuja responsabilidade deixava inteiramente a critério do co-redator” (op. cit.: 58-9)

A forma *fora fazer* também não se atualizou na fala culta de Fortaleza. Soares prefere não descartar a possibilidade de atualização dessa forma, mesmo que seja no uso literário. Afirma, porém, não ter encontrado nenhum caso com essa forma verbal, fato que se dá conosco quanto aos registros da língua falada já mencionada. Certamente, essas formas foram substituídas por outras, como *tivesse feito* em lugar de *tivera feito*, em usos literários, e *fosse fazer* em lugar de *fora fazer*. Essas questões fogem ao escopo desse trabalho, razão por que não nos prolongaremos sobre o assunto. Contudo, ilustraremos alguns casos, logo a seguir, ao apresentarmos o esquema para o subjuntivo, colhidos no material estudado.

No *subjuntivo*, conforme Soares, “o esquema realiza-se por inteiro, embora as formas com o auxiliar *ir* (não interpretável como verbo de movimento) ocorram em um número restrito de contextos. Ao contrário do indicativo, no subjuntivo não acontecem casos de sinonímia entre as duas formas. As formas com *ter* trazem sempre a noção de perfectividade e anterioridade, as com *ir*, a noção de futuridade” (op. cit.: 61). A autora

acrescenta que, de maneira geral, na maioria dos usos o subjuntivo insere-se no plano inatual, diferentemente do que pensam Pottier et alii (1975), para quem o subjuntivo também apresenta dois planos: um atual, com duas formas *escrevesse* e *escreva*, e um inatual, com uma forma, o futuro do subjuntivo *escrever*. De qualquer modo, essa discussão não será encampada nesse estudo, pois foge ao nosso tema central: o estudo da categoria de aspecto nas formas perifrásticas.

Vejamos que formas são atualizadas no português oral culto de Fortaleza, através dos exemplos abaixo.

Com *tenha feito*:

- (88) e::s::/ saberia dizer s::e uma pessoa ... que:: é portador do vírus ... ou talvez até já ...**tenha desenvolvido** alguma coisa ... for PARAR num hospital particular com uma::... determinada doença ... QUANdo eles descobrem que a pessoa tem o vírus da AIDS... aí imediataMENte eles ... colocam o paciente pra fora do hospital? (DID: Inq.: 01, l:150-5)
- (89) tinha vários parentes na minha família que eram médicos e que eu me identificava muito com essas pessoas que daí eu ... **tenha tido** vontade de fazer medi{cina (DID: Inq.: 01, l:855-9)
- (90) e fizeram aquela promoção para QUE o Collor fosse... saísse do governo... não quero inocentá-lo num quero... não quero dizer que o Collor num **tenha tido**... mereceu... mereceu que foram fez o... mas devia ter sido mais... deviam ter ido a fundo... devia ter sido condenado (D2: Inq. 39, l:1012-5)
- (91) o Fortal vai ser maravilhoso embora eu **tenha tido** aquela::... problemática da minha morTAlha... que a menina que tinha me **prometido** vender a morTAlha quando foi hoje falta dois dia p/ o ForTAL ela inventou... que vai::... passou a mortalha adiante num vai mais me vender né?... (D2: Inq.: 30, l:20-4)
- (92) a senhora assim num consegue lembrar de nenhum pratos... PRATo aliás assim eXÓtico? que a senhora **tenha ouvido** falar não?... que a senhora tenha assim:: que tenha::... eh::que **tenha** lhe lhe:: **provocado** assim curiosidade?... DID: Inq.: 08, (l:304-7)
- (93) ... na tabela quatro ponto DOIS... eu acredito que todo mundo **tenha entendido** o uso da tabela quatro ponto um é verdade ou não? (EF: Inq.: 152, l:192-3)
- (94) não existe nenhum regime... que eu conheça... que não **tenha usado**... de alguma forma... a FORça... como forma... DE... manifestar... os seus próprios interesses... (EF: Inq.: 17, l:20-2)

A forma *tenha feito* é de grande produtividade na língua falada em questão. Ao que parece, essa é uma maneira espontânea de expressão, já que predomina nos registros informais (D2), seguido do registro “dirigido” (DID). Os casos em EF foram discretos.

Apresentamos, agora, lista de exemplos complementares de outros subcasos de dimensão temporal. No *corpus*, de baixa produtividade, talvez pela possibilidade de usar-se *faça*<sup>32</sup>.

Com *vá fazer*:

- (95) nenhuma perspectiva de quando **vá surgir** realmente uma vacina assim eficaz contra a AIDS?... (DID: Inq.: 01, 1:318-9)
- (96) se a mulher é adúlterina né?... bom... num é que ela num **vá ter** a pensão::... vai ter aGOrA... vai dimiNUIR... vai diminuir né?... (DID: Inq.: 40, 1:117-9)
- (97) se chega alguém... aquele Ato pode desaparecer... ou que **vá conversar**... agora tem que ter cuiDAdo... que aquele cara é um suicida em potencial (EF: Inq.: 19, 1:787-90)
- (98) EU acho muito difícil conceber... uma coisa infinitamente peQUEna que **vá terminar** numa coisa infinitamente GRANDe... (EF: Inq.: 53, 1:824-6)

Com *tivesse feito*:

- (99) eu num quis fechar TOda porque eu eu podia ter fechado só a... **tivesse fechado** toda aqui essa parte... só pra área de serviço mas eu... tinha que mudar a ventilação sabe? (D2: Inq. 02, 1:369-71)
- (100) se ele **tivesse dado** outra solução tenTAsse... botar o os três primeiro pra lá pra rua teria sido melhor teria {conseguido vender... por um preço mas também são... todos primeiro segundo e terceiro andar são todos mais {baratos (D2: Inq.: 02, 1:549-53)
- (101) é preciso que você **tivesse passado** por um um estágio de várias escola sendo diretor MESmo... pra conheCER o que é a problemática (DID: Inq.: 05, 1:432-4)
- (102) se nós **tivéssemos ido** em outro BARco talvez fosse mais barato (DID: Inq.: 06, 1:103-4)
- (103) vamo/ dizer se eu **tivesse feito** uma viagem muito longa e chegasse em casa... e alguém disser assim "ah vamos ali no Paracuru::?... conheCER?"... eu acho que eu num ia não "vamo/ deixar pra manhã"... (DID: Inq.: 06, 1:231-4)

<sup>32</sup> Há, também, exemplos no imperativo do qual não tratamos aqui.

- Ele disse "não Vera num **vá ficar** assim desestimulada não isso é geral (D2: Inq.: 16, 1:259-60)
- **vamo/ dizer vamo/ explicar**... melhor... ela RECEBE do governo federal... a concessão... o direito... de levar energia... AOS homens do campo... ÀS cidades... à zona urBAna... então essa é a função da COELCE... (DID: Inq.: 37, 1:54-7)
- tem algum projeto? tem então **vamo/ fazer** a obra lá em Barbalha... (DID: Inq.: 41, 1:775-6)
- **vamos acompanhar** o exemplo aí da página trezentos e trinta e quatro... (EF: Inq.: 152, 1:127-8)
- **vamos considerar** a sociedade... na época do Brasil... COLÔNIA... (EF: Inq.: 17, 1:465-6)

- (104) se nós **tivéssemos deiXAdo** a industrialização correr uma maneira mais... a a:: ao GOSTo da iniciativa priVAda... (DID: Inq.: 10, 1:623-5)
- (105) imaginem se o Marx **tivesse vivido** (nessa época)... (EF: Inq.: 18, 1:99-100)
- (106) se eu **tivesse falado** contigo... uma transitividade determiNAda pela pela... CARga semântica do verbo aqui eu já num /tô nem falando de omissão... (EF: Inq.: 25, 1:593-5)

Não registramos nenhum caso com o verbo *haver*, como auxiliar, nesse tipo de forma composta. Embora prevista no código, trata-se de uma forma extremamente formal o que a torna exclusiva de registros tensos da língua. É, portanto, perfeitamente esperada a sua ausência no material coletado.

Com *fosse fazer*:

- (107) ele tinha essas coisa ele vivia querendo que eu **fosse trabalhar** dia {de sábado sabe? aí eu ficava a maior tensão né? dia de sexta-feira eu disse não eu tenho que inventar que eu vou viajar toda vida eu inventava que ia viajar... (tu acredita) (D2: Inq.: 02, 1:920-5)
- (108) se **fosse fazer** novamente alguma coisa eu faria isso aí (DID: Inq.: 01, 1:879-80)
- (109) se eu **fosse tocar** aquela música... vamo/ dizer que eu vou tocar aqui oh só com a meloDIA... vou tentar vê se dá certo... PÁ:: PÁ:: PÁ:: PÁ né?... mas se eu botar PÁ:: pá pá pá né? já é diferente né?... enTÃO... então se você pergunta quando é que surgiu o (primeiro instrumento) por exemplo... a MÚsica... a melodia eu num sei mas o ritmo já DESde que né?... se você for na Idade Média eu acho que já ti/ ou Idade Média né? porque a História já tinha (DID: Inq.: 27, 1:1390-7)
- (110) se eu começasse a corrigir hoje... aí corrigisse dez prova/ e **fosse corrigir** as outras amanhã... eu já /tavam outra cabeça (DID: Inq.: 49, 1:476-7)

Essa forma é também utilizada pelos falantes fortalezenses, porém de forma limitada. Tivemos apenas um caso em D2, três casos em DID. Em EF não registramos nenhuma situação com esse tipo de perífrase. Contudo, o modo subjuntivo, como um todo, nos parece mais amplamente realizável, na língua falada, exceto por *tiver feito* (referida abaixo) que apresentou apenas um caso em todo material levantado. O modo indicativo, por seu turno, apresentou lacunas bem mais proeminentes.

Com *tiver feito*:

- (111) se ele já **tiver atingido** o objetivo que é mudar...a Constituição como ele /tá pretendendo mudar (D2: Inq.: 45, 1:1412-3)

Com *for* fazer:

- (112) eu vou colocar aqui no CAso... Deus... ama... o homem... SE EU **FOR ANALISAR**... sintaticamente... ESTA oraÇÃO... ESTE período... eu vou dizer o quê?... (EF: Inq.: 114, l:155-7)
- (113) TUDO isso seria uma relação de de transitiviDAde... se você **for PENSar** simplesmente... na incompletude de FORma... /cê vai dizer... que u/ uma uma:: consoANte vai exigir uma vogal... né?... e aí você vai descer... a todos os níveis... né?... (EF: Inq.: 25, l:166-70)
- (114) tudo que você **for fazer** de exportação... o Brasil... mesmo /cê sendo Nordeste /cê vai fazer através do Banco do Brasil porque... é ele que compra os dólares compra as divisa/ né?... entendeu? (DID: Inq.: 27, l:346-9)
- (115) maquinista botando a LENha... e... e meXENdo... então consegui uma pá eNORme de:: cinco metros o cara ... ia mexendo a lenha ... e tem outras peças aí se eu **for... descreVER** aqui vai tomar ... (DID: Inq.: 42, l:698-701)
- (116) ::... se você **FOR analisar** no cômputo geral... ele num tem culpa não T. (D2: Inq.: 34, l:532-3)

Como vimos, o emprego de um verbo como auxiliar reflete, pelo menos em parte, o que acontece com o verbo em uso pleno. Daí a ausência de formas como *irei fazer*, *fora fazer*, porque não são usuais formas de futuro do presente e de pretérito mais que perfeito. Diz-se *tinha feito*, em vez de *teria feito*, em alguns contextos, porque se usa o imperfeito em lugar do pretérito mais que perfeito. Dispensam-se construções como *hei feito* e *hás feito* devido à baixíssima frequência das formas de *haver* no presente. Aliás, é devido à frequência de *ter* no presente, que este se sobrepõe a *haver*.

### 3.2. AS DIMENSÕES ASPECTUAIS

A partir desse ponto, procuraremos seguir o pensamento de Soares (1987), que se respalda em Coseriu, a respeito das dimensões aspectuais. Inclusive seguiremos sua orientação quanto ao que considera conjugações perifrásticas. A autora se baseia em dois critérios para definir o referido termo. Afirma a respeito:

O primeiro critério é morfossintático: vamos considerar “conjugações perifrásticas” as combinações de dois verbos em que o primeiro está flexionado numa das formas pessoais, contendo, assim, as indicações de pessoa, tempo, número e modo, e o segundo está numa das formas nominais do verbo, *havendo para o conjunto um só sujeito*.

O segundo critério é semântico e consiste em levar em consideração apenas as formas perifrásticas que possuem significado aspectual, uma vez que o objeto do nosso estudo é o aspecto. Não vamos nos ocupar, portanto, de auxiliares modais (...), e, sim, somente daqueles que contenham noções que podem se enquadrar na noção geral de aspectualidade (p. 63).

Conforme já explicitado anteriormente, Soares adota o quadro de dimensões aspectuais, para o português, nos moldes do quadro proposto por Coseriu. Além de Soares, também Dietrich (1983) se utiliza do modelo em seu estudo sobre as línguas românicas, dentre elas focaliza, também, o português.

Convém salientar que a proposta de Coseriu, assim nos parece, é abstrata por contemplar a noção de sistema, e este, conforme destaca o autor, é “sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de ‘imposições’, mas também, e talvez melhor, como *conjunto de habilidades*, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento lingüístico. (1979: 74). Como esquema que são, as fórmulas baseadas no sistema podem apresentar lacunas ante a realidade de uma dada variedade. Quando elaboradas *in abstracto*, uma dada fórmula pode, inclusive, não se realizar completamente, mesmo num sistema lingüístico, a exemplo dos esquemas temporais de Reichenbach (cf. Corôa: op. cit.; 1985).

O *corpus* selecionado para este estudo apresentou dados coerentes com a proposta da autora, embora com algumas lacunas, como veremos no decorrer da análise. Vejamos como isso se dá nas dimensões aspectuais: *visão*, *fase* (ou *grau*) e *colocação* (ou *incidência*). Começemos pela primeira.



### A Visão

Na primeira dimensão, a *visão*, a ação verbal é apresentada como parcializada (parcializante) ou não-parcializada (ou globalizante). Soares afirma que “as diferentes manifestações da visão parcializante estão marcadas *positivamente* como *cursivas*, expressas por meio de verbos auxiliares de estado ou movimento, ao contrário das formas verbais *simples* que são *não-marcadas*, ou *neutras*, quanto a esse traço, podendo expressar tanto ações *cursivas* quanto *pontuais*” (op. cit.: 65). No caso da expressão pelas formas simples, só o contexto verbal ou situacional pode esclarecer o conteúdo da forma na frase. Quando não há marca cursiva, trata-se, nesse caso, da visão “globalizante”, expressa, conforme Coseriu (1977), pelas expressões *pego e faço, peguei e fiz, agarrou e fez, foi e disse*, formas “feitas”, “consagradas” na língua. Nesses casos, as situações são consideradas globalmente, com início e fim definidos, sem se considerar a sua constituição temporal interna. Soares destaca que “a forma globalizante tem sempre o caráter *enfático* ou *expletivo*, daí seu uso ser mais próprio da linguagem afetiva e, portanto, dos registros mais coloquiais da fala” (p. 66)

Dietrich partilha com Soares a mesma opinião. Assim se expressa:

A oposição entre globalização e parcialização é certamente só indireta já que a forma verbal simples, indeterminada com respeito à visão, pode assumir em cada caso ambas as funções e estar assim em oposição direta com qualquer das funções da visão<sup>33</sup> (p. 212).

A visão parcializada subdivide-se em: *angular, retrospectiva, prospectiva, comitativa* e *continuativa*. Essa visão é de maior interesses para o nosso trabalho, pois estão marcadas positivamente como *cursivas*, como já explicitado, expressas, em geral, pelas perífrases.

A *visão angular*, representada pela perífrase *estar fazendo*, foi de grande produtividade na língua falada do *corpus* analisado, inclusive no registro EF. Esse fato não foi surpresa, pois já o prevíamos, principalmente nas construções com *gerúndio*. Vejamos alguns exemplos.

- (117) É o terceiro ano que eu **tô ensinando** a quarta série ... esse ano tudo da manhã ... mas uma fraqueza total (D2: Inq.: 16, l:561-63)
- (118) “Olha Teresinha eu tenho duas amigas do meu curso lá que eu **tô fazendo** que elas são lá da TV e são elas que elaboram esse ... (D2: Inq.: 16, l:770-2)

<sup>33</sup> La oposición entre globalización y parcialización es ciertamente sólo indirecta, ya que la forma verbal simple, indeterminada respecto a la visión, puede asumir en cada caso ambas funciones y estar así en oposición directa con cualquiera de las funciones de la visión.

- (119) José Menezes... um:: cearensezinho que veio lá:: do interior de Jardim mas que **está brilhando** intensamente viu?... no::... no cenário musical... brasileiro (D2: Inq.: 06, l:297-9)
- (120) nós temos que nos e/... que entender isto... que a Universidade é gratuita porque alGUÉM... **está pagando** esta Universidade (D2: Inq.: 39, l:858-60)
- (121) eu disse pra ela que o meu o:: o:: o::... o passarinho... não precisava reproduzir porque ele sozinho ele já /**tava dando** prejuízo pra que ele reproduzir? eu teria que comprar era anticoncepcional pra ele... porque eu não quero que ele reproduza porque ele já /**tá me dando** prejuízo SÓ um... imagine reproduzindo... (DID: Inq.: 09 l, 1229-33)
- (122) é exorbitante... num sei nem onde é que ele /**tão colocando** tanto dinheiro mas é é muito ((ruído)) dinheiro realmente... mas num dá pra falar muito da UNIFOR não... um semestre só né?... ainda num sei não mas eu /**tô gostando** agora é claro que... se /cês quiserem arranjar uma vaga pra mim na UFC (DID: 06, l:806-10)
- (123) eu sonho muito com essa... com essa criatura que eu num sei porque que ela... /parece de vez em quando eu /**tô sonhando** com ela mas num sei dizer... a razão num sei ((ruído))... discernir o que é... (DID: 13, l:329-32)
- (124) QUANDO NÓS **estamos estudando** a estrutura do voCÁbulo ...a estrutura da oraÇÃO... NÓS ENTÃO... vamos saber o quê?... (EF: 114, l:148-50)
- (125) entretanto a mulher /**tá procurando** métodos mais violento mais eu diria mais draconiAno... pra poder se matar como revólver e tal... (EF: 19, l:139-41)
- (126) o poeta não era decadente o MUNdo é que **estava decaindo** /**tava** tudo se **acabando** (l:176-6)

Tomemos a frase (117) como modelo de análise. Percebemos que o falante indica, na situação expressa, um período, no caso é o terceiro ano, sem, contudo, precisar, rigorosamente, o início ou assinalar o fim da situação expressa. Sua ação de ensinar na 4ª série pode acabar naquele ano ou prosseguir, não se sabe, mas sabe-se que neste intervalo (há três anos) ele executa essa atividade. Comportamento semelhante apresentam as demais frases, resguardadas as devidas especificidades de cada uma, bem lembrado.

A forma perifrástica *estar + gerúndio*, sem flexão do verbo auxiliar, é usada pelos falantes para expressar a visão angular. Vejamos os exemplos, a seguir, em que encontramos no registro D2, com maior frequência, em DID apenas uma ocorrência e nenhuma presença em EF casos dessa natureza.

- (127) Eu acho que é porque o fato de eu **tar ensinando** uma língua diferente né? Inglês talvez seja isso que sente dificuldade (D2: Inq.: 16, l:251-2)

- (128) Eu num tenho esse tempo disponível pra **tar estudando** matemática não (D2: Inq.: 16, l:298-9)
- (129) inglês eu traduzo **BEM** sem haver:: sem haver necessidade de **estar buscando** isso aquilo mas eu traduzo às vezes mais pelo sentido... daquilo que está escrito do que MESMO... buscando palavra por palavra (D2: Inq.: 39, l:269-72)
- (130) fui assim à churrascaria::a sabe? a **SÍ::tio** mas era assim porque a... vida lá é meia... assim pa/ **tar saindo**... (DID: 32: Inq.: 32, l:283-4)

Também essas frases expressam a visão angular, pois a forma escolhida pelo falante demonstra sua intenção em expor a situação sem considerar seus pontos inicial ou final; ao contrário, a ação nelas desenvolvida é considerada em seu “curso”.

A visão angular pode, também, ser expressa por *estar a + infinitivo*, freqüente no português de Portugal, como assinala Dietrich, contudo extremamente rara no português do Brasil, principalmente no português falado. Em todo *corpus* analisado encontramos apenas uma ocorrência de um informante do sexo masculino, da II faixa etária.

- (131) realmente ..eh::... **estamo/ a desejar** o transporte ho / hoje oferecido pela CBTU (DID: Inq.: 42, l:43-4)

Ainda assim, a impressão que dá é que o falante tenciona, na verdade, é emitir sua opinião a respeito do serviço de transporte oferecido. O mais plausível, parece, é que desejou expressar-se nesses termos:

- (131a) realmente ..eh::... **deixa/ a desejar** o transporte ho / hoje oferecido pela CBTU (DID: Inq.: 42, l:43-4)

A baixa freqüência de *esta a + infinitivo*, diga-se de passagem, também foi registrada por Travaglia (op. cit.: 220), que a caracteriza como não típica do português do Brasil. Nosso trabalho e o de Travaglia vêm, aliás, corroborar antigas teses sobre esse traço do português brasileiro, a exemplo da encontrada no livro de Teyssier (1987: 82), conforme a qual “o giro *estar + gerúndio*, que em Portugal se acantona na língua (salvo em certas regiões), e que nos registos mais freqüentes da língua falada vem substituído por *estar + a + infinitivo*, é, no Brasil, geral em todos os registos: *está escrevendo*”.

Aliás, este é um traço conservador da variedade brasileira, pois remonta ao latim tardio, conforme testemunho de Camara Jr. (1976: 169) e encontrou guarida em português arcaico, segundo informação de Huber (s/d: 211).

Campos (1980: 112), no entanto, é do parecer de que “o uso de *a + infinitivo* não é privativo de Portugal, encontrando-se no Brasil, com a mesma variedade de uso, se bem

que em freqüência bem menor do que lá”. Todavia, a conclusão se aplica ao *corpus* de língua escrita compulsado.

Os dados analisados nos revelaram uma maneira alternativa, usada pelos falantes fortalezenses, para a atualização da dimensão aspectual visão angular. Foram várias as situações em que a perífrase *estar + gerúndio*, padrão da visão referida, ocorreu de forma intercala. Nesse tipo de situação, o falante opta por introduzir, entre os termos que compõem a perífrase, elementos adverbiais o que dá ao conjunto um valor enfático, em geral. As frases abaixo ilustram o fato.

- (132) Esse fim de mês/... esse fim de Ano... as festas **/tão** se assim **atropelando** (D2: Inq.: 39, l:585-6)
- (133) tem que **/tá** sempre **trazendo** prá{ticas alternativas né? (D2: Inq.: 07, l:1226 e 1228)
- (134) a gente **/tá** ali **almoçando** no restaurante dela e simplesmente a gente saiu a gente já num **/tava** mais **agüentando** (DID: Inq.: 06, l:157-9)
- (135) minha irmã e o esposo dela... eles são casado também... e a gente **/tá** sempre **saindo** porque... é a gente precisa do espaço... pra casal né? (DID: Inq.: 06, l:467-9)
- (136) o cinema brasiLEIRO quando começou o cinema nacional teve muita dificuldade né?... que que **/tava** mal **começando** a produção... aí teve que passar pro cinema sonoro isso foi u::ma um problema uma {dificuldade muito grande (DID: Inq.: 15, l:713-6)
- (137) eu **/tô** só **dizendo** a você o seguinte... que... olhe... olhe a quantidade de conexão que tem aqui aLÉM dessa tubulação (EF: Inq.: 152, l:253-4)
- (138) mas os últimos poemas até ... mil oitocentos e noventa e CINco são realmente ... de caráter simbolista ele **estava** sempre **caminhando** ... para ... o simbolismo ... (EF: Inq.: 03, l:712-5)

Observa-se que nos momentos em que o falante “necessita” introduzir o adjunto adverbial, para acrescentar certo matiz, “sente” que a melhor maneira é intercalando-o na perífrase, para dar o resultado esperado. Note-se que o efeito não seria o mesmo caso optasse pela posição anterior ou posterior. Tomemos um dos exemplos acima a título de ilustração.

- (135a) minha irmã e o esposo dela... eles são casado também... e a gente **/tá** sempre **saindo** porque... é a gente precisa do espaço... pra casal né? (DID: Inq.: 06, l:467-9)

Não percebemos nisso nenhuma mudança no valor aspectual básico. Recusamos, portanto, a interpretação de Travaglia (op. cit.: 218-9), que reconhece os matizes iterativo ou habitual conforme o adjunto adverbial. Mas, repetimos: não se trata de aspecto verbal e

sim de aspecto adverbial, aspecto esse identificado por Ilari (1992). Sugere-o, também, o artigo de Vlach (1993).

Pudemos detectar, também, no material analisado, a participação do verbo *ficar* na expressão da dimensão aspectual angular. Consideramos esse fato perfeitamente previsível, pois nossa experiência de falante nos tem colocado frente a situações dessa natureza. O fenômeno ao qual nos referimos foi detectado nos três tipos de registros, embora de forma escassa, porém suficiente para incluí-lo no esquema em questão. Diga-se de passagem que Campos (op. cit.) também se refere à expressiva quantidade de exemplos com *ficar*. No *corpus* analisado por ela, já se encontram exemplos no português arcaico. Eis exemplos nossos:

- (139) eu acho que ele faz assim um negócio com ela ela **fica... deixando** ela assim ansiosa (D2: Inq.: 02, l: 1383-4)  
 (140) ele botou implantou uma lente e eu **fiquei enxergando** (DID: Inq.: 13, l: 134-5)

Dietrich (p. cit.), a propósito de *ficar* mais gerúndio, comenta:

De nossa parte nos parece que, além das distinções estabelecidas por Coseriu, se pode identificar um caso especial da ‘visão angular’, em que coincidem os pontos **A** e **B** com o começo e fim da ação. Esta subcategoria da visão parcializadora assinalaria, pois, a consideração da ação em sua extensão do princípio ao fim. Diferente da ‘visão comitativa’, esta subcategoria implica a duração ininterrupta da ação em limites fixos. Há que se observar aqui que **A** pode coincidir com **C**, porém não **B** com **C**, como é possível na ‘visão angular’ simples.

Propomos para esta categoria o termo ‘visão extensiva’. Ao contrário da ‘visão global’, a ‘visão extensiva’ assinala a extensão da ação. Daqui que nos pareça apropriado considerá-la como caso especial da parcialização. Como função secundária aparece a categoria da duração. Por outro lado, aqui se observa um sincretismo com a categoria da ‘fase continuativa’<sup>34</sup> (p. 211).

A *visão extensiva* pode ser esquematizada assim:



<sup>34</sup> Por nuestra parte nos parece que, además de las distinciones establecidas por Coseriu, se puede identificar un caso especial de la ‘visión angular’, en el que coinciden los puntos **A** e **B** con el comienzo y fin de la acción. Esta subcategoría de la visión parcializadora señalaría, pues, la consideración de la acción en su extensión del principio al final. A diferencia de la ‘visión comitativa’, esta subcategoría implica la duración ininterrumpida de la acción en límites fijos. Hay que hacer observar aquí que **A** puede coincidir con **C**, pero no **B** con **C**, como es posible en la ‘visión angular’ simple.

Proponemos para esta subcategoría el término ‘visión extensiva’. Al contrario de la ‘visión global’, a ‘visión extensiva’ señala la extensión de la acción. De aquí que nos parezca apropiado considerarla como caso especial de la parcialización. Como función secundaria aparece la categoría de la duración. Por otra parte, aquí se observa un sincretismo con la categoría de la ‘fase continuativa’.

A *visão retrospectiva* caracteriza-se por apresentar a ação como se realizada até um ponto determinado; no gráfico, já referido, esse ponto é indicado pela letra **C**. Dietrich se refere a essa dimensão aspectual nos seguintes termos:

Na «visão retrospectiva» se considera a ação entre os pontos **A** e **C**.

A progressividade da ação se considera, portanto, até o ponto da fala<sup>35</sup>.

Esse tipo de visão é representado pela perífrase *vir fazendo*, no dizer de Soares.

Observemos os exemplos abaixo.

- (141) Será possível que uma vez na vida que a gente chama uma criatura aqui pa conversar num vem ... porque não tem tempo”... ele disse “não mas num tem não mas no dia que da matrícula ela **vem correndo** (D2: Inq.: 16, l:105-8)
- (142) isso a gente já **vem esperando** há muito tempo aí eu acho muito difícil (D2: Inq.: 47, l:153-4)
- (143) a gente **vem mantendo**... esse espírito do futebol porque na realidade ele influi diretamente DENTro da...da da da concepção do traBAlho da empresa (D2: Inq.: 45, l:181-3)
- (144) no Brasil a gente sabe que::... eh:: esse ramo **vem crescendo** muito nos últimos anos né? (DID: Inq.: 01, l:682-3)
- (145) a questão do separatismo eu vinha eu **vinha te dizendo**... num Dado momento havia esse... esse tipo de de JOgo em que São PAUlo (DID: Inq.: 10, l:854-6)
- (146) eu tirei o primeiro lugar nesse curso... e foi uma coisa assim::... absolutamente acidental que a gente num:: num /tava se empenhando pra isso... ah ah:: eh até se se esperava que o pessoal que já **vinha trabalhando** alguns já já /tavam lá na área no departamento... e:: se esperava até que essas pessoas... se saísse/ melhor mas... enfim aconteceu... (DID: Inq.: 46, l:239-44)
- (147) qual é a ligação com DEUS a resPEItO de Deus tudo o mais que /tá dentro da moral... crisTÃ... que essa moral...( ) **vem se impregnando**... e **sofrendo** algumas mutações... (EF: Inq.: 19, l:35-7)
- (148) quem é que se habilita a conceituar Geografia? **vem estudando** Geografia desde a quarta série quinta série... do primário... (EF: Inq.: 52, l:7-9)
- (149) eu **vinha falando** na aula passada QUE... o geÓgrafo ele... fotografia... vamo/ dizer assim entre aspa/... MELHOR... a::... a é... a paisagem... (EF: Inq.: 52l:77-9)

<sup>35</sup> En la «visión retrospectiva» se considera la acción entre los puntos **A** e **C**. La progresividad de la acción se considera, por tanto, hasta el punto del habla.

Não houve exageros no uso desse tipo de perífrase, que marcou presença nos três tipos de registro. As frases de (141) a (149) marcam claramente a visão retrospectiva, pois referem progressão da ação num momento que começa no passado e vem se prolongando até o momento da fala.

Na *visão prospectiva*, contrariamente à retrospectiva, a ação é vista como se realizando a partir de um ponto determinado, no gráfico citado, representado pela letra **C**. Em português, essa visão é expressa pela perífrase *ir fazendo*. Podemos verificar seu comportamento através dos exemplos a seguir.

- (150) Depois que você quando fizer seu primeiro planejamento você **vai infiltrando** a matéria da quarta série (D2: Inq.: 16, l:366)
- (151) a gente vai adiante **vai LENdo** sempre lendo lendo e procurando... novos:: novos caminhos novos {novos rumos (D2: Inq.: 39, l:361-3)
- (152) o Brasil é um país rico o Brasil tem jeito... o Brasil **vai caminhando** pro lugar certo... (DID: Inq.: 05, l:522-3)
- (153) DEPOIS no decorrer dos outro é que **vai mudando** um pouquinho... /tá entendendo? **vai vai começando** a entrar as cadeiras mais espeCÍfica... como eh::... Teoria e Técnica do TuRISmo... eh:: Planejamento e Oranização do Turismo... (DID: Inq.: 106, l:125-8)
- (154) eu batia assim uma fotografia assim de FRENte aí se se se via... aquele pequeno defeito... mas tudo bem... **fui passando** num liguei muito não... (DID: Inq.: 13, l:21-3)
- (155) a criANça se comunica sem saber graMÁTica... e à medida que a coisa **vai pasSANDO** quando ela num sabe o que É... ela pergunta... (EF: Inq.: 14, l:66-8)
- (156) quanto MAIS aumenta o número de suiCÍdio **vai crescendo**... MAIS **vai se distanciando** dessa possibilidade homicida... certo?... (EF: Inq.: 19, l:336-8)

A frase (150), por exemplo, expressa com clareza uma ação prospectiva. Ao se utilizar a forma perifrástica *vai infiltrando*, o falante tenciona dar uma visão que desenvolverá (*infiltrar a matéria da 4ª série*) a partir daquele momento, ou seja, a partir do momento ao qual se refere por ocasião de sua fala. Percorrendo cada uma das situações explicitadas, observamos fenômeno semelhante, de prospecção.

Na *visão comitativa*, a ação tramita livremente nos diferentes pontos de seu desenvolvimento. Nessa visão, a ação não obedece os limites entre os pontos **A** e **B**, representados no gráfico, ao contrário das demais que têm sempre pontos fixos como referência. A perífrase-chave para a expressão da visão comitativa é *andar fazendo*,

todavia o verbo *viver* também desempenha esse papel como assinala Dietrich, embora de uso muito restrito.

- (157) quando ele /tava apertado de dinheiro ele **andou f/ vendendo** algumas coleções que ele tinha (D2: Inq.: 45, l:910-1)
- (158) As Paulinas ti::nha... mas eu j:: **andei... procuRANdo...** mas disseram que já estava esgotado (D2: Inq.: 39, l:52-3)
- (159) até este ano de noventa e três eu também **andei ... joGANdo** (DID: Inq.: 08, l:441-2)
- (160) quando Wílson BÓia que é um um carioca que que andou por aqui pesquisando era um pesquisador terrível... pesquisava TUDO ... **andou descoBRINdo** ... que na polêmica entre Antônio Sales e e Adolfo Caminha por conta do primeiro livro de An/ de Antônio Sales *Verso diverso* ... ele havia citado uma opinião de Cruz e Sousa (EF: Inq.: 03, l:388-93)
- (161) bom o Lemos já disse aqui que eu sou poeta eu **andei publicando** algu/ alguma coisa até dois livro mas eu eu eu não me considero nenhum poeta bissexto (EF: Inq.: 03, l:988-90)
- (162) era muito animado eles ... **viviam perguntando** quando é que tem outra festa aí vem gente que você nunca viu (D2: Inq.: 07, l:2003-4)
- (163) o maçom prega no ninguém pode::... eh fazer propaganda né? um negócio MUIto... sutil muito escondido... eles num... num **vive fazendo** propaganda da da caridade que pregam... que eles FAzem... (DID: Inq.: 13, l:791-4)
- (164) esse MESmo nome aqui Castilho vocês encontram aí na:: TV Colosso que vocês só **vive assistindo...** né? aquele... aquele cachorrinho roMÂNtico que fala muita poesia... é inspirado nesse fulano aqui... (EF: Inq.: 36, l:86-9)

Não foram muitas as ocorrências com esse tipo de perífrase, especialmente as formadas com *viver* + *gerúndio*. No registro EF houve apenas um caso. De qualquer modo, marcaram presença nos três tipos de registro.

Na *visão continuativa*, a ação é considerada antes e depois do ponto C. Essa visão representa a combinação das visões retrospectiva e prospectiva. Em português, é expressa pela perífrase *continuar fazendo*, podendo ser expressa, também, pelos verbos auxiliares *seguir*, *prosseguir*, porém não houve registro de situações com esses verbos. Até mesmo com *continuar* as ocorrências foram escassas. Vejamos alguns exemplos.

- (165) como é ele já::... ficou mais::... cal::mo porque você falou pra ele não fazer mais aguação do:: do jar{DIM:: fazendo... **continua fazendo** agora aquela a::... aquela:: medicação que o doutor E. passou pra Ele (D2: Inq.: 39, l:562-6)
- (166) aí ela **continuava apertando** quanto mais ele apertava caía outro ... (D2: Inq.: 30, l:1071-3)



- (167) na minha opinião eu **continuo dizendo** que o... o:... o:: senador Zé Serra é um homem brilha::te um homem... mu::ito... preparado... **SÓ** que Ele... tem essa... **PRÉ**-disposição... pelo meno/... pela im**PREN**sa... contra o Nordeste... (DID: Inq.: 37, l:370-3)
- (168) que eu estou aqui no DNOCS e **CONTínuo trabalhando** com serviço público Apesar de não gostar... (DID: Inq.: 41, l:22-3)
- (169) o chefe do departamento disse “**NÃO** mas é isso mesmo vocês... a:: primeira **VEZ** a:: vocês num sabiam comé que era tal... a:: vamo/ tentar novamente:: vocês **continua/ fazendo** o curso de inglês”... e nós **continuamo/ fazendo** o curso de inglês (DID: Inq.: 46, l:407-11)
- (170) tava todo mundo **JÁ**... aderindo a essa... a esse Realismo enquanto que Portugal **NÃO** Portugal ainda **continuAva... seguindo**... as normas do Romantismo... (EF: Inq.: 36, l:11-3)
- (171) então **ELES SÓ SABE/** que entrou pela direita e /tá avanÇANdo... **AÍ** ele **continua avançando continua avançando continua avançando** e ele nem se apercebe /que tudo é burro né? (EF: Inq.: 53, l:870-3)

As situações expressas nas frases supracitadas não deixam dúvida quanto ao caráter continuativo da ação. Não há indícios de estabelecimentos de fases de desenvolvimento, a ação é apresentada como uma “constante”, sem momentos precisos de início ou de fim, porém com noção de que a ação tramita em um intervalo de tempo.

Dietrich assinala que em quase todas as línguas românicas, dentre elas o português, existem também construções com «verba adiecta» como *continuar a + infinitivo*. Era de se esperar que ocorresse com certa frequência em nossa língua, já que no dia-a-dia observa-se o uso dessa forma de expressão. Contudo, registramos apenas um caso no *corpus* levantado.

- (172) Beethoven é que ficou **SURdo** né?... {ele num E::ra **Continuou a compor continuou a compOR** e:: conseguia ouvir (DID: Inq.: 27, l:880-6)

Mais uma vez percebemos sincretismo: *continuar fazendo* (continuativa em visão, fase e colocação). Mudam, apenas, os valores relacionais em relação aos quais se situam.

Em suma, nossos dados corroboram a afirmação de Campos (op. cit.: 84), respeitante às perífrases com gerúndio, segundo a qual “essa perífrase é muito comum hoje na língua falada, nos diálogos em que se procura enfatizar a ação, situando-a no memento em que se fala. Para fins de comprovação consulte-se a mesma autora, à página 83, e constate-se o número substancial de perífrases com gerúndio, mormente com *estar* (50%). Aliás, diga-se de passagem, que, segundo Camara Jr. (1976: 69), o modelo data do latim

vulgar tardio: “*Stat spargendo me delas (Está espalhando os unguentos)*”. Ao lado de *estar*, também aparece o auxiliar *ir* em latim vulgar: *Errando vadit quasi caecus (Vai errando como um cego)*” (cf. também Said Ali: 1966). No tocante a outras perífrases no português arcaico com gerúndio, assim como Huber (op. cit.).

Gostaríamos de fazer menção a fatores restritivos à combinatórias de auxiliar e gerúndio do verbo principal. Isto, no entanto, fica para outra ocasião, pois esta demandaria um outro trabalho. Registre-se aqui, à guisa de ilustração, o trabalho de Ilari (1983) que, somente com relação à perífrase de *estar* e *gerúndio*, assinala, à página 36:

- I. A distribuição não se explica se for concebida apenas como o emparelhamento da perífrase *estar – NDO*, de um lado, com diferentes bases verbais de outro. Cabe ao contrário considerar um ambiente mais complexo, resultante da interação de quatro fatores:
- |                  |  |  |                       |
|------------------|--|--|-----------------------|
| 1.               | 2.                                     | 3. Propriedades  | 4.                    |
| Quantificadores  | Tempo verbal em que ocorre a perífrase | léxicas do verbo (categoria lexical a que pertence o verbo | adjuntos do predicado |
| <i>estar-NDO</i> |  |  |                       |
- II. Os fatores exemplificados em 4 atuam sobre a categorização a que o verbo estaria sujeito se empregado isoladamente. Por isso, 3 e 4 podem ser encarados como formando, por processos regulares, unidades complexas passíveis de subcategorização.
- III. O elemento 4 não é necessariamente segmental, podendo ser suprimido (em condições a precisar) pela situação de fala.

Podemos transferir o arrazoar acima, no que diz respeito às condições 2, 3 e 4 para outras perífrases com gerúndio.

Para Ilari, ainda permanecem como principais restrições de distribuição a serem discutidas:

- inexistência de imperativo na forma progressiva;
- incompatibilidade do progressivo, no presente, com verbos de permanência;
- impossibilidade do progressivo, no perfeito, com predicados “nominais”.

Travaglia (op. cit.) ensaia algumas explicações, mais ainda muito incipientes.

### A Fase ou Grau

A visão parcializadora *fase* ou *grau* é “a dimensão relativa às fases objetivas da ação designada por um verbo” (Soares, op. cit.: 66). Conforme Dietrich (op. cit.: 214), “a categoria do *grau* ou da *fase* se refere ao grau de realização da ação no momento do ato de

fala”<sup>36</sup> (op. cit.: 214). Essa categoria, em suma, faz referência ao início, meio e fim do transcurso da ação.

Para o português, Soares, também Dietrich, identificam seis fases: a) *iminencial*, representada por *estar por fazer*; b) *inceptiva*, representada por *pôr-se a fazer*; c) *progressiva*, expressa pela perífrase *ir fazendo*; d) *continuativa*, indicado por *continuar a fazer*; e) *conclusiva*, representada por *acabar de fazer*; f) *egressiva*, expressa por *vir de fazer*.

Neste particular, é bom ressaltar que algumas perífrases podem comportar simultaneamente visão e fase, a exemplo de *ir fazendo* (visão prospectiva e fase progressiva) e *continuar fazendo* (continuativa em ambos os casos). A própria Soares reconhece tal hibridismo funcional em termos de sincretismo.

Essa forma apresenta sincretismo com *ir fazendo* como *visão*. A categoria de fase expressa que um ponto da ação é enfatizado em detrimento dos outros. Esse ponto pode ser o início, o meio, o fim ou outro ponto. Em algumas línguas românicas, a fase progressiva aparece como significado secundário das visões prospectiva e retrospectiva (*vou fazendo*, *venho fazendo*) e da visão comitativa (*ando fazendo*), e a fase continuativa, da visão continuativa (*continuo fazendo*). Acharmos que há sincretismo em *ficar fazendo* (*visão* e *colocação*) e talvez em outros mais (op. cit.: p.186).

A *fase iminencial* é a consideração da ação antes de seu começo. Para esta fase, o falante dispõe, além da perífrase já citada, de *estar para fazer*. O que constatamos, todavia, é que essas formas são raras, até no português escrito atual. Na língua falada culta do falante fortalezense praticamente inexistente a marcação de tal fase. Pelo menos foi o que mostraram os dados colhidos no *corpus* analisado. Apenas um caso foi encontrado.

(173) esse grande incremento turístico que **tá pra chegar** no Ceará  
(D2: Inq.: 45, l: 491-2)

Entretanto, nossa experiência de falante natural nos leva a crer que estas formas ocorrem com frequência no falar cotidiano. Estranha-nos o fato de tão escassa produção no *corpus* levantado.

Intuímos, todavia, que a locução *estar para* (ou *estar pra*) é mais corriqueira que *estar por*. Só que o *corpus*, acidentalmente, não a evidenciou.

A segunda fase, a *inceptiva*, para Soares, ou *ingressiva* para Dietrich, é marcada pela perífrase *pôr-se a fazer* ou similares *começar a fazer*, *sair a fazer*, e assinala o ponto inicial da ação.

<sup>36</sup> La categoría del «grado» o de la «fase» se refiere al grado de la realización en el momento del acto del habla (Dietrich, op. cit.: 214)

A forma perifrástica *pôr-se a fazer* não se atualizou no material coletado. Trata-se de uma construção formal, provavelmente própria de língua escrita. Atualmente, é pouco provável que encontremos uso dessa forma mesmo na língua escrita formal. Na língua falada, pelo menos no universo que pesquisamos, só a perífrase com *começar a* foi atualizada, para expressar a fase inceptiva.

- (174) A secretaria tá sabendo que nós não temos professor de Inglês professor de Literatura ... **começou a citar** né ... os professores que estão faltando (D2: Inq.: 116, l:425-7)
- (175) aí depois vão dizer que num deu certo porque o povo **começou a consumir** demais como foi na época do Cruzado "não num deu certo que com/ **começaram a consumir** demais pronto aí num deu certo" (D2: Inq.: 28, l:439-41)
- (176) QUANdo eu **comecei a estuDAR**... a capoeira eu vi que a COIsa num era... tão SIMples... como se fala... (DID: Inq.: 24, l:473-5)
- (177) em sessenta e seis eu **comecei a trabalhar**... nós es/... estabelecíamos então quem... quanto... vai ficar pra obra (DID: Inq.: 41, l:795-6)
- (178) quem **começou a mudar** isso foi João Baptista Figueiredo... foi quem **começou a a a avacalhar** esse nosso país... (DID: Inq.: 41, l:823-5)
- (179) depois... a gente **começa a dimensionar**... né?... de lá pra CÁ... da TORNEIRA pra caixa d'água... você vai... ter um boCAdo de torNEIRA... aí CAdA uma tem... uma certa unidade de vazão que é o peso (EF: Inq.: 152, l:172-5)
- (180) TOdo dia se tinha um:: conferen/ conferencista diferente... para proferir... essas palestras... E:: POR final... esse esse esse:... essas conferências são vetadas pelo governo... porque eles **começam a criticar** MUIto a iGREja... né?... a:: igreja era coRRUpta... (EF: Inq.: 36, l:170-4)

Na língua falada, o usuário suprime, em alguns momentos, a preposição da perífrase *começar a*, embora a preferência seja pela sua utilização. Note-se, contudo, que o valor aspectual não se altera. Trata-se, apenas, de uma forma alternativa de expressão, própria da fala. Os exemplos seguintes mostram alguns desses casos alternativos.

- (181) Vocês só sai daqui quando vocês me disser o que é ler ... aí **começa buscar** conhecimento aí **começo escrever** na lousa (D2: Inq.: 16, l:618-20)
- (182) ele aSSume ele já **começa mudar** o... a estraTÉgia a filosofia de trabalho (D2: Inq.: 45, l:1223-4)
- (183) ...pacientes **começaram apresentar**... sintomas semelhantes de doença... me parece que foi em Nova Iorque (DID: Inq.: 01, l:232-3)
- (184) quando /cê chegar nessas caDEIRA Prática Instrumental você vai logo **começa aprender**:: (DID: Inq.: 27, l:663-4)

- (185) quando o POvo... **começa... fazer** pressão sobre as autoridade constituídas... o que aconTEce?... (EF: Inq.: 17, l:47-8)
- (186) cê vai vendo que a resistência térmica vai diminuindo vai diminuindo vai diminuindo aí um certo PONto **começa aumenTAR...** né?... (EF: Inq.: 54, l:185-7)

A *fase progressiva*, indicada por *ir fazendo*, expressa a consideração da ação após o seu início, em progresso. Soares pondera a respeito das convergências que ocorrem entre a fase progressiva com a visão, conforme já explicitado anteriormente. Esse pensamento é partilhado, em parte, por Dietrich.

Para ele,

A «fase progressiva» expressa a consideração da ação depois do começo em seu progresso e aparece nas línguas românicas, em geral, como função secundária da ‘visão prospectiva’.

Só em francês a combinação com *aller+(en)+gerúndio* tem a função da ‘fase progressiva’, já que atualmente se forma na prática exclusivamente com verbos que significam um «progresso»: *les eaux vont corissant, les prix vont (en) augmentant, «elles étaient allées se raréfiant»*. De forma distinta das restantes línguas românicas, aqui a visão se manifesta só como função secundária<sup>37</sup> (op. cit.: 217).

A *fase continuativa*, representada por *continuar a fazer*, corresponde a consideração da ação no ponto médio da suposta linha do tempo. Soares não é muito explícita quanto às condições de realização dessa fase. Ao que parece, há uma superposição (ou sobreposição?) de nuances aspectuais: fase e visão continuativa. Para Dietrich, inclusive, essa fase não apresenta expressão própria; aparece, na fala, como significado secundário de parcialização. Observemos o exemplo abaixo:

- (187) num impediu que ele fizesse:... **continuasse a compor** porque... ele já sabia o que que /tava escrevendo (DID: Inq.: 27, l:894-5)

Esse foi o único exemplo encontrado no material coletado. Comparando o conteúdo da frase (187) com as frases (165) a (171), da visão continuativa, não notamos modificações quanto à expressão da dimensão aspectual, talvez tenha se processado mudança no modo da ação.

A *fase conclusiva*, expressa por *acabar de fazer* ou semelhantes, considera a ação em seu ponto final.

<sup>37</sup> La «fase progresiva» expresa la consideración de la acción después del comienzo en su progreso y aparece en las lenguas românicas, en general, como función secundaria de la ‘visión prospectiva’. Sólo en francés la combinación con *aller+(en)+gér*. Tiene la función de la ‘fase progresiva’, ya que hoy se forma en la práctica exclusivamente con verbos que significan un «progreso»: *les eaux eaux vont corissant, les prix vont (en) augmentant, «elles étaient allées se raréfiant»*. De forma distinta a las restantes lenguas românicas, aquí la visión se manifiesta sólo como función secundaria.

Os dados obtido no material analisado contrariaram a nossa expectativa quanto à frequência no uso e expressão da dimensão aspectual com esse tipo de perífrase. Intuitivamente sabíamos das grandes possibilidades de ocorrência, dada a facilidade com que nos expressamos no dia-a-dia através de situações como estas: *acabei de me vestir; acabamos de chegar; Fulano acabou de comer* etc. Entretanto, o aparecimento foi mínimo no referido *corpus*. Apenas um caso com o verbo principal no infinitivo e alguns com gerúndio, conforme podemos constatar nos exemplos abaixo. Em D2 não houve nenhum registro.

- (188) e::le... e freqüentava minha CA::sa... e:: depo/ é que /**cabei casando** com ele eu digo homem... eu vou casar é com esse (DID: Inq.: 13, l:763-4)
- (189) fui me aprimorando no assun::to a minha tendência de início era muDAR de curso mas eu **acabei gostando** e me apaixonando pela terapia ocupacional (DID: Inq.: 21, l:60-3)
- (190) no caso aqui da... Geografia Astronômica priMEIro... você deveria saber o que É Astronomia pra depois saber o quê que a Geografia... aproveita da Astronomia... certo?... mas como Fundamentos... **acabou ficando** como optativa... (EF: Inq.: 53, l:5-8)
- (191) É um teorista que defende que Júpiter vai ser uma estrela... assim como aqueles que defendem que já foi... porque tudo indica que depois que uma estrela explode ela também imPLOde... e **acaba ficando** meio desmoralizada (EF: Inq.: 53, l:258-61)
- (192) mas quem tiver o interesse de fazer em CAsa pelo método... pela abordagem PADRÃO... que foi essa que a gente **acabou de faLAR**... vai ver que o resultado vai ser exatamente o mesmo... (EF: Inq.: 54, l:229-32)
- (193) eu tinha horror a viúvo que diga aí né? gostava dele como amigo ((ruído)) e::... **terminei casando** (EF: Inq.: 13, l:743-5)

Por fim, a *fase egressiva*, representada por *vir de fazer*, que corresponde a consideração da ação após seu ponto final. Na língua falada em questão, português oral culto de Fortaleza, não houve atualização dessa fase. Talvez isto se deva ao fato de *acabar de* acumular o sentido de egressividade. Poucos gramáticos, por sinal, se reportam a *vir de*. Nem Said Ali (1966), nem Huber (s/d) fazem alusão a este auxiliar. Pereira (1919) se refere a dois exemplos extraídos de língua falada, mas não tece comentários sobre a produtividade.

#### A colocação ou incidência

Retomemos a definição de Soares para essa dimensão aspectual:

A *colocação* ou *incidência* é a dimensão pela qual uma ação verbal é “situada” em relação a outras ações (normalmente não nomeadas, mas apenas implicadas). Em português são exemplos de *colocações* as seguintes perífrases: *começar fazendo*, *começar por fazer*, *continuar fazendo*, *ficar fazendo*, *acabar fazendo*, *vir a fazer*, *acabar por fazer*, e outras (op. cit.: 66-7).

Vejam alguns exemplos ilustrativos dessa dimensão aspectual, além dos casos já expressos nas frases (165) e (166) acima:

- (194) agora o senhor **começou lecionando?** (DID: Inq.: 05, l:356)
- (195) nós **começamos fazendo** o que no tempo do VARgas... o GRANde deBate que havia no Brasil chamava de indústria de Base (DID: Inq.: 10, l:582-4)
- (196) ele **coMEça... andando...** num mar de lavra... aí PÁra... aí diz assim “sabe que eu acho que a Terra é um ser vivo”... (EF: Inq.: 53, l:791-3)
- (197) eu mandei aqui p/o DNOCS porque eu já queria traba/**continuar trabalhando** no meu serviço... e fui redistribuída aqui p/o DNOCS (DID: Inq.: 41, l:974-6)
- (198) se ele **continua engolindo** MAssa pode ser que ele vá... também crescer e o seu núcleo vai ficar mais pesado (EF: Inq.: 53, l:244-5)
- (199) MAS apesar disso... ele nasce... **continua nascendo** os menino/nordestinos... e são predestiNAdos o quê?... À... à MORte e vida severina... (EF: Inq.: 56, l:219-21)
- (200) aí ... Conselho Regional ... vai discutir o ca::so **acabar julgando** (DID: Inq.: 01, l:828-9)
- (201) a {gente **acabou fazendo** um bem (DID: Inq.: 12, l:1086 e 1088)
- (202) e::le... e freqüentava minha CA::sa... e:: depo/ é que /**cabei casando** com ele eu digo homem... eu vou casar é com esse (DID: Inq.: 13, l:763-4)
- (203) no caso aqui da... Geografia Astronômica priMEIro... você deveria saber o que É Astronomia pra depois saber o quê que a Geografia... aproveita da Astronomia... certo?... mas como Fundamentos... **acabou ficando** como optativa... (EF: Inq.: 53, l:5-8)
- (204) É um teórsta que defende que Júpiter vai ser uma estrela... assim como aqueles que defendem que já foi... porque tudo indica que depois que uma estrela explode ela também imPLOde... e **acaba ficando** meio desmoralizada (EF: Inq.: 53, l:258-61)
- (205) então isso vai caracterizar exatamente a obra... baRROca que poderia **vir a somar**... a todas essas informações que a gente vai ter... sobre::... a::... o Barroco... no Brasil... o Barroco então ele... como **veio... a::... questionar::** mas não só questionar... eh::... modificar ou tentar modificar MUIta coisa (EF: Inq.: 35, l:109-14)
- (206) então isso **vem a MARCAR** também... /tá?... o:: o BARROco... a arte baRROca::... (EF: Inq.: 35, l:159-60)

Encontramos, também, construções com gerúndio e verbo no subjuntivo a respeito dos quais Soares e Dietrich não se posicionam. Mas é óbvio que apresentam noção aspectual, a despeito de o subjuntivo ora denotar realidade ora irrealidade.

- (207) disse "INÊS é o seguinte é porque eu /tô saindo do PAULO eu /tô querendo sair daqui do Paulo mas né porque eu /tô brigada com ele não é porque eu resolvi que vou montar um escriTÓ::rio... e tudo... e /tô querendo um emprego só me/... mei/ expediente... com uma pessoa que trabalhe com ambientação... porque é realmente o meu interesse né?... e eu queria saBER... se tu conhecia alGUÉM:: que **tivesse precisando** porque eu não conheço muitos arquitetos se tu conhecia alguém"... aí ela disse "pois eu /tô precisando AQUI vem aqui falar comigo" (D2: Inq.: 02, l:1154-62)
- (208) um rapaz considerado um CRAque né? ((pigarreu))... ENTÃO... dificilMENTe... um CRAque... PERde um pênalti SEJA... né::?... /TEJA **ESTEJA saindo** do BANco ou não... porque... as probabilidade de:: qualquer pessoa fazer um pênalti... é ENORme né?... (DID: Inq.: 20, l:706-10)
- (209) a não ser que haja uma muDANça como está haven::do do povo se revol::TAR... e (lá) existe Jesus esclarecido que... está... se unin::do acontece isso mas enquanto /tiver... eh reinando... enquanto **estiver reinando**... a o que é de POSSE... /tá /TÁ:: está inTEIRAMENte... entregue nas MESmas mãos (DID: Inq.: 23, l:181-6)
- (210) pra ele num existe essa questão de casos normais... /tô falando aqui mas se alguém quiser alguma coisa se eu **tiver dizendo** alguma coisa que... tu estudou?... (EF: Inq.: 138, l:286-8)
- (211) EMBORA vocês num **estejam vendo** esse desenho em perspectiva que ficaria meLHOR de entenDER... MAS como vocês são desenhista/ dá pa/ entender (EF: Inq.: 152, l:63-5)
- (212) eu /**tive conversando** ontem com os índios... LÁ na Praça José de Alencar... (EF: Inq.: 17, l:742-3)
- (213) uma transitividade num sei se funcional seria o termo mais... uma tran/ transitividade sinTática porque é como se o elemento DE... **estivesse soliciTANDO**... um OUTro elemento... (EF: Inq.: 25, l:730-3)
- (214) MAS no Ceará a coisa é diferente ... pode ser até que eu **esteja enganado** ... (EF: Inq.: 03, l:503-4)

Conforme já colocamos, os exemplos supracitados (207 a 214) têm caráter exclusivamente ilustrativo. Não nos compete, no momento, nos voltarmos para eles. A exploração desses casos pode ser objeto de estudo posterior.



### 3.3. RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES TEMPORAIS E AS ASPECTUAIS

A relação entre as dimensões temporais e aspectuais consiste na combinação das referidas dimensões, em certos contextos. Isto quer dizer que uma perífrase que indica *visão*, *fase* ou *colocação* deve estar num dos planos *atual* ou *inatural*, e pode ser acrescida dos auxiliares *ter* ou *ir* para indicar as perspectivas retrospectiva e prospectiva, conforme o auxiliar a que se liga.

Pelos dados colhidos, observamos que a língua falada dos informantes em estudo tende a separar as dimensões temporais das aspectuais. O que nos leva a esta constatação, é a baixa produtividade de casos em que se associam as referidas dimensões. Nos registros de D2 nenhuma situação foi encontrada. Em DID, obtivemos um número baixo de ocorrências, contudo mais expressivo, ainda, do que em EF. Outro ponto a destacar, é o fato de que a dimensão temporal retrospectiva não se atualizou em combinação com as dimensões aspectuais. Os poucos casos encontrados estão no âmbito da perspectiva prospectiva, ou seja, perífrases formadas com *ir* na indicação de tempo. Os exemplos, a seguir, evidenciam que dimensões aspectuais são atualizadas em combinação com a dimensão temporal explicitada.

( 215) a partir do momento que eu introduzo a criança dentro DA Água e eu entro num mundo junto com ela eu **vou /tar trabalhando** a noção de espaço de limite porque a superfície da água vai bater num limite fora dentro pra pessoa poder respirar também... certo? e **vai tra/ /tar trabalhando** T Odo... um mundo afetivo daquela criança (DID: Inq.: 21, l:165-70)

Essa frase expressa, simultaneamente, a dimensão aspectual *visão angular*, atualizada através de *estar trabalhando* em combinação com a dimensão temporal *prospectiva*, através do verbo *ir*, na condição de auxiliar.

A dimensão aspectual *retrospectiva* também se atualizou em consonância com a dimensão temporal, conforme podemos verificar na frase abaixo.

(216) no nosso caso nós vamos nos de/... nos deter PRIoritariamente na Literatura... /tá?... na Literatura ou seja... a:... alguns TEXtos que nós vamos trazer pra cá pra fazer... exatamente o levantamento... eh:: dessas características DENtro... dos TEXtos que nós **vamos vir a estudar**... os TEMAS... são:: sempre contraditórios... né?... (EF: Inq.: 35, l:196-201)

Nesse caso, ocorreu a expressão da dimensão aspectual através da perífrase *vir a estudar*, que, combinando-se com *ir*, responsável pela expressão da dimensão temporal prospectiva, resultou na combinação das duas dimensões. Sabemos, contudo, que não se trata de fenômeno comum na língua falada. Prova disso é o fato de estar presente somente em EF, e, ainda assim, expressa através de *ir + vir a + infinitivo*. Com gerúndio não houve ocorrência.

Ainda no âmbito da visão parcializadora, atualizaram-se, combinadamente, as dimensões temporal *prospectiva* e a aspectual *continuativa*, expressas pela perífrases *vou continuar acreditando*, conforme frase abaixo.

(217) EU acredito... piamente... no Brasil... SEMpre acreditei... **vou continuar acreditando...** e:... DIsse... publicamente (DID: Inq.: 37, l:622-4)

De fato, não consideramos expressão comum atualizações com essas combinações. Não ouvimos com frequência, por exemplo, expressões do tipo:

- *vou vir fazendo* algo;
- *vou ir fazendo* algo;
- *vou andar fazendo* algo.

Quanto às combinações com *estar fazendo* e *continuar fazendo*, nos parecem passíveis de atualização. Contudo, a produtividade foi, também, mínima: um caso com cada uma dessas formas, conforme já comentado. Soares não apresenta nenhum exemplo com combinação entre as dimensões temporal e aspectual.

As *fases*, em combinação com a dimensão temporal, não foram atualizadas, como prevê Soares. A autora admite que dificilmente se encontrará contexto que admita expressões, do tipo: *tenho estado por fazer*; *vou estar por fazer* (combinação das dimensões temporais com a *fase iminencial*); *tenho vindo de fazer*; *vou vindo de fazer* (combinação das dimensões temporais com a *fase egressiva*); *tenho continuado a fazer*; *vou continuado* (combinação das dimensões temporais com a *fase continuativa*). A combinação das dimensões temporais com a *fase inceptiva* é, praticamente, impossível: *tenho-me posto a fazer*; *vou me pôr a fazer*, provavelmente não se atualizará em nenhum contexto. Todavia, é perfeitamente previsível a combinação da dimensão temporal retrospectiva com a aspectual *fase conclusiva*: *ter acabado de fazer*. No material analisado, porém, não detectamos nenhum caso. Com já falamos anteriormente, esse tipo de

construção pode ser mais facilmente encontrado na língua falada coloquial; talvez, por isso, não tenhamos encontrado no nosso *corpus*, uma vez que se trata de fala culta.

Localizamos alguns exemplos em que se combinam as dimensões temporal e a aspectual *colocação*. Das diversas possibilidades previstas por Soares, para essa dimensão aspectual: *começar fazendo, começar por fazer, continuar fazendo, ficar fazendo, acabar fazendo, acabar por fazer, vir a fazer* etc., vemos que combinações se atualizaram. Adiantamos, porém, que om *ter* e *haver* não encontramos nenhum caso.

- (218) cê vai ver ainda vai tirar o MANDato dele todinho **vai ficar ganhando** num sei quantos milhões até termiinar (DID: Inq.: 05, l:618-20)
- (219) o que ele não sabe eu tenho que ensinar porque ele é que **vai fiCAR... representando** a minha firma dentro da obra... (DID: Inq.: 49, l:418-20)
- (220) cidadão achava que já ... já tinha vivido bastante e queria era descanso né? e:: e **ia ficar fazendo** outra coisa depois (EF: Inq.: 03, l:481-2)
- (221) então nós **vamo/ ficar sabendo** de muitas coisas mas um pouco... perdidões com o quê que a gente vai fazer... com essas muitas coisa/ que /tá sabendo... (EF: Inq.: 53, l:709-11)
- (222) elas reproduzem o que eles fazem e **vão continuar reproduzindo** depois que forem adultas... daí a importância de se cuidar enquanto é pequeno" (D2: Inq.: 28, l: 267-8)
- (223) a Ana Cristina... não en/... nã::o... também **vai entrar contribuindo** (D2: Inq.: 07, l:234-5)
- (224) porque justamente se a gente **fosse viver assistindo** esses filme a gente **ia viver angustiada** porque eu passei uma semana angustiada com *A lista de Schingler* (D2: Inq.: 30, l:886-8)

Mesmo sendo *ficar* um verbo bastante usado pelos falantes, em geral, ainda assim não registramos nenhum caso em D2.

No que tange à combinação de dimensões aspectuais, pouquíssimo há o que dizer.

Por isto, não reservamos secção à parte. O único exemplo encontrado foi:

- (225)nós não moramo/ num país sério... e se você tem ideAL... você... se decepciona toda hora... eu num devia dizer isso pra vocês que **estão... começando** ago::ra... **fazendo** o curso de vocês com TOdo o ideal do mundo (D2: Inq.: 41, l:95-8)

## CONCLUSÃO

Para esse estudo, calcado na teoria/modelo desenvolvido por Soares (1987) a partir da proposta de Coseriu (1980) seguimos alguns “passos”, conforme resumimos a seguir.

Na primeira parte, tratamos da questão das perífrases, com intuito exclusivo de fazer uma reflexão acerca dessa questão, já que esse assunto envolve um outro que é a problemática da auxiliaridade. Nessa questão, procuramos evidenciar pontos convergentes e divergentes entre os autores, de modo que nos possibilitasse uma conclusão a respeito de que direcionamento seguir em nosso estudo. Concluimos por acatar como auxiliares nas seguintes perífrases:

- d) com infinitivo: *ir*;
- e) com gerúndio: verbos copulativos, verbos *andar, ir, vir, seguir*;
- f) com particípio: *ter e haver*.

Excluímos os chamados auxiliares modais. Também não fizemos referência aos auxiliares diatéticos, pois a categoria de voz, pela sua complexidade, demanda estudo à parte.

Na Segunda parte, tratamos do aspecto, em geral, todavia procurando focalizar o aspecto nas formas perifrásticas.

Nesse momento, procuramos expor as várias teorias desenvolvidas pelos autores, em especial os autores brasileiros, como: Castilho (1968), Travaglia (1981), Costa (1986), Barros (1974 e 1981), Soares (1987). Para facilitar a exposição sobre o assunto e a melhor compreensão do mesmo, resolvemos agrupá-los em blocos, assim distribuídos:

- a) autores que não separam aspecto e modo de ser da ação;
- b) autores que tratam estruturalmente o aspecto.

A exposição do trabalho desses autores tem um objetivo maior: a escolha de uma teoria que melhor se adequa aos dados de língua falada selecionados para a nossa pesquisa. Por essa razão, o detalhamento desses estudos se fez necessário.

Os autores do bloco **a** desenvolveram trabalhos importante. Contudo, misturam aspecto com modo de ser da ação, misturam valores de língua com valores de fala. Vejamos como se posicionam alguns autores desse bloco.

Pottier et alii (1975) admitem que o aspecto, no verbo, atualiza-se também na forma infinitiva, denominada de *potencial*. Ao que chama de *prospectivo*. Barbosa segue, em alguns momentos, o pensamento desses autores. A autora admite que elemento como *ainda, já não, talvez*, que ela chama de pró-circunstantes, participam da expressão do aspecto, quando usados de forma combinada. Quanto a essa questão, percebemos que se trata de uma situação específica. Ocorre em certos contextos e em outros não.

Castilho (1968) apresenta um trabalho pioneiro na abordagem do aspecto; é inegável a importância desse estudo para a compreensão do referido assunto, contudo adota uma tipologia que, por vezes, gera certa confusão dado ao acúmulo de significações imputada a cada noção aspectual por ele identificada. O excesso de noções aspectuais acaba por causar confusão quanto à classificação dos aspectos atualizados na língua.

Travaglia (1981) desenvolve um trabalho já mais encorpado acerca desse assunto. Percorre um número considerável de obras para situar a questão do aspecto. O esquema que apresenta para a classificação do referido assunto tende a ser simplificado, segundo o próprio autor. Todavia, a simplificação do quadro em aspectos simples não resolve o problema do acúmulo de significações presentes nas situações expressas. Além disso, dada a abrangência de seu estudo, Travaglia acaba por “atropelar” certas noções. Não é muito explícito ao falar sobre *habitualidade*, e sobre a distinção entre esta e a iteratividade.

Quanto aos autores do bloco **b**, uns parecem mais sistemáticos na caracterização do aspecto. Inicialmente, por separarem aspecto e modo de ser da ação e, depois, por não confundirem valores de língua com valores de fala.

Barros dá uma boa dimensão ao estudo do aspecto, porém visualizamos alguns problemas em seu trabalho, principalmente o fato de interpretar o futuro como *aspecto potencial*. Todavia, a despeito do mérito de tratar o aspecto segundo valores estruturais e funcionais, incide no equívoco de colocar potencial como forma aspectual.

Adotamos a proposta de Soares mesmo sabendo dos problemas presentes nela, no que se refere à admissão de estruturalidade do aspecto. O que nos motivou a essa adoção foi, principalmente, a crença de que o ponto de partida é coerente: a necessidade de se distinguir *valores de língua* de *valores de fala*, valores do léxico e valores da gramática.

Dedicamos a terceira parte às *dimensões temporais, aspectuais* e à *relação entre essas dimensões*.

As *dimensões temporais* são definidas por Soares como *retrospectivas* ou *prospectivas*, conforme os auxiliares temporais sejam, respectivamente, *ter* ou *haver* e *ir*,

conforme, também, sua posição em relação aos pontos de referência: *presente*, do plano atual e *imperfecto*, do plano inatual.

Inicialmente, prevíamos que as perífrases com *haver + participio* era de rendimento mínimo, na língua falada em estudo, com relação às de *ter + participio*. De fato, os dados confirmaram tal previsão. Acreditávamos, também, que os falantes abusariam de construções com *ter*, na condição de auxiliar. O uso foi significativo, contudo não abusivo. As perífrases com *ter*(imp.) + *participio* foram bastante produtivas em lugar da forma simples de pretérito mais que perfeito, que, ao que parece, já se encontra em vias de extinção. Não só na língua falada, mas na escrita também.

A partir dessas constatações, passamos a algumas considerações a respeito do comportamento dos verbos auxiliares. Para isso, tomamos o verbo *fazer*, a exemplo do que fez Soares, como representante dos demais verbos da língua para os comentários a respeito.

- f) a forma *havia feito* não é comum porque não se emprega com freqüência, na fala, o verbo *haver*; normalmente ele é substituído pelo verbo *ter*
- g) a forma *tinha feito* é freqüente porque *tinha* o é. A forma simples correspondente *fizera* é mais formal e própria de língua escrita, como já admitimos;
- h) a forma *tinha feito*, em lugar de *teria feito*, é mais usual porque o uso do imperfecto pelo futuro do pretérito é comum;
- i) a forma *tereí feito*, tem sentido de perfeito, ação acabada. Também não é freqüente, pois não é proveitoso o uso do futuro do presente no língua falada; o que se ouve é *tenho feito* ou *vou ter feito* com valor de *tereí feito*;
- j) a forma *teria feito* é de baixa produtividade confinada aos registros de DID e EF;
- k) a forma *tivera feito* não nos parece usual no português, principalmente na língua falada, assim também como sua forma simples correspondente *fizera* não o é, em geral é substituída pela forma simples de pretérito.
- l) A forma *tenho feito* apareceu, mas somente nas terceiras pessoas. Parece-nos ser mais própria de uso coloquial;
- m) A forma *tive feito* não se atualizou em nenhum tipo de registro.

Os itens de **a** a **h** referem-se às dimensões temporais retrospectivas, dos planos atual e inatual. Conforme pudemos constatar, nem todas foram atualizadas na língua falada em estudo, como é caso de *terei feito* que não se atualizou nem por substituição.

As dimensões temporais prospectivas são sinalizadas por *ir fazer*. Aqui, também, houve lacunas.

No plano atual:

- a) a forma *vou fazer* foi amplamente usada. Já prevíamos essa situação em decorrência do uso freqüente do verbo *ir* na condição de auxiliar na língua falada, em geral;
- b) a forma *fui fazer*, na perspectiva acima especificada, não se atualizou espontaneamente. Os casos encontrados restringiram-se a “frases de efeito”;
- c) a forma *irei fazer* reafirmou seu alto grau de formalidade e não apareceu no *corpus* investigado.

No plano inatual:

- a) a forma *ia fazer* foi bem representada no material coletado. Não surpreende, mas não deveria ser tão acentuada a participação por se tratar de língua falada culta. Essa forma seria mais esperada no fala coloquial;
- b) a forma *fora fazer*, como já prevíamos, não encontrou campo fértil nesse *corpus*. Não se atualizou em nenhum dos registros;
- c) a forma *iria fazer* se atualizou, embora com tímida participação.

O esquema do subjuntivo se atualizou quase que completamente. A única forma que não teve representação foi a de presente: *faça*. Deve-se ressaltar, porém, que a participação em termos de quantidade de expressão não foi tão significativa quanto a participação com o indicativo.

Ainda na terceira parte nos dedicamos às *dimensões aspectuais*, para as quais tínhamos, também, algumas expectativas: a produtividade das perífrases com gerúndio, notadamente as formadas por *estar* como auxiliar, bem como a riqueza de aspectualidade nessa forma.

As dimensões aspectuais definidas pela teoria escolhida são: *visão*, *fase* ou *grau* e *colocação* ou *incidência*. A *visão*, por seu turno, subdivide-se em: *angular*, *retrospectiva*, *prospectiva*, *comitativa* e *continuativa*.

A *visão angular* mostra a ação considerada entre dois pontos. É representada pela perífrase *estar fazendo* e foi a de maior produtividade nos dados da língua em foco. Na

*visão prospectiva*, a ação é vista como se realizando a partir de um determinado ponto para frente. É representada por *ir fazendo*, cuja atualização na língua falada culta do fortalezense foi bastante expressiva. Ambas: visão angular e visão prospectiva atualizaram-se de forma equilibrada entre si.

Na *visão retrospectiva*, ao contrário da prospectiva, a ação é vista como se realizando até um ponto determinado. É representada por *vir fazendo*. Situações com esse tipo de perífrases não foram comuns no material estudado. Fato já esperado, devido ao verbo *vir* (auxiliar) que não é comum. Expectativa diferente tínhamos quanto à *visão comitativa*, representada por *andar fazendo*, cuja ação é considerada em diferentes pontos de seu desenvolvimento. Nossa experiência de falantes nos levava a crer que o uso de *andar*, como auxiliar, seria mais fortemente explorado. Contudo, a frequência foi muito abaixo do esperado.

Na *visão continuativa*, a ação é considerada antes e depois do ponto de referência. É representada através da perífrase *continuar fazendo*. Aqui, também, o índice de atualização foi aquém do esperado.

Quanto à relação *tempo* e *aspecto*, podemos dizer que o falante culto fortalezense tende a separar as duas dimensões. Constatamos que não ocorreram muitas situações de combinação entre as referidas dimensões.

Como já registramos, a teoria de Coseriu suscita questões, ao largo das quais passamos por não haver espaço e tempo para os necessários questionamentos e conseqüentes refinamentos teóricos. Ficam para o futuro as seguintes questões, dentre outras:

- a) é, de fato, o aspecto plenamente estruturável em português?
- b) a estruturação apresentada não camuflará, por exemplo, a aspectualidade presente nas dimensões temporais?
- c) até que ponto se justifica separar, de um lado, dimensão temporal e, de outro, dimensão aspectual na expressão lingüística?

Veja-se o caso de *ir fazer*, em que há noção de iminência e de futuro. Veja-se igualmente o caso de uma forma como *venho fazendo* que apresenta sentido semelhante ao de *tenho feito* com a diferença de que o quadro em se situa é diferente do quadro em se situa este último.

Fica para um próximo trabalho o estudo detido desta e de outras questões correlatas.



## BIBLIOGRAFIA

- ALI, Said. (1957). *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Acadêmica.
- \_\_\_\_\_. (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo. Melhoramentos.
- \_\_\_\_\_. (1969). *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo. Melhoramentos.
- ALMEIDA, João de (1980). *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis. ILHPA – HUCITEC.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. (1871). *Gramatica philosophica da língua portuguesa*. Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias.
- ARRAIS, Telmo Corrêa. (1991). *Tempo e aspecto, tempo e modalidade: de volta ao futuro*. São Paulo. Alfa, V. 35, p. 11-17.
- BARBOSA, Maria Aparecida. (1981). *Língua e discurso: contribuição aos estudos Semântico - sintáticos*. Global.
- BARROS, João de. (1957). *Gramática da língua portuguesa* (org. por José Pedro Machado). Lisboa. Sociedade Astória Ltda.
- BARROS, Luiz Martins M. (1974). *Aspecto e tempo na flexão do verbo português*. Niterói. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. Tese de mestrado. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. (1981). *Princípios e métodos estruturais aplicados ao sistema verbal do português*. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de doutorado. Mimeo.
- BECHARA, Evanildo. (1966). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo. Nacional.
- BENVENISTE, Emile. (1988). “Ser” e “ter” nas suas funções lingüísticas. In.: BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas. Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1989). Estrutura das relações de auxiliaridade. In.: BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas. Pontes.
- BORBA, Francisco da. (1996). *Gramática de valências para o português*. São Paulo. Ática.
- BUENO, Francisco da Silveira. (1963). *Gramática normativa da língua portuguesa. Curso Superior*. São Paulo. Saraiva.

- CAMARA JR. J. Mattoso. (1968). *Dicionário de lingüística e gramática*. São Paulo. Iozan.
- \_\_\_\_\_. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Padrão.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro. Padrão.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis. Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis. Vozes.
- CAMPOS, Odete A. de Souza. (1980). *O gerúndio no português: estudo histórico e descritivo*. Rio de Janeiro. Presença.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (1968). *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília (SP). Coleção de Teses No. 06.
- \_\_\_\_\_. (1984). Ainda o aspecto verbal. In.: *EPA - Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, UNICAMP, No. 04.
- \_\_\_\_\_. (1997). A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador. Universidade Federal da Bahia, No. 19.
- COMRIE, Bernard. (1976). *Aspect*. Cambridge. University Press.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. (1985). *O tempo nos verbos do português - uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília. Thesaurus.
- COSERIU, Eugenio. (1977). *Estúdios de lingüística románica*. Madrid. Gredos.
- \_\_\_\_\_. (1979). *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro. Presença.
- \_\_\_\_\_. (1980). *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. (1986). *O aspecto em português: reflexão a partir de um fragmento do corpus do projeto NURC*. Savador. Dissertação. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. (1990). *O aspecto em português*. São Paulo. Contexto.
- CUNHA, Celso. (1983). *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte. Bernanrdo Álvarez.
- CUNHA, Celso Ferreira da. (1992). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. FAE.
- DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. (1959). *Syntaxe hystorica portuguesa*. Lisboa. Clássica.

DIETRICH, Wolf. (1983). *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*. Madrid. Gredos.

GÓES, Carlos. (1917). *Methodo de analyse*. Belo Horizonte. Beltrão & Co.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. (1993). *Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito*. São Paulo. Alfa, V. 37, p. 135-142.

HJELMSLEV, Louis. (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo. Perspectiva.

HUBER, Joseph. (s/d). *Gramática do português antigo*. Lisboa. Calouste Gulbenkian.

ILARI, Rodolfo. (1983). Advérbios aspectuais. ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português falado*. V.III. Campinas. Editora da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. (1997). *A expressão do tempo em perífrases*. São Paulo. Contexto.

JACHENDOFFE, Rays. (1972). *Semantic interpretation in generative grammar*. The MIT Press. Massachusetts. London.

JAKOBSON, Roman. (1963). *Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe*. In.: *Essai de linguistique générale*. Paris. Les Editions de Minuit.

KURY, Adriano da Gama. (1960). *Lições de análise sintática*. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura.

LEHMANN, C. (1982). *Thoughts on grammaticalization A programmatic*. Iktetch. Köln, Arbiet des kölnner. Universalien. Projects. Mimeo.

LEMLE, Miriam. (1989). *Análise sintática*. São Paulo. Ática.

LIMA, Rocha. (1964). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Briguiet & Cia.

LLORACH, Emilio Alarcos. (1981). *Gramática estructural*. Madrid. Gredos.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. (1975). Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade. In.: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Análises lingüísticas*. Petrópolis. Vozes.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira et alii. (1992). *Uma abordagem contrastiva do tempo verbal*. São Paulo. Alfa, V.36, p. 157-169.

LYONS, John. (1977). *Semantics*. Cambridge. University Press.

\_\_\_\_\_. (1979). *Introdução à Lingüística teórica*. São Paulo. Nacional

MACAMBIRA, J. Rebouças. (1978). *Português estrutural*. São Paulo. Pioneira.

\_\_\_\_\_. (1987). *Estrutura morfossintática do português*. São Paulo. Pioneira.

MACIEL, Maximino. (1931). *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro. F. Alves.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. (1996). O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.

MATHEUS, Maria Helena Mira et alii. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra. Almedina.

MATOS e SILVA, Rosa Virgínia. (1994). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo. Contexto.

MELO, Gladstone Chaves de. (1978). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico.

OITICICA, José de. (1919). *Manual de análise*. Rio de Janeiro.

PEREIRA, Eduardo Carlos. (1919). *Gramática histórica*. São Paulo. Secção de Obras d' O Estado de São Paulo.

PONTES, Eunice . (1973). *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis. Vozes.

POTTIER, Bernard. (1924). *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro. Presença.

POTTIER, Bernard et alii. (1975). *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo – Rio de Janeiro. DIFEL.

REIS, Antonio Silveira. (1972). *A perífrase verbal portuguesa (introdução ao estudo da sua estrutura e função)*. Ribeirão Preto. Tese de Doutorado. Mimeo.

RIBEIRO, João. (1926). *Gramática portuguesa: curso médio*. Rio de Janeiro. F. Alves.

RIBEIRO, Júlio (1885). *Grammatica portugueza*. São Paulo. Teixeira e Irmãos.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. (1950). *Serões gramaticais ou nova grammatica portugueza*. Bahia. Progresso.

SOARES, Maria Aparecida B. Pereira. (1987). *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro. PROED - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA JR., Pacheco de e ANDRADE, Lameira de. (1894). *Língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Livraria Clássica.

TESNIÉRE, Lucien. (1959). *Elements de syntaxe structural*. Paris. Klincksieck.

TEYSSIER, Paul. (1987). *História da língua portuguesa*. Lisboa. Sá da Costa.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1981). *O aspecto verbal do português*. Uberlândia. Gráfica da Universidade.

VLACH, Frank. (1993). *Temporal adverbials , tense and the perfect linguistics and philosophy*. 16. No. 3. June.

VILELA, Mário. (1986). *Gramática de valências*. Lisboa. Almedina.

VOTRE, Sebastião. (1996). Um paradigma para a lingüística funcional. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.

VOTRE, Sebastião e CEZARIO, Maria Maura. (1996). Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito e auxiliar-verbo. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.